



**MARIA TERESA HORTA**  
"As luzes de Leonor"  
é um projecto de vida

**AUTORES PORTUGUESES TRIUNFAM NO MUNDO**

**ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO**  
NOS 35 ANOS DE CARREIRA  
"A MINHA GERAÇÃO" À FLOR DA PELE

**ALVES REDOL e JORGE AMADO - DOIS CENTENÁRIOS EVOCADOS NA SPA**





A SPA DESEJA  
AOS **AUTORES PORTUGUESES**  
UM NATAL COM SAÚDE,  
TRABALHO E PAZ  
E QUE O ANO DE **2013** SEJA  
DE INTENSA CRIATIVIDADE  
E DE RESPEITO PELOS  
SEUS DIREITOS  
E PELA **CULTURA EM PORTUGAL**





N.º: 36  
Outubro/Dezembro 2012  
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: José Jorge Letria

Direcção Executiva e Coordenação:  
José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Administração e Direcção da SPA,  
António-Pedro Vasconcelos, António Tavares-Teles, António Torrado, Edite Esteves (EE), João Lourenço, José Jorge Letria, Susana Ramos Ventura e Vanda Guerra

Direcção de Arte e Design: José Maria  
Ribeirinho

Fotografia: Arquivo da SPA, Alfredo António, DR, Inácio Ludgero e Jaime Seródio

Design e tratamento de imagem:  
JM Design&edições  
www.jm-designedicoes.com

Propriedade:  
Sociedade Portuguesa de Autores  
Av. Duque de Loulé, 31  
1069-153 Lisboa  
Tel: 21 359 44 00  
Fax: 21 353 02 57  
email: geral@spautores.pt  
site: www.spautores.pt

NIF.: 500257841  
ICS: 100206  
Tiragem: 3000  
Periodicidade: Trimestral  
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:  
António Coelho Dias, S.A.

Depósito Legal: 224 872/200

## SPA 87 anos

A nossa casa  
A nossa causa

## Sumário

Em tempo de crise e de ataque contra os autores, em vésperas de ano novo, “o que se espera dos autores, em 2013, em Portugal e nos outros países, é que dêem cada vez mais a cara pelas sociedades que os representam, não se afastando e desinteressando de matérias das quais poderá depender o seu futuro”, afirma-se no **Editorial** deste n.º 36 da Autores. É, aliás, com a máxima **“Com a cultura em estado de asfixia, os autores unidos continuarão a lutar pela defesa dos seus direitos”** que a Direcção da SPA vai apresentar à votação, no **dia 21 de Dezembro, em Assembleia Geral, o Plano para 2013, que aqui publicamos na íntegra**. Em termos de modernização e investimento por parte desta cooperativa, destaque para o **protocolo firmado na sede da SPA com a sua congénere espanhola, SGAE, não só a nível de futuros negócios de cariz tecnológico, com a SPA Digital já autonomizada, mas também no domínio da intensificação da cooperação cultural**. Por outro lado, a **actuação ao piano do Maestro António Victorino d’Almeida, por iniciativa da SPA, no Museu dos Instrumentos da Música, em Bruxelas, a abrir a 6.ª Conferência Anual do EUobserver, que decorreu a 27 de Novembro, foi muito bem acolhida e “marcou pontos” para a nossa sociedade**. Também o **dossiê especial desta edição salienta a intervenção da directora do Departamento de Relações Internacionais, Vanda Guerra, na Conferência Europeia para debate da justa remuneração nas plataformas digitais, com o tema “Gestão colectiva: um direito do autor?”**. A nova secção **Autores Portugueses no Mundo** está igualmente recheada de triunfos para a nossa criatividade; **Afonso Cruz, Nuno Maló (uma vez mais), Dulce Maria Cardoso, Viale Moutinho, as Marionetas de Mandrágora, a Companhia de José Caldas, João Canijo e Valter Hugo Mãe**. A nível nacional, o investimento na divulgação e dignificação da imagem da SPA tem destaque nesta Autores, de modo muito especial, na **confirmação da realização da Gala SPA/RTP 2013 no próximo dia 25 de Fevereiro no CCB, com transmissão directa pela estação pública de televisão**. Na sequência da luta que a SPA tem vindo a liderar na defesa dos seus autores em diversos domínios, **é de relevar o encontro que os seus dirigentes**



**tiveram com o novo secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, no decurso do qual foi prometido o avanço das leis que o anterior ocupante daquele cargo governamental deixou na “prateleira”**. Não deixa, porém de avisar a administração da SPA que **“em 2013, sem nova Lei da Cópia Privada não haverá Fundo Cultural”**. A concretizar um dos objectivos da cooperativa no sentido de incrementar a **memória dos autores**, damos nesta edição espaço para dois artigos evocativos de dois centenários de nascimento de autores comprometidos com o seu tempo: o do ribatejano **Alves Redol, por António Tavares-Teles** e o do brasileiro **Jorge Amado, pela sua conterrânea Susana Ramos Ventura**. Esta professora catedrática brasileira dissertou, igualmente, na SPA, sobre **“A Virtude de Viver da Escrita”**, através de um percurso por **Monteiro Lobato, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Vinícius de Moraes**, a que se seguiu, dias depois, uma evocação de **Drummond de Andrade**, passados 25 anos sobre a sua morte, por **Leonor Xavier e a actriz e encenadora brasileira Numa Ciro**. Estas duas sessões integraram-se nas **intervenção da SPA no Ano Portugal-Brasil, Brasil-Portugal**. Também evocando a **memória de Carlos Paredes**, o presidente da SPA, **José Jorge Letria, realizou a palestra de encerramento do colóquio de dois dias promovido pela Câmara Municipal de Coimbra sobre “A Guitarra e o Fado de Coimbra”, que decorreu a 12 e 13 de Outubro, na Casa da Escrita, com uma intervenção, intitulada “Memória de um Génio em Doze Cordas”, que publicamos na íntegra**. O artigo de fundo em evidência nesta Autores é assinado por **António-Pedro Vasconcelos**, e intitula-se **“O que nos querem ‘vender’ para vender a RTP”**. As entrevistas deste número e que fazem **capa** focam-se nos 35 anos de carreira de **António Manuel Ribeiro/UHF** e nos livros **“As Luzes de Leonor” e “Poemas para Leonor” de Maria Teresa Horta**. O relevo no capítulo das **Medalhas de Honra da SPA** vai para o poeta e pintor surrealista **Cruzeiro Seixas**, com 90 anos, dando-se ainda conta da atribuição desta distinção, a **título póstumo a Luiz Goes e a Manuel António Pina**, recentemente falecidos. No capítulo das **homenagens**, de salientar as que foram feitas por ou com intervenção da SPA a **Álvaro Salazar, Carlos Avilez, Luís Filipe Costa e a Fernando Lopes**. A homenagem que a SPA prestou a este realizador de cinema está consubstanciada no livro **“Fernando Lopes – Um Rapaz de Lisboa”, da autoria de Jorge Leitão Ramos**, apresentado dia 5 de Novembro, sendo a sua edição da **responsabilidade conjunta da SPA e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda**. Aliás, este é o primeiro título da **Colecção Biografias de Autores** que as duas instituições acordaram inaugurar em **parceria**. Além da homenagem que Armando Caldas promoveu em Linda-a-Velha a **Luís Filipe Costa**, este radialista foi **distinguido com o Prémio Igrejas Caeiro**, na sua primeira edição. A **exposição “O Poeta da Reportagem - Ryszard Kapuscinski (1932-2007)”** inaugurada no dia 16 de Novembro, na Sala-Galeria Carlos Paredes, em conjunto **com a Embaixada da Polónia** é ponto saliente desta Autores. Em notícias de última hora, damos conta da atribuição do **Grande Prémio de Tradução Literária APT/SPA ao poeta Albano Martins** pelo trabalho de tradução realizado na **“Antologia da Poesia Grega Clássica”**; da **entrega dos prémios PEN 2011**, com a presença do secretário de Estado da Cultura; da **reunião plenária em Lisboa dos delegados da SPA de todo o país, com saldo positivo; e o anúncio, em conferência de imprensa, do programa Novos Autores, uma realização conjunta da SPA, Antena 3 da RDP e RTP 2**. A SPA lamenta nesta edição a morte de **Manuel António Pina, Victor Wladimiro Ferreira, Joaquim Benite e António Damião/Henrique Nicolau**.



O ano de 2012 termina para os autores portugueses de todas as disciplinas com muitas apreensões e dúvidas, apesar do reconhecido esforço, em vários domínios, que a SPA tem vindo a desenvolver para enfrentar os muitos perigos e ameaças que se perfilam no horizonte. Essas apreensões e dúvidas resultam, em grande parte, da gravidade da crise que assola o país e a Europa, mas também da ausência de um quadro legislativo que, dando cumprimento ao que o Governo prometeu, vá ao encontro de algumas exigências e expectativas básicas e irrenunciáveis dos autores portugueses.

Espera a SPA que o novo Secretário de Estado da Cultura tenha condições para realizar uma boa parte daquilo que o seu antecessor, sem brilho nem glória, deixou clamorosamente por fazer. Os autores portugueses não podem continuar sem uma Lei da Cópia Privada e sem legislação adequada para o combate à pirataria em geral e na esfera digital em particular. Por outro

## SPA RESISTE E PENSA NO FUTURO EM TEMPO DE CRISE E DE ATAQUE CONTRA OS AUTORES

lado, pode concluir-se que a Directiva sobre a Gestão Colectiva, que se encontra em debate na Comissão Europeia e nos vários países da União, com excepção de Portugal, visa endurecer o funcionamento das entidades fiscalizadoras nacionais e transnacionais e limitar a sua autonomia, favorecendo objectivamente, mais os utilizadores/consumidores e alguns operadores económicos desta área, muitos mais do que os autores e quem legitimamente os representa. A SPA nada tem, bem pelo contrário, contra o reforço da transparência e da agilização de procedimentos no quadro da gestão colectiva, embora considere que nada disto deve acontecer pelo facto de as sociedades de autores terem sido colocadas sob um injusto regime de suspeição. Esse regime oculta e ignora o verdadeiro papel destas sociedades, únicas trincheiras com as quais os autores contam para protegerem as suas obras, os seus direitos e os seus interesses. Paira no ar a ideia de que a crise que a Europa



EM 2013, O QUE SE ESPERA  
DOS AUTORES, EM PORTUGAL  
E NOS OUTROS PAÍSES, É QUE DÊEM  
CADA VEZ MAIS A CARA PELAS  
SOCIEDADES QUE  
OS REPRESENTAM, NÃO SE  
AFASTANDO E DESINTERESSANDO  
DE MATÉRIAS DAS QUAIS PODERÁ  
DEPENDER O SEU FUTURO

atravessa está a ser utilizada como pretexto para se limitar e atacar as sociedades de gestão colectiva e o seu papel, que também é cultural, assistencial e moral.

Em 2013, o que se espera dos autores, em Portugal e nos outros países, é que dêem cada vez mais a cara pelas sociedades que os representam, não se afastando e desinteressando de matérias das quais poderá depender o seu futuro.

A SPA renova este apelo, que vem de longe e que faz agora mais sentido do que nunca, para que não se pense que as sociedades de autores são meras coutadas de tecnocratas que gerem como bem entendem o património que lhes está confiado.

A SPA constitui um bom exemplo de como podem e devem ser os próprios autores a gerir a instituição que defende e apoia os criadores culturais do país.

O ano que vai começar será de resistência e de combate por aquilo que consideramos justo e inalienável. Uma SPA fraca torna fracos os autores portugueses, que mais do que nunca devem estar unidos, conscientes e mobilizados para enfrentarem dificuldades como nunca antes esta casa conheceu, designadamente nos tempos de prosperidade em que a opacidade era grande e o secretismo excessivo. Muita coisa mudou entretanto. Por isso, os próximos anos serão decisivos para a sobrevivência desta casa, para a sua modernização e para a sua adequação aos grandes desafios e ameaças que marcam os tempos conturbados que estamos a viver. Tudo continuaremos a fazer para que a SPA vença as barreiras e incompreensões com que se defronta e seja cada vez mais respeitada por tudo aquilo e por todos aqueles que representa e em nome dos quais fala.

Dezembro de 2012  
A Direcção e o Conselho de Administração



## PROMETIDO O AVANÇO DAS LEIS QUE O ANTERIOR SECRETÁRIO DE ESTADO DEIXOU NA “PRATELEIRA”

UMA DELEGAÇÃO DA SPA, constituída pelo seu presidente da Direcção e do Conselho de Administração, José Jorge Letria, e pelos directores e administradores João Lourenço, vice-presidente, e Pedro Campos, foi recebida no passado dia 29 de Novembro pelo novo secretário de Estado da Cultura, Dr. Jorge Barreto Xavier, “a quem foram apresentadas as preocupações da nossa cooperativa com o atraso na entrada em vigor das leis da Cópia Privada e do combate à pirataria”. De acordo com uma nota emitida pelo Conselho de Administração da SPA, datada do dia seguinte, “aquele membro do governo deu a garantia de que estes diplomas ficarão prontos a breve trecho e que terão vigência no princípio de 2013, recuperando-se assim o tempo perdido, lamentavelmente, durante mais de um ano”.

O presidente da SPA solicitou ainda o empenhamento do secretário de Estado na revisão das directivas europeias sobre o Direito de Sequência e sobre o Comodato das Bibliotecas, “assuntos que o Dr. Jorge Barreto Xavier se comprometeu a analisar oportunamente”.

Por último, segundo a referida nota de 30 de Novembro, “a delegação da SPA manifestou a vontade de conhecer o que o governo pensa sobre a Lei da Gestão Colectiva, que será também consagrada numa directiva europeia actualmente em preparação”, já que, “até ao momento, não é conhecida qualquer posição do governo português sobre esta matéria, sendo Portugal um dos poucos países da União que ainda não tomou posição sobre este assunto”.

O comunicado refere que foi também dito ao secretário de Estado da Cultura que “essa lei em circunstância alguma deve ser lesiva dos interesses dos autores e das sociedades que os representam”, tendo ficado claro que “a SPA defende o reforço dos princípios da transparência e da simplificação de procedimentos”. “O secretário de Estado sublinhou a importância institucional da SPA, parceiro com o qual manifestou o propósito de continuar a dialogar, enaltecendo a experiência e o percurso desta instituição que completa 88 anos de existência em 22 de Maio de 2013”, salienta a nota.

## SPA EXCLUÍDA DE COMISSÃO ESPECIALIZADA DO CONSELHO NACIONAL DE CULTURA

O secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas, que cessou funções no final do mês de Outubro, “não incluiu a Sociedade Portuguesa de Autores, por despacho de 11 de Abril de 2012 (nº 5337/2012), na Secção Especializada do Cinema e Audiovisual do Conselho Nacional de Cultura. A representação das sociedades de gestão colectiva de direitos de autor para esta área foi confiada ao músico Pedro Wallenstein, presidente da GDA, cooperativa de artistas e não de autores”. A revelação foi feita pelo Conselho de Administração da SPA num comunicado emitido a 30 de Outubro passado. A Direcção e o Conselho de Administração desta cooperativa de gestão colectiva de direito de autor dizem naquela nota ser forçados a concluir que “o secretário de Estado Francisco José Viegas afastou injustificadamente a SPA” – “facto que não pode deixar de ser denunciado e lamentado”, sublinham -, uma vez que, em seu entender “deve ser excluída, à partida, qualquer forma de negligência ou distração que possa ter gerado esta omissão”. E esclarecem que “esta exclusão impossibilitou a SPA de intervir, em sede própria, no debate sobre a Lei do Cinema”.

Acreditando que esta situação será corrigida pelo novo titular da SEC, a SPA lembra ao novo secretário de Estado da Cultura, Dr. Jorge Barreto Xavier, que “esta cooperativa, sendo multidisciplinar, representa muitas dezenas de autores do audiovisual”, e alerta para o facto de “a sua ausência numa secção especializada reconhecida a empobrece”.

“Mais grave parece à SPA”, de acordo com o comunicado em referência, “que as sociedades de gestão colectiva de direito de autor se encontrem representadas nesta comissão especializada do Conselho Nacional de Cultura por quem não dispõe de legitimidade para o fazer, por representar apenas os artistas e os seus direitos – a GDA”.

Neste comunicado, os responsáveis da SPA registam ainda o facto de “a GDA ter anunciado no seu *site* a nomeação de Pedro Wallenstein, seu presidente, apresentando-o como representante dos direitos dos autores, condição que, em circunstância alguma – frisam - poderia ou deveria ter sido assumida, por não corresponder à verdade”.

## SPA JUNTA VOZ AO SECTOR DA RESTAURAÇÃO QUANTO À EXIGÊNCIA DE REDUÇÃO DO IVA

O Conselho de Administração da SPA voltou a juntar a sua voz à dos empresários e trabalhadores do sector da restauração no que toca à exigência de uma redução urgente do valor do IVA, que se situava na altura nos 23%.

Numa nota tornada pública a 21 de Novembro passado, para além de considerar que aquela forma de penalização fiscal contribui seriamente para o aumento do desemprego no sector e para o enfraquecimento de uma área relevante do nosso tecido económico, a SPA foca ainda um factor que se prende com uma das funções para a qual está vocacionada em relação à defesa dos direitos dos autores. Ou seja, considera que o aumento do valor do IVA para 23% na restauração “contribui para o agravamento das já existentes dificuldades de cobrança, pelo sector da Execução Pública, dos direitos correspondentes à utilização, nos espaços de restauração, de repertórios musicais protegidos”. Tendo presentes situações como a da Suécia, onde o valor do IVA foi reduzido para 12%, e a de França, onde o IVA será aumentado, só em 2014, para 10% - exemplifica – “a SPA apela ao governo no sentido de que reduza com urgência o valor actual do IVA, de forma a evitar o iminente colapso de um sector fundamental da nossa vida económica”. Desta forma, a SPA “reafirma a sua solidariedade com os empresários e trabalhadores do sector da restauração, vítimas em número sempre crescente da crise que afecta o país e para a qual não estão a ser encontradas as respostas e soluções adequadas”, conclui a nota do Conselho de Administração desta cooperativa.

## TECTO MÁXIMO DE DEZ MIL EUROS É SÓ PARA CANDIDATURAS DE 2012

O Conselho de Administração da SPA reiterou a posição segundo a qual, “a não haver nos próximos meses uma nova lei da Cópia Privada, não estará em condições de assegurar o Fundo Cultural para 2013”. O anúncio deste alerta foi feito pelo Conselho de Administração num comunicado emitido no passado dia 2 de Dezembro, o qual, aliás, veio confirmar o que já tinha sido publicado na edição anterior da Autores e referido numa outra nota divulgada no Portal, datada de 12 de Novembro.

A informação, entretanto veiculada nesta nota, de que “o tecto máximo dos apoios a atribuir tinha descido de 15 mil para 10 mil euros mantém-se”, embora, segundo o mais recente anúncio, “diga apenas respeito às candidaturas ainda pendentes no ano de 2012”.

“O princípio que presidiu a essa redução é o mesmo, ou seja, baixar o valor máximo para contemplar mais autores – explica a nota de 2 de Dezembro – mas só se aplicará no próximo ano se entretanto for promulgada a lei da Cópia Privada, que o novo secretário de Estado se comprometeu a fazer avançar nos próximos meses”.

Na verdade, o anterior comunicado referia que, tendo em conta a significativa redução das verbas provenientes da Cópia Privada, que constituem o único suporte do Fundo Cultural, a Direcção da SPA, na sua reunião do dia 30 de Outubro, decidira que, “até que novas perspectivas surjam nesta matéria, o valor máximo a ser atribuído a projectos enviados por cooperadores será de 10 mil euros, em vez dos 15 mil euros que até agora vigoravam”.

Já nesse comunicado de 12 de Novembro, a Direcção e o Conselho de Administração da SPA aproveitavam, no entanto, a oportunidade para lembrar, à semelhança do alerta já efectuado na última edição da Autores, que, “a não entrar em vigor, a curto prazo, a nova Lei da Cópia Privada, o Fundo Cultural que tem assegurado a concretização de muitas dezenas de projectos de várias disciplinas pode estar irremediavelmente comprometido, bem como o próprio futuro da AGECOP, a que a SPA preside e a quem compete cobrar e distribuir os valores da Cópia Privada”. “Uma vez mais – salientava a nota da SPA – a Direcção da SPA não pode deixar de lamentar a situação criada pelo Governo ao não dar cumprimento a um compromisso constante do seu programa”.



NO DIA 21 DE DEZEMBRO DE 2012

# Assembleia Geral da SPA vota Plano e Orçamento para 2013



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

No dia 21 de Dezembro, pelas 17 horas, vai realizar-se, no edifício da Rua Gonçalves Crespo, 62, em Lisboa, a Assembleia Geral Ordinária para apreciação e aprovação pelos cooperadores do Plano e Orçamento do exercício de 2013 da Sociedade Portuguesa de Autores. O Plano, que define as metas e objectivos a atingir no próximo ano, é reproduzido aqui na íntegra, para que todos os sócios e cooperadores possam seguir e analisar em pormenor as intenções da Direcção da SPA.

Conforme alerta o documento logo no primeiro parágrafo, “a grave situação económica, financeira, social e política que Portugal enfrenta não podia deixar de se reflectir de forma evidente e preocupante na vida da SPA e, naturalmente, naquilo que são as previsões, compromissos e projecções feitas em relação ao ano de 2013 e que encontram expressão no Plano e Orçamento que a Direcção agora submete à aprovação dos cooperadores”. E lamenta: “Apesar do enorme esforço realizado e da constante intervenção junto dos legisladores e decisores políticos, o ano de 2012 termina sem que se tenha assistido à concretização de nenhuma das medidas de carácter legislativo que constam do Programa do Governo, com relevo para a nova Lei da Cópia Privada, para a lei de combate à pirataria e para a própria Lei do Cinema, que ficou bloqueada no parlamento, sem que nada aponte para a sua entrada em vigor a curto prazo, a não ser que o novo secretário de Estado da Cultura disponha de condições e de vontade para o fazer”.

Após a justificação de cada item definido em pormenor no restante documento e das prioridades apresentadas como factores para romper com os enormes obstáculos e garantir um futuro sustentável para a cooperativa de gestão colectiva do direito de autor e dos autores que representa, a Direcção e o Conselho de Administração da Sociedade

Portuguesa de Autores, que assinam o documento, terminam com uma nota de convicção e de esperança: “Com a exacta noção da gravidade desta situação, que nos alarma e transcende, continuaremos a lutar por aquilo que sabemos ser justo e também pela demonstração, em todos os lugares onde a nossa voz for ouvida, de que a cultura e os seus agentes podem ser determinantes para a criação de mais riqueza, de mais emprego e para o reforço da coesão e da identidade nacionais e para a recuperação do nosso prestígio internacional enquanto nação livre e soberana. E que ninguém tenha o atrevimento de pensar ou de dizer que este assunto não diz respeito aos autores e à única entidade que legitimamente os representa - a SPA”.

E o Plano para 2013 conclui, relançando um apelo que é constante ao longo de todo documento: “Também por isso, nunca a unidade dos autores de todas as gerações e disciplinas foi tão decisiva, bem como a capacidade que tiverem de, nos lugares em que intervêm, deixarem clara a razão que lhes assiste e a importância dos valores por que se batem. Esses valores são laborais, cívicos, culturais, de justiça fiscal e de defesa intransigente de um país que vê a sua soberania e o seu futuro gravemente hipotecados”.

Nos termos do artigo 35º-3º dos Estatutos, é convocada para o mesmo dia, pelas 19 horas, e no mesmo local, a Assembleia Geral Extraordinária dos Cooperadores desta Sociedade, com vista à apreciação e votação das seguintes alterações ao Regulamento de Repartição de Direitos e Calendário de Distribuição: alteração à Parte I - Execução Pública (Repartição de Direitos e Distribuição de Direitos); alteração à Parte VI - Calendário de Distribuição; e introdução de nova secção na Parte VII - Calendário de Documentação.



# PLANO 2013

## COM A CULTURA EM ESTADO DE ASFIXIA, AUTORES UNIDOS CONTINUARÃO A LUTAR PELA DEFESA DOS SEUS DIREITOS

A grave situação económica, financeira, social e política que Portugal enfrenta não podia deixar de se reflectir de forma evidente e preocupante na vida da SPA e, naturalmente, naquilo que são as previsões, compromissos e projecções feitas em relação ao ano de 2013 e que encontram expressão no Plano e Orçamento que a Direcção agora submete à aprovação dos cooperadores. O quadro que, globalmente, marcou o ano de 2012 por certo irá agravar-se em 2013, desde logo porque não se divisam no horizonte nenhuns sinais sustentáveis de retoma e de recuperação. O verdadeiro “assalto” fiscal a que os Portugueses vão ser sujeitos e que agrava as piores expectativas traçadas em finais de 2011 irá ter consequências desastrosas para a vida do país em geral e, em particular, para a dos seus agentes culturais, crescentemente privados das condições que lhes permitam criar e difundir as suas obras e encontrar público com um mínimo poder aquisitivo que lhes permita comprar livros, ir ao teatro, ao cinema, ao bailado ou à ópera, assistir a espectáculos musicais ou adquirir trabalhos na área das artes visuais.

Nunca os autores portugueses viveram num clima de tamanha incerteza e de tão acelerado empobrecimento, sendo inevitável que esta realidade condicione severamente a acção da Sociedade Portuguesa de Autores.

Apesar do enorme esforço realizado e da constante intervenção junto dos legisladores e decisores políticos, o ano de 2012 termina sem que se tenha assistido à concretização de nenhuma das medidas de carácter legislativo que constam do Programa do Governo, com relevo para a nova Lei da Cópia Privada, para a lei de combate à pirataria e para a própria Lei do Cinema, que ficou bloqueada no parlamento, sem que nada aponte para a sua entrada em vigor a curto prazo, a não ser que o novo secretário de Estado da Cultura disponha de condições e de vontade para o fazer.

Por outro lado, o ano de 2012 foi amargamente caracterizado por cortes violentos no apoio à cultura, sendo previsível que, com idêntica dotação mas com compromissos entretanto

agravados, a situação de incerteza, penúria e falta de diálogo se agravem ainda mais.

O encerramento de milhares de estabelecimentos da área da restauração e da hotelaria, além de serem um sintoma inequívoco do estado de colapso da economia nacional, representou em 2012 e irá

representar, de forma ainda mais acentuada, em 2013, a impossibilidade de se cobrarem os valores justos aos utilizadores dos repertórios que a SPA protege. Entre as dezenas de milhares de trabalhadores que engrossam a cifra negra do desemprego estão muitos profissionais deste sector que deixarão também de ter condições para efectuar quaisquer consumos culturais, já que a sua prioridade absoluta é a luta pela sobrevivência e das suas famílias.

O Plano e Orçamento da SPA para 2013, não obstante a luta que foi travada quase diariamente em nome da defesa dos direitos dos autores, reflecte, em larga medida, o estado em que Portugal se encontra e, acima de tudo, a ausência de um horizonte de esperança que torne sustentável uma ideia de futuro, um projecto de recuperação e um desejo consistente de melhoria das condições económicas, financeiras e sociais.

Têm a Direcção e o Conselho de Administração da SPA a convicção de tudo terem feito, ao longo de 2012, no sentido de exigir garantias por parte dos poderes públicos, de adequarem a operacionalidade dos seus serviços ao estado de carência generalizada em que o país se encontra, de terem reforçado as medidas de apoio solidário aos cooperadores e aos trabalhadores da cooperativa e de terem tido, no terreno, uma acção muito mais intensa, regular e criativa, de forma a obter receitas que, de outro modo, não contribuiriam para o possível equilíbrio financeiro da SPA.

Durante 2012 e sobretudo durante 2013, tempo agravado de incerteza e de carência, tudo será feito para que os cooperadores se mantenham unidos e mobilizados, já que qualquer sinal de divisão ou fragilidade interna reduziria a capacidade de cobrança e de intervenção dos

serviços em sentido mais lato.

Consciente das dificuldades que irão ensombrar o horizonte em 2013, o Conselho de Administração deu aos responsáveis departamentais indicações precisas no sentido de se efectuarem reduções em todas as despesas correntes na ordem dos 20 % e intensificou o plano de austeridade aprovado pela Direcção logo no início de 2011. Os cortes previstos e a pôr em prática resultam do entendimento que a Direcção e o Conselho de Administração têm dos constrangimentos impostos a todos os sectores da vida nacional, mas não irão comprometer nenhuma prioridade de carácter estratégico que envolva, nomeadamente, a modernização dos serviços, a operacionalização plena do seu novo sistema informático e o apoio aos cooperadores.

### UM PLANO DE REESTRUTURAÇÃO QUE PERMITA À SPA ENFRENTAR O FUTURO

Entre essas prioridades encontra-se uma reestruturação dos serviços da SPA, que permita otimizar esforços, valorizar competências, apoiar novas funções, separar o essencial do acessório, combater o carácter arcaico de uma empresa que não soube modernizar-se na altura certa e investir na formação dos seus quadros. Só uma nova estrutura orgânica dará à cooperativa a possibilidade efectiva de enfrentar os desafios do futuro e de enfrentar os aspectos mais penalizadores e desgastantes da crise em curso. É nessa direcção que iremos avançar.

### EXECUÇÃO PÚBLICA E DELEGAÇÕES: NA PRIMEIRA LINHA DO COMBATE

Com base na avaliação regular do trabalho realizado pelas Delegações e num estudo realizado pela Deloitte, que deu especial destaque a este sector, conclui-se que o Departamento de Execução Pública/ Delegações conseguiu, em 2012, suster o impacto da crise e tentará manter





a operacionalidade e capacidade de intervenção necessárias para que uma previsível quebra a registar em 2013 não tenha consequências nefastas para a sustentabilidade financeira da cooperativa.

Para tanto, contribuirá o reforço da operacionalidade da Delegação de Lisboa, entretanto criada, e o levantamento exaustivo das situações passíveis de gerar receitas até agora não cobradas pela SPA.

A avaliação efectuada, em finais de 2012, pelo Conselho de Administração, do trabalho desenvolvido pelas Delegações, do Norte de Portugal até às Regiões Autónomas, revela que foram tomadas as decisões justas no momento certo e que o aparelho administrativo entretanto criado e reestruturado se encontra hoje preparado para enfrentar as situações mais adversas e imprevisíveis, tendo-se rompido definitivamente com rotinas e inércias instaladas no período anterior a Setembro de 2007.

A Execução Pública/Delegações representa a primeira linha de intervenção da SPA num mercado profundamente deprimido e recessivo, perante o qual deverá prevalecer um misto de firmeza, de sensibilidade, de capacidade de diálogo, de sentido pedagógico em relação ao que a lei determina e ainda de capacidade de detecção de situações que abram as portas para realidades de novo tipo e para as cobranças correspondentes. Apesar das justificadas apreensões, este será, uma vez mais, um factor decisivo para se conseguir garantir a sustentabilidade da cooperativa e o reforço da sua implantação no terreno.

### **"SPADIGITAL" E A CAMINHADA PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL**

A conclusão da instalação do sistema SGS, pilar central de uma nova realidade que passou a ser designada por SPADIGITAL, com todas

as valências que a informática avançada abarca e dinamiza, permitirá, em 2013, ter serviços mais ágeis, maior eficácia nas respostas, maior capacidade de adequação da SPA à realidade internacional com a qual operamos em rede e também encarar novas oportunidades de negócio que esta ferramenta digital vem colocar ao nosso alcance. Nesse sentido, será dada especial atenção às realidades vividas por sociedades de gestão colectiva no espaço lusófono, com as quais mantemos relações de cooperação e diálogo e que poderão beneficiar com a utilização destes novos meios que a SPA se encontra agora em condições de disponibilizar, com vantagens materiais e operacionais para todas as partes. Com esse objectivo, iniciaram-se já contactos exploratórios no final de 2012 que poderão ter expressão ao longo de 2013, o que poderá abrir portas para um novo ciclo da vida da cooperativa e dos seus horizontes económicos.

A SPADIGITAL, de acordo com a vontade da Direcção e do Conselho de Administração, irá ser uma das realidades mais marcantes do futuro da cooperativa dos autores portugueses. A SPADIGITAL colocará ao serviço dos cooperadores em 2013, como, de resto já se encontrava previsto, o acesso às contas-correntes e a possibilidade de efectuarem registo de obras on-line.

### **PRESTÍGIO E OPERACIONALIDADE NA FRENTE INTERNACIONAL**

Apesar da escassez de meios humanos com que se defronta neste domínio, a SPA irá reforçar ainda mais a sua capacidade de intervenção na cena internacional, designadamente como resultado da eleição do presidente da cooperativa para a Direcção do Grupo Europeu das Sociedades de Autores. Integrando esta estrutura directiva, a SPA tem agora uma presença muito mais visível e respeitada junto das sociedades que se encontram na primeira linha da luta pela defesa

dos direitos dos autores, designadamente junto da Comissão Europeia em Bruxelas.

Por outro lado, em 2013, a SPA confirmará a sua presença no Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais, que integra desde 2005, e noutros organismos da CISAC em que os seus representantes têm conquistado prestígio e credibilidade.

Ainda em 2013, apesar da crise internacional, está prevista a realização em Luanda da IV edição dos Encontro Lusófonos de Sociedades de Autores, ideia lançada pela SPA e que teve a sua jornada inaugural em Lisboa, em 2009. Trabalhar em rede com as sociedades congéneres e com as superestruturas do sector é absolutamente indispensável, num tempo em que, na Europa e nos outros continentes, os poderes políticos tudo fazem para condicionar a liberdade e a soberania das sociedades de gestão colectiva do direito de autor.

Esta será uma área de investimento crescente da SPA em 2013, apesar dos reconhecidos constrangimentos orçamentais, tendo em conta o carácter inadiável da operacionalidade e visibilidade da cooperativa neste domínio.

### **ÁREA DE GESTÃO DE CONTRATOS: COBRAR AINDA MAIS E MELHOR**

A Área de Gestão de Contratos continuará em 2013 a identificar novos operadores e situações passíveis de gerar novas cobranças, alargando, desse modo, o espaço de intervenção da SPA em domínios que evoluem a uma velocidade considerável e que nem sempre são, para a cooperativa, a desejável fonte de receita.

Integrada por quadros que conhecem bem esta área de intervenção e negócio, esta unidade apresentou resultados muito positivos em 2012, mas tem condições para ir ainda mais longe em 2013, apesar de funcionar em contra-ciclo e



# PLANO 2013

deparar, por vezes, com as normais resistências de quem pretende ganhar tempo para poder negociar numa posição mais vantajosa.

Um maior investimento da Administração na Área das Novas Tecnologias deverá, em 2013, contribuir para a identificação de um significativo conjunto de novos operadores e para o início de processos de negociação, quase sempre morosos e complexos, que possam assegurar novas fontes de receita à cooperativa.

A Administração está ciente de que esta área se reveste de uma crescente importância estratégica para a SPA, no quadro de um esforço de modernização cujos resultados se tornarão visíveis em 2013.

## TRABALHADORES: PREMIAR O MÉRITO E FORMAR NOVOS QUADROS PARA O FUTURO

A situação recessiva que Portugal atravessa e que tão notoriamente dificulta a actividade da SPA não pode deixar de ter expressão no modo com a Administração vai encarar a componente dos Recursos Humanos ao longo de 2013.

Após décadas de atraso no tocante à área informática e de sistemática ausência ou escassez de investimento na formação dos trabalhadores da cooperativa, duas prioridades se perfilam no horizonte: premiar o mérito de quem o tiver e souber demonstrá-lo, designadamente através de um plano de carreiras devidamente estruturado, e investir na formação e na especialização de quadros aptos a lidar com os complexos desafios deste tempo e com o potencial da SPADIGITAL, instrumento fundamental para a modernização da empresa.

Por outro lado, a Administração manterá as iniciativas de apoio social, designadamente através do subsídio de apoio à maternidade, do apoio à frequência de cursos superiores em áreas de reconhecido interesse para a SPA e

de concessão de subsídios ao CCD, de molde a que possa fornecer um número ainda maior de refeições diárias a preços muito inferiores aos do mercado da restauração. Desta forma, vai-se ao encontro de uma realidade que se tornou inequívoca em 2012 e que poderá vir a ter novos e positivos desenvolvimentos no quadro das relações da Administração com o CCD.

Por outro lado, tendo a SPA reforçado a sua presença no seio da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES), poderão advir, em 2013, dessa dinâmica de intercooperação claras vantagens para os trabalhadores e para os cooperadores, em moldes que se encontram em estudo e serão oportunamente anunciados. A SPA é, como todos sabemos, uma cooperativa de autores, mas tudo continuará a fazer para valorizar o trabalho dos seus trabalhadores, desde que seja competente, produtivo e leal, embora, neste momento, não seja possível assegurar de que modo as imposições da austeridade se irão reflectir na estabilidade do quadro de pessoal.

## COMUNICAR, PROMOVER A CULTURA E CRIAR UMA IMAGEM AINDA MAIS DINÂMICA

Desde finais de 2007 que a Administração da SPA definiu como prioridade estratégica a manutenção de uma presença regular e prestigiante nos meios de comunicação. Isso foi conseguido com o êxito que é hoje reconhecido e terá, apesar das dificuldades que afectam o sector da comunicação em Portugal, a desejável continuidade em 2013, com a realização de mais uma Gala do Prémio Autor, no CCB, numa parceria da SPA com a RTP 1, RTP Internacional e RTP África, com a presença diária na programação da TSF e com a continuidade já assegurada do programa “Autores”, agora também na TVI generalista, para além da TVI 24.

A revista “Autores” continuará a ser publicada

trimestralmente, mas com a possibilidade de ter pelo menos um encarte anual num dos jornais de referência portugueses, com uma tiragem muito superior à actual e com a indispensável inserção da publicidade paga.

Também o Portal, com um número crescente de visitas, constitui um espaço dinâmico de informação e partilha de informação que coloca a SPA na vanguarda das sociedades de gestão colectiva, como tem sido amplamente reconhecido e aplaudido em importantes reuniões internacionais.

Por outro lado, os espaços da SPA continuarão, em 2013, a oferecer eventos culturais de diversa índole, merecendo destaque duas grandes exposições, respectivamente sobre a encenadora Luzia Maria Martins e sobre o actor e declamador João Villaret, cujo centenário do nascimento se comemora em 2013.

Em colaboração com a Antena 3 da RDP passará a haver um programa mensal destinado aos novos criadores, com ampla divulgação pela rádio e pelas redes sociais. Deste modo, a SPA acentua e reforça a sua aposta na atracção e fidelização de novos criadores que possam garantir a continuidade e o futuro de uma instituição que comemora em 2013 oitenta e oito anos de existência, cada vez mais com os olhos postos nos tempos que estão para vir e que tão marcados estão pela incerteza.

À semelhança do que aconteceu em 2012, apostar-se-á na descentralização de iniciativas, na itinerância de exposições, na realização de uma série de colóquios sobre o estado da comunicação social e o serviço público de rádio e televisão em Portugal e ainda no aprofundamento da cooperação com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda para a área editorial.

Apesar das enormes dificuldades resultantes da paralisia da Lei da Cópia Privada, um dos vários compromissos que o actual governo não quis ou não soube honrar, a SPA tudo fará para garantir a continuidade do Fundo Cultural da



# DELEGAÇÕES DA SPA

Contactos no continente e nas regiões autónomas



## Fernando Jorge Pereira de Lima - BRAGA

Av.º General Norton de Matos, n.º 35 - 3.º andar, sala 6  
4700-387 Braga  
Tel: 253 274 951; Tlm: 913 940 409; Fax: 253 271 407  
E-mail: delegacao.braga@spautores.pt  
Horário de Atendimento: das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30 de 2.ª a 6.ª feira



## Carlos Nunes - PORTO

Rua D. Manuel II, 33 - 2.º Andar Sala 24 — 4050-345 Porto  
Tel: 22 606 19 20 / 1 / 2 / 4; Tlm: 91 759 34 42; Fax: 22 606 19 29  
E-mail: delegacao.porto@spautores.pt  
Horário de Atendimento: de 2.ª a 6.ª feira das 09h00 às 12h30 e das 14h00 às 18h00.



## Francisco Neves - VISEU

Travessa da Balsa, n.º 21 r/c - 3510-051 Viseu  
Tlm: 91 378 11 91; Tel: 232 422 489; Fax: 232 422 489  
E-mail: delegacao.viseu@spautores.pt  
Horário de atendimento: de 2.ª a 6.ª Feira das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h00



## Paulo Faustino - COIMBRA

Rua Figueira da Foz, n.º 11 - A - 3000 - 184 Coimbra  
Tel: 239 83 55 35; Tlm: 91 378 11 92; Fax: 239 83 86 19  
E-mail: delegacao.coimbra@spautores.pt  
Horário de Atendimento: 9:00 às 12:30 e das 14:00 às 17:30



## Noel Bracinha - LEIRIA

Rua Dr. José Henriques Vareda, Lt 19, Loja r/c Esq  
2410 - 122 Leiria  
Tel: 244 81 18 64; Tlm: 91 960 82 22; Fax: 244 10 02 01  
E-mail: delegacao.leiria@spautores.pt  
Horário de Atendimento: de 2.ª a 6.ª Feira das 11h00 às 12h30 e das 14h00 às 18h00



## Pedro Figueira de Sousa - LISBOA

Rua Gonçalves Crespo, n.º 62 — 1150-186 Lisboa  
Tel: 213 59 44 23/51; Tlm: 91 233 50 70; Fax: 213 59 44 57  
E-mail: delegacao.lisboa@spautores.pt  
Horário de Atendimento: de 2.ª a 6.ª Feira das 08h30 às 12h00, e das 13h30 às 17h00



## Rui Pádua - SETÚBAL e ÉVORA

Rua Gonçalves Crespo, n.º 62 — 1150-186 Lisboa  
Tel: 213 59 44 53; Tlm: 91 759 34 94; Fax: 213 59 44 57  
E-mail: delegacao.setubal.evora@spautores.pt  
Horário de Atendimento: de 2.ª a 6.ª Feira das 08h30 às 12h00, e das 13h30 às 17h00.



## António Rodrigues - FARO

Rua Justino Cúmano, 31 - Loja B — 8000-333 Faro  
Tel: 289 826 738; Tlm: 91 378 08 82; Fax: 289 803 300  
E-mail: delegacao.faro@spautores.pt  
Horário de atendimento: 09h00 às 12h30 e das 14h00 às 18h00



## AÇORES

Angra do Heroísmo  
Ilha Terceira  
Ilha Graciosa  
Ilha de São Jorge



Horta  
Ilha do Faial  
Ilha do Corvo  
Ilha do Pico  
Ilha das Flores



Ponta Delgada  
Ilha de São Miguel  
Ilha de Santa Maria



**Ana Paula Maciel**  
**HORTA**  
Lg. Duque D'Ávila e Bolama  
(Câmara Municipal de Horta) 9900-141 Horta  
Tlm: 918116978;  
Tel: 292 20 20 03;  
Fax: 292 29 39 90  
E-mail: delegacao.horta@spautores.pt  
Horário de atendimento: das 9h00 às 17h00 de 2.ª feira a 6.ª feira

**Emilia Medeiros Teves**  
**PONTA DELGADA**  
Av. Infante D. Henrique,  
N.º 47 - 1.º Dt.º  
9500-769 Ponta Delgada  
Tel: 296 205 720;  
Tlm: 96 788 18 22;  
Fax: 296 205 724  
E-Mail: delegacao.pontadelgada@spautores.pt  
Horário de atendimento: das 9h30 às 17h00 de 2.ª, 3.ª, 4.ª e 6.ª feira.

**Paulo Botelho**  
**ANGRA DO HEROÍSMO**  
Rua do Conselheiro  
Monjardino, 10  
9700 - 164 Angra do Heroísmo  
Tel: 295 217 512  
Tlm: 912 237 088 / 912 232 882  
Fax: 295 217 703  
E-mail: delegacao.angra@spautores.pt  
Horário de atendimento: Das 9h00 às 13h00 e das 14h00 às 18h00 de 2.ª a 6.ª feira

**Luís Filipe Aguiar - FUNCHAL**  
Rua da Carreira, 63 - 1.º. G — 9000-042 Funchal  
Tel: 291 09 81 12  
E-mail: delegacao.madeira@spautores.pt  
Horário de atendimento: de 2.ª a 6.ª Feira das 09h30 às 12h30 e das 14h00 às 17h00



AGECOP, única garantia existente para muitos autores de poderem dar forma e difusão às suas obras. Em 2012 os valores destinados ao Fundo Cultural sofreram uma alarmante redução e, neste momento, nada garante que possa haver Fundo Cultural em 2013.

A atribuição de Medalhas de Honra da cooperativa e de prémios como o recém-criado Igrejas Caeiro continuarão a representar, no plano afectivo e simbólico, o estímulo dado a dezenas de autores pelos seus pares, sob a forma de reconhecimento solidário e sempre presente, apoio imaterial que, no entanto, contribui para que não caia no desânimo e na desistência quem tanto tem ainda para criar e partilhar com o público.

## APOIAR OS AUTORES COM MEDIDAS CONCRETAS EM TEMPO DE CARÊNCIA

Sendo a SPA desde a sua fundação, em 22 de Maio de 1925, uma cooperativa de autores, eles constituem a razão de ser da existência desta instituição e do esforço que temos vindo a desenvolver com o objectivo de a modernizar. No que toca à vocação assistencialista da SPA, alguns passos significativos foram dados, designadamente com a criação de mecanismos de apoio como o Subsídio de Emergência, destinado a cooperadores em comprovado estado de carência, seja por doença, seja por perda súbita de rendimentos.

O constante agravamento da crise tem contribuído para o aumento do número de cooperadores que reúnem os requisitos para se habilitarem a essa forma de apoio. A Administração, reduzida de seis elementos para quatro devido ao falecimento do Maestro Pedro Osório e a uma longa situação de baixa médica do administrador José da Ponte, estando consciente da gravidade da situação que o país vive, tentará reforçar, em 2013, a capacidade de resposta a situações de emergência que requeiram uma intervenção rápida e solidária.

# PLANO 2013

Entre as medidas programadas para 2013, encontra-se a transformação de parte do espaço disponível no sétimo andar do edifício-sede para que aí possam ser servidas refeições a preços muito acessíveis aos cooperadores que a elas tenham de recorrer. O modo de funcionamento deste sistema será oportunamente anunciado. Podem, entretanto, os cooperadores contar com o acesso semanal, sem qualquer encargo, à consulta da médica do trabalho da SPA.

Por outro lado, a Direcção e a Administração irão retomar os contactos com a Câmara de Lisboa e com outras autarquias, com o objectivo de ver concretizado o projecto da Casa do Autor, iniciado há já alguns anos, mas que acabou por não ter dos municípios a receptividade que seria de esperar, designadamente por dificuldades financeiras e burocráticas que, no presente quadro, certamente não se terão atenuado. Ainda assim, efectuaremos todas as diligências que estiverem ao nosso alcance para que esse objectivo venha a cumprir-se de forma digna e sustentável.

Também pela via da inter-cooperação, no âmbito da nossa relação com a CASES, serão procuradas formas concretas de apoio aos nossos associados, desde logo para se reforçar o número de serviços e benefícios constantes do programa “Autores Mais”.

Consciente de que os próximos anos serão de austeridade agravada e de empobrecimento acelerado dos criadores culturais, a Direcção e o Conselho de Administração estudam formas de apoio, até agora fora dos horizontes da cooperativa, mas que a degradação das condições de vida no país tornem inevitáveis. Os responsáveis pelas estruturas executivas da SPA estão convictos de que esta é uma prioridade que o tempo histórico poderá tornar inadiável. Continuaremos atentos para que as medidas e as respostas não sejam comprometidas por hesitações ou dúvidas, embora não compita a uma instituição de direito privado e de utilidade pública substituir-se à função social do Estado, que parece estar cada vez mais ameaçada pelas políticas do actual governo.

## **A AUSTERIDADE E A CONTENÇÃO NÃO PODEM PARALISAR A CASA DOS AUTORES**

A SPA e Portugal estão a viver momentos de enorme incerteza, de carência e de restrição. Mesmo nos períodos em que o FMI interveio em Portugal, em 1979 e em 1983, não se viveram horas tão sombrias e preocupantes como as que hoje nos atormentam.

A SPA e os seus responsáveis estão conscientes da dimensão e da profundidade destes desafios e ameaças, que passam por directivas europeias cada vez mais hostis em relação às sociedades de gestão colectiva, por sentenças dos tribunais que revelam desconhecimento da natureza do nosso trabalho e da legitimidade que a lei e os autores nos conferem, pela concorrência agressiva de quem, representando direitos secundários, satura o mercado e fustiga os usuários e sobretudo pela ausência de medidas de carácter legislativo que permitam garantir aos autores receitas e meios de defesa dos seus direitos que há muito deveriam ter entrado em vigor, designadamente por constituírem promessas e compromissos de quem governa. Por tudo isto, não cruzaremos os braços, continuando a apostar, em Portugal e nos organismos internacionais em que temos assento, na mais intransigente defesa dos direitos dos muitos milhares de autores que representamos.

Mais do que nunca, é importante que a presença da SPA no espaço mediático lhe confira prestígio, credibilidade e respeito que não podem, em circunstância alguma, ser postos em causa por quaisquer questões internas sobre cuja menoridade e irrelevância ninguém terá dúvida, sobretudo num contexto político, social e financeiro de verdadeiro alarme colectivo.

Junto dos órgãos de soberania, com regularidade e veemência redobradas como aconteceu em 2012, junto das instâncias do poder judicial, junto da opinião pública, no seio da AGECOP (Associação para a Gestão da Cópia Privada), a que presidimos, junto das forças policiais para cuja formação nestas matérias temos dado um

valioso contributo, junto da juventude em idade escolar e dos usuários em geral, tudo faremos para que a nossa mensagem continue a passar de forma dinâmica e credível, de forma a que ninguém duvide de que sem autores não há cultura e de que, por trás de cada obra que o público pode fruir, existe pelo menos um autor que fará ainda mais e melhor se lhe forem dadas condições para viver com os direitos das obras que cria.

O ano de 2013 vai ser dos piores de toda a história da SPA, porque a indústria musical se encontra em colapso, porque todos os dias fecham portas dezenas de estabelecimentos de restauração e hotelaria e porque o cidadão comum, penalizado por uma feroz política de destruição da classe média, não dispõe de poder aquisitivo para comprar produtos culturais. Com a exacta noção da gravidade desta situação, que nos alarma e transcende, continuaremos a lutar por aquilo que sabemos ser justo e também pela demonstração, em todos os lugares onde a nossa voz for ouvida, de que a cultura e os seus agentes podem ser determinantes para a criação de mais riqueza, de mais emprego e para o reforço da coesão e da identidade nacionais e para a recuperação do nosso prestígio internacional enquanto nação livre e soberana. E que ninguém tenha o atrevimento de pensar ou de dizer que este assunto não diz respeito aos autores e à única entidade que legitimamente os representa a SPA. Também por isso, nunca a unidade dos autores de todas as gerações e disciplinas foi tão decisiva, bem como a capacidade que tiveram de, nos lugares em que intervêm, deixarem clara a razão que lhes assiste e a importância dos valores por que se batem. Esses valores são laborais, cívicos, culturais, de justiça fiscal e de defesa intransigente de um país que vê a sua soberania e o seu futuro gravemente hipotecados.

*Lisboa, 30 de Novembro de 2012  
A Direcção e o Conselho de Administração*



**PRESIDENTE DA SGAE REUNIU-SE EM LISBOA COM PRESIDENTE E ADMINISTRAÇÃO DA SPA**

# ASSINADO PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO NAS ÁREAS DAS NOVAS TECNOLOGIAS E DO INTERCÂMBIO CULTURAL



UMA DELEGAÇÃO DA SGAE presidida pelo seu novo presidente, Antón Reixa, deslocou-se a Lisboa, no passado dia 3 de Outubro, para se reunir com o presidente da SPA, José Jorge Letria, com a restante Administração e com dirigentes de vários departamentos da cooperativa, com vista a debater diversos assuntos de interesse comum para as duas sociedades ibéricas.

Um comunicado do Conselho de Administração da SPA, datado do mesmo dia, informa que, “além de terem analisado em conjunto as possibilidades de internacionalização do sistema informático SGS, adquirido pela SPA à estrutura digital ligada à sociedade dos autores espanhóis, as duas delegações trocaram informações sobre a situação que se vive em cada um dos países, sobre a situação europeia no tocante ao Direito de Autor, sobre o modo como decorre em Portugal e Espanha a cobrança dos direitos conexos e ainda sobre formas de cooperação cultural a desenvolver nos próximos anos a nível ibérico”. A SPA e a SGAE acertaram ainda posições comuns a serem assumidas, designadamente, na Direcção do GESAC (Grupo Europeu de Sociedades de Autores), que ambas integram. No final da reunião, em que participaram, pela parte espanhola, Pablo Hernandez e Jose Manuel Macarro, dirigentes da SGAE, e pela parte portuguesa, para além do presidente da SPA,

os administradores João Lourenço e Pedro Campos, e os dirigentes Vanda Guerra, Alexandre Miranda e Vítor Amorim, “foi assinado um protocolo entre as duas sociedades que cobre todas as áreas de cooperação a aprofundar nos próximos anos e que vão das novas tecnologias até ao intercâmbio cultural regular”.

Segundo salienta o comunicado, “o presidente da SGAE anunciou a publicação recente de um dicionário de música e de outro dedicado ao cinema ibero-americano, ambos com numerosas entradas dedicadas a autores portugueses”.

Os presidentes das duas sociedades manifestaram ainda a sua preocupação com a situação económica, financeira e social que se vive em Portugal e em Espanha.

Entretanto, o presidente da SPA, José Jorge Letria, convidou o seu homólogo Antón Reixa para estar presente, em finais de Fevereiro do próximo ano, na Gala do Prémio Autor, que se realiza no Centro Cultural de Belém, numa parceria da SPA com a RTP e cuja realização se encontra já confirmada, conforme damos conta noutra local desta revista.

Foi igualmente dirigido um convite ao dramaturgo Antonio Onetti, presidente da Fundação Autor, da SGAE, para se deslocar em breve a Lisboa, a fim de ser feita uma análise conjunta de vários projectos de cooperação cultural.

## **ANTÓN REIXA (SGAE)**

### **“PARA OS AUTORES ESPANHÓIS É ESTRATÉGICO TER BOA RELAÇÃO COM OS PORTUGUESES”**

Para os autores espanhóis é estratégico ter uma boa e intensa relação com os autores portugueses. Foi muito grato para mim esta primeira visita à SPA, em Lisboa. Afinal, somos ibéricos e é importante ter uma constatação e colaboração das nossas equipas na defesa do direito de autor, porque, no fundo, o que estamos a defender é a nossa própria identidade, a nossa auto-estima colectiva. Nós, autores,

somos protagonistas do nosso património cultural e do nosso futuro.

A nova SGAE, num tempo turbulento, necessita da colaboração com os parceiros portugueses, a sua confiança, o seu alento. Devemos assinar um protocolo que tem de ser preferencialmente eficiente nos próximos anos para o encontro da cultura portuguesa e da cultura espanhola, que partilhamos.

## **JOSÉ JORGE LETRIA (SPA)**

### **“PERMITE, NUM CONTEXTO IBÉRICO, REFORÇAR UMA COOPERAÇÃO EM QUE APOSTAMOS”**

A visita da sociedade de autores de Espanha, a SGAE, presidida pelo seu novo presidente, o autor, compositor e realizador de audiovisual Antón Reixa, que tem grande prestígio em Espanha, tem uma grande importância para nós, porque nos permite, num contexto ibérico, reforçar uma colaboração, uma cooperação em que sempre apostámos bastante e consideramos que é essencial, no contexto de crise na Europa para que possamos caminhar juntos e possamos sobretudo encontrar soluções que sejam vantajosas para ambas as partes, como sempre acontece numa parceria.

Esta reunião de várias horas foi uma reunião muito produtiva, em que apontámos para vários caminhos que são convergentes e complementares, num clima de grande cordialidade, de grande fraternidade. Tratámos de questões que têm a ver, naturalmente, com as áreas tecnológicas em que temos interesses comuns, mas também o protocolo que acabámos de assinar tem um aspecto fundamental que é a cooperação cultural.

Há, neste momento, uma perspectiva de cooperação cultural para os próximos anos que é muito positiva e que vai dar possibilidade a autores portugueses de afirmarem o seu trabalho em Espanha e a autores espanhóis de afirmarem o seu trabalho em Portugal.

Este protocolo que substitui um protocolo anterior que nunca teve qualquer concretização prática, com incidência em várias vertentes, desde o intercâmbio cultural entre as duas sociedades - actividades transfronteiriças no plano da cultura - até à cooperação em áreas de negócio no plano tecnológico, dado que a SPA já tem em pleno o SGS, que se passou a chamar SPA Digital - é a designação do nosso sistema - e isso dá-nos a possibilidade de nós conversarmos com os espanhóis, agora numa base de independência e de caminho autónomo para fazermos o nosso percurso e também

tentarmos obter, naturalmente, o retorno comercial que este investimento representa tanto no mercado interno como externo.

Por outro lado, esta conversa que eu tive em delegação e também frente-a-frente com o director da SGAE representa uma nova atitude da SGAE e também da SPA no contexto europeu, dado que nós, a SGAE e a SPA, somos membros da direcção do GESAC (Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores), somos duas das nove sociedades que ali estão representadas, mas representamos, em termos linguísticos, quase 800 milhões de falantes no mundo: os 270 ou 280 que falam português, mais os 670 ou 680 milhões que falam castelhano. Portanto, isto já representou, ao nível de entendimento entre nós, na primeira reunião da direcção do GESAC, em Bruxelas, no dia 10 de Setembro, e está a representar um avanço para os próximos meses e anos de que a expressão poderá ser a Cimeira entre o GESAC e a CISAC (Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores), no dia 5 de Dezembro, no Rio de Janeiro [a Conferência sobre a Directiva Europeia foi dia 27 de Novembro, em Bruxelas, conforme damos conta na secção Internacional].

Portanto, em relação à SGAE, nós temos, neste momento, uma boa relação a nível de sociedades e a nível de presidências e entendemos, como eu, aliás, tive ocasião de dizer a Antón Reixa, que a SGAE está em muito bom caminho para recuperar do longo período de sobressalto por que passou e ainda não saiu depois do afastamento da anterior estrutura executiva.

Por outro lado, entendemos também que, quanto mais a SGAE, tendo a dimensão que tem na Europa e no mundo, se prestigiar, melhor é para o direito de autor. EE

## DELEGADOS DA SPA REÚNEM-SE EM LISBOA COM SALDO POSITIVO

Realizou-se no passado dia 14 de Dezembro uma reunião plenária dos delegados da SPA de todo o país, desde Braga até à Horta. A reunião foi presidida pelo presidente da Direcção e do Conselho de Administração e contou também com a presença do vice-presidente, João Lourenço, que tem vindo a assegurar na administração a coordenação do nevrálgico sector de Execução Pública/Delegações, coadjuvados pelo Dr. Lucas Serra, director do Departamento Jurídico da SPA e assessor da administração.

Foi analisada em detalhe a forma como as delegações têm conseguido resistir ao embate financeiro da crise actual, conseguindo mesmo em alguns casos obter aumentos significativos nas cobranças, como aconteceu, por exemplo, em Coimbra, Lisboa, Ponta Delgada, Horta ou Castelo Branco.

Comparando o período compreendido entre Janeiro e Outubro de 2012 com o período homólogo do ano passado, as delegações regionais da cooperativa obtiveram um aumento nos valores cobrados de 13.686.690,14 euros para 14.031.004,99 euros, facto assinalável, tendo em conta as grandes dificuldades enfrentadas pelos operadores económicos em geral e pelos usuários de reportórios protegidos em particular.

O presidente do Conselho de Administração destacou o esforço realizado pelas delegações em todo o país, classificando-as como um sector de importância estratégica para a sustentabilidade da SPA.

As delegações da cooperativa, entretanto beneficiadas nas condições de atendimento e relacionamento com os usuários e autores locais, têm vindo a ser visitadas pela administração da SPA, como forma de apoio ao trabalho em curso e como modo de avaliação das necessidades a serem atendidas e dos melhoramentos a serem ainda introduzidos.



### NOVOS AUTORES

## ESPAÇO ABERTO ÀS NOVAS GERAÇÕES NA SPA A PARTIR DE 31 DE JANEIRO DE 2013

No passado dia 19 de Dezembro, realizou-se na Sala-Galeria Carlos Paredes, em Lisboa, uma conferência de imprensa conjunta da SPA, Antena 3 e RTP 2, para apresentação da iniciativa Novos Autores, que terá início no dia 31 de Janeiro de 2013, pelas 16H30, no Auditório Maestro Frederico de Freitas da SPA.

Novos Autores será um espaço de divulgação dos novos criadores musicais portugueses, com periodicidade mensal e com cobertura assegurada pela Antena 3 da RDP e pela RTP 2. Em cada programa Novos Autores intervirão dois criadores de letras e músicas, que falarão do seu trabalho e o exemplificarão com a apresentação de obras da sua autoria. Será a primeira iniciativa do género promovida pela SPA com completa cobertura mediática – também irá incluir as redes sociais -, representando um sinal do esforço realizado pelo Conselho de Administração, no sentido de dar voz às novas gerações de autores.

Para as primeiras edições de Novos Autores foram convidados, nomeadamente, a fadista Aldina Duarte, o cantor e autor Miguel Araújo e o DJ Ride.

O programa Novos Autores terá 12 edições em 2013 e constitui um espaço aberto para revelar a criatividade das novas gerações.

### SPA SOLIDÁRIA COM OS AUTORES ESPOLIADOS PELO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

A Administração da SPA decidiu prestar o seguinte esclarecimento a propósito de relatos que lhe têm chegado, verdadeiramente preocupantes, de situações em que o Ministério das Finanças, à revelia de qualquer suporte legal, exclui diversos rendimentos de autores, inequivocamente provenientes da sua criação intelectual - e como tal reconhecidos no respectivo Código - dos benefícios fiscais, consagrados no artº 58º do respectivo Estatuto dos Benefícios Fiscais (EBF). Nesse estatuto são referidos "os rendimentos provenientes da propriedade literária, artística e científica... quando auferidos por autores residentes em território português..." e excluem-se "... os rendimentos

provenientes de obras escritas sem carácter literário, artístico ou científico, obras de arquitectura e obras publicitárias." Há assim neste EBF uma definição clara de a quem e a que obras se aplica (os autores das obras definidas nos artºs 2º e 3º do Código do Direito de Autor) e quais as que estão excluídas para esse efeito.

O Artº 2º do Código do Direito de Autor, que, recorde-se, foi aprovado por unanimidade na Assembleia da República, define claramente quais são as obras originais protegidas por este ramo do Direito. O artº 3º define também quais as que são equiparadas a originais para o efeito de merecerem a mesma protecção legal. À data da aprovação do Código – 1985 - eram ainda incertas as obras que à luz das novas tecnologias iriam surgir pelo que, prudentemente, o legislador, antes de estabelecer o elenco

das obras do artº 2º, fez incorporar o advérbio de modo "nomeadamente" de forma a incluir as desconhecidas que porventura no futuro constituíssem novas autorias e que, nesse caso, viriam a usufruir da mesma protecção. É pois, à luz do Código do Direito de Autor e de mais nenhum diploma legal, que tem de se aferir se determinada obra é ou não passível de protecção pelo Direito de Autor. Sabe-se que o Ministério das Finanças tem negado a atribuição desse benefício a alguns autores, que dele deveriam beneficiar de acordo com a lei, questionando a sua qualidade de autores, nomeadamente que as suas obras não têm carácter literário, científico ou artístico, mesmo em relação àquelas devidamente identificadas no Código do Direito de Autor. Vai mais longe o Ministério das Finanças, ao impor a sua interpretação

de uma forma discricionária, à revelia do Estado de Direito, alegando que "não têm aquele carácter (literário, artístico ou científico) as obras que assumam uma funcionalidade lúdica ou utilitária em que este carácter não existe ou é manifestamente marginal".

A SPA, como sempre, está ao lado dos autores vítimas desta manifesta inexplicável situação apoiando-os nas acções de oposição que estes decidam intentar contra um Estado que não respeita o seu próprio Direito. Não pode a SPA, uma vez mais, deixar de manifestar a sua preocupação e indignação por mais este acto lesivo dos interesses e direitos dos autores, pilares fundamentais da vida cultural de um país e da sua identidade.

Lisboa, 13 de Novembro de 2012  
O Conselho de Administração



## SPA CONGRATULA-SE COM O FIM DO REGIME INJUSTO DE PENHORAS PARA OS AUTORES CONTRA O QUAL SISTEMATICAMENTE SE BATEU

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA SPA “congratula-se com a aprovação por unanimidade na Assembleia da República do projecto de lei do PS que altera o regime aplicável às penhoras sobre os rendimentos autorais, equiparando-o, de agora em diante, ao aplicado aos rendimentos auferidos através de contratos de trabalho comuns”. Este projecto de lei, que há tempos aguardava agendamento parlamentar, tinha como objectivo tornar o regime “mais justo e adequado aos titulares dos direitos de autor”. A resposta a esta medida foi veiculada através de um comunicado datado de 10 de Outubro passado.

Depois de ter sido analisado e reanalisado “foi, finalmente, aprovado na Assembleia da República, o que constitui uma medida da parte do grupo parlamentar do PS, mas também a consagração no plano político daquilo que foi uma luta de praticamente cinco a seis anos da SPA”, referiu à Autores o presidente da cooperativa. “Sempre considerámos injusto e intolerável que haja autores que, vivendo basicamente do seu trabalho autoral, possam ter os seus direitos completamente confiscados, porque não são equiparados a trabalhadores por conta de outrem”, salientou José Jorge Letria.

O comunicado recorda que “o Conselho de Administração da SPA se bateu insistentemente por esta alteração, que considerou inadiável e mais do que justa, desde meados de 2007” e que “se teve em consideração, não só o grande número de autores penhorados, mas sobretudo o facto de o regime vigente prolongar uma forma de injustiça intolerável que, na maior parte dos casos, se traduzia na condenação dos penhorados a verdadeiras situações de miséria”. Na verdade, “por imperativo da lei, a SPA ficava impossibilitada de distribuir quaisquer direitos ou de promover qualquer outra forma de apoio assistencial que lhe fosse solicitado, incluindo o Subsídio de Emergência, já que esses valores imediatamente revertiam para os cofres do Estado”, esclarece a nota.

O regime que até à data vigorou representava, no entender do Conselho de Administração da SPA, “uma inaceitável forma de discriminação dos autores e do seu trabalho, que era ostensivamente menorizado e diferenciado relativamente ao abrangido por contratos de trabalho comuns”. Nesse sentido, segundo relata o comunicado, “a SPA emitiu,

ao longo destes anos, vários comunicados de denúncia da situação, alertando a opinião pública e mobilizando os autores em geral para este combate pelos seus direitos”.

“A SPA solicitou audiências a vários ministros da Finanças e secretários de Estado desta área – sustenta - e congratula-se agora com a forma como essa luta culminou no reconhecimento, por parte do Parlamento, de uma reivindicação mais do que justa, felicitando os autores do projecto de lei e reafirmando a sua disponibilidade e empenho no sentido de conseguir que outras situações igualmente injustas e penalizadoras sejam corrigidas ou abolidas.”

Entende ainda o Conselho de Administração “que bom seria que outros projectos de lei de igual importância e interesse para os autores portugueses não tivessem caído no esquecimento ou sido ‘neutralizados’ pela actual maioria parlamentar”.

### AUMENTO DE SITUAÇÕES DE PENHORA PREOCUPA COOPERATIVA

Entretanto, já após a aprovação parlamentar que alterou o regime aplicável às penhoras sobre os rendimentos autorais, o Conselho de Administração da SPA manifestou a sua preocupação pelo facto de se ter registado, ao longo deste ano, um novo aumento das penhoras fiscais que afectaram mais de 650 associados da cooperativa, segundo refere num comunicado emitido a 7 de Novembro último. Este número já foi, há cerca de quatro anos, superior a mil, mas desceu entretanto para cerca de 400.

Espera o Conselho de Administração da SPA que o diploma da responsabilidade do Grupo Parlamentar do PS agora aprovado na Assembleia da República “possa contribuir para alterar, com urgência, este quadro preocupante”. Por outro lado, “apela à compreensão dos cooperadores no sentido de que sejam sensíveis ao facto de que alguns dos pedidos de natureza financeira que lhe são dirigidos ficam liminarmente bloqueados devido às situações de penhora”. E conclui: “Em nome do interesse dos penhorados, deseja-se que essas situações sejam solucionadas com a maior brevidade”.

### SPA REPUDIA DECISÃO DO DIAP QUE FAVORECE PIRATARIA NA NET

A Administração e Direcção da SPA tiveram conhecimento no mês de Outubro passado do arquivamento pelo DIAP- Departamento de Investigação e Acção Penal de Lisboa - de uma queixa-crime apresentada pela ACAPOR- Associação do Comércio Audiovisual de Portugal -, que, “pelo manifesto atentado que representa contra o Direito de Autor e os autores representados pela SPA”, lhe merece “o mais veemente repúdio”. Num comunicado emitido pelo Conselho de Administração no dia 8 de Outubro, em que a SPA divulga a sua posição, a cooperativa recorda que “a queixa apresentada teve por fundamento imediato a violação dos interesses – direitos conexos ao Direito de Autor - dos associados da ACAPOR e foi entregue sem que a SPA tivesse conhecimento, daí o não se lhe ter associado”. O motivo da queixa, no total de duas mil denúncias

(1970 por violação de Direitos de Autor e 30 por ataque informático pirata ao site da ACAPOR), prende-se com a detecção de igual número de sites, com os IPs devidamente identificados, que se dedicavam à descarga e partilha de obras videográficas e fonográficas protegidas por direitos de autor, com recurso a redes Peer to Peer (P2P) e utilização de programas informáticos como o BitTorrent. Os signatários da nota sublinham que “os fundamentos para o arquivamento se afiguram ridículos e motivo de forte preocupação e crítica para todos os agentes económicos vítimas dos prejuízos que tais práticas originam e de que os autores representados pela SPA são os principais visados”. Escalpelizando os referidos fundamentos invocados pelo DIAP, o Conselho de Administração da SPA refere no documento que eles assentam em dois aspectos básicos: Por um lado, “o titular de um IP poderia não ser naquele momento (o do cometimento da ilegalidade) o seu

utilizador, uma vez que poderia ser apenas formalmente o seu titular ou que a utilização poderia ter sido feita através da difusão wireless ou por recurso a cybercafés”. E exemplifica, ao afirmar que é “como se alguém cometesse um homicídio com determinada arma que lhe não pertencesse e o Ministério Público não estivesse obrigado a ‘pedir contas’ ao respectivo proprietário para indicar a quem é que ele emprestara a arma...” “Perante casos de pedofilia ou de terrorismo, o M.P. não tomaria por certo a mesma atitude”, comenta a Administração da Sociedade Portuguesa de Autores. Por outro lado – continua a referir a nota -, “o Ministério Público alega que se não encontra minimamente documentada na queixa a não autorização dos titulares de direitos (maxime dos autores) para disponibilização pública das suas obras”. Ou seja, segundo contestam os responsáveis da SPA, “na visão do M.P. tudo o que não está proibido está autorizado, fazendo tábua rasa de um

dos principais princípios orientadores do Direito de Autor que é o da obrigatoriedade de autorização prévia do Autor para que alguém possa licitamente utilizar uma sua obra”.

A finalizar, o Conselho de Administração da SPA conclui que “este despacho é preocupante”, no entanto, dá o benefício da dúvida, ao declarar que crê que “se trata de um acto isolado e que não reflecte a posição da Procuradoria-Geral da República”. E justifica: “Em sentido contrário, temos vindo a registar com agrado posições da Magistratura Judicial, que em casos semelhantes não tem deixado de punir os prevaricadores”. O comunicado da SPA garante, pois, que, “como sempre, manter-se-à atenta e vigilante e denunciará publicamente todos os actos que atentem contra os interesses dos autores que representa”.

## CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS RECEBE PRÉMIO PRO-AUTOR DA SPA

O presidente da Sociedade Portuguesa de Autores procedeu, no passado dia 6 de Dezembro, na Sala-Galeria Carlos Paredes no edifício 2 da SPA, à entrega oficial do prémio Pro-Autor à Câmara Municipal de Odivelas. Este Prémio Pro-Autor foi atribuído no Dia do Autor 2012, celebrado a 22 de Maio, data em que a SPA completou 87 anos de vida, mas o município não pôde estar presente na altura.

A Câmara Municipal de Odivelas foi distinguida com a iniciativa “Encontros Lusófonos”, integrada na III Bienal de Culturas Lusófonas e que decorreu em Maio de 2011 tripartida pelo Centro Cultural da Malaposta, Centro de Exposições de Odivelas e Biblioteca Municipal D. Dinis.

O Presidente da SPA, José Jorge Letria, fez, agora, a entrega oficial do prémio Pro-Autor e respectivo Diploma, na Sala-Galeria Carlos Paredes, onde decorreu a festa de aniversário da SPA, em Maio passado.

Da parte da Câmara Municipal de Odivelas estiveram presentes, a Presidente, Susana Amador, o Vereador da Cultura, Mário Máximo, e também Sandra Neto, Helena Jardim, Manuel Coelho, Carolino Santos e Fábio Lourenço.



## CONGRESSO EM LEIRIA DEBATE PROPRIEDADE INDUSTRIAL E INTELLECTUAL

“Propriedade industrial e intelectual” foi o tema do IV Congresso Internacional de Ciências Jurídico-Empresariais que o Departamento de Ciências Jurídicas da Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG) de Leiria organizou no passado dia 22 de Novembro.

O encontro, que decorreu na ESTG, contou, entre outras presenças, com a participação da presidente do Instituto Nacional da Propriedade Industrial, Leonor Trindade, de um representante da Sociedade Portuguesa de Autores e dos criadores/realizadores/produtores do “Programa do Aleixo”.

A pertinência do tema, citada pelo jornal Região de Leiria, foi sublinhada pela organização do evento, “numa época em que as empresas têm, não raras vezes, de repensar as estratégias de actuação e investir na propriedade industrial e intelectual”.

O programa incluiu várias abordagens ao longo do dia. Entre elas, o princípio da territorialidade e patentes, o tribunal da propriedade intelectual, o regime do direito especial do fabricante de base de dados, a transcrição de pequenos trechos e o plágio, a propriedade intelectual em termos de activo financeiro numa empresa, a arbitrabilidade de disputas de propriedade intelectual, as marcas não tradicionais, a protecção jurídica de activos imateriais de uma empresa, os contratos de licença de invenção e a importância da linguagem na construção da marca.

[NO DIA 25 DE FEVEREIRO EM DIRECTO PARA A RTP](#)

## GALA DO PRÉMIO AUTORES CONFIRMADA PARA O CCB

Está confirmada para o dia 25 de Fevereiro, no Centro Cultural de Belém, a realização da Gala do Prémio Autores, à semelhança do que aconteceu nos anos anteriores, com transmissão directa pela RTP 1, pela RTP África e RTP Internacional.

Deste modo, conforme releva a nota do Conselho de Administração de 26 de Novembro, “a SPA continua a ser a única Sociedade de Autores, a nível internacional, com uma gala anual para a entrega de prémios aos melhores criadores do ano anterior”. Como é habitual, para além dos prémios para as diversas disciplinas que a SPA representa, serão entregues o Prémio Vida e Obra, o Prémio Autor Internacional e o Prémio para a Melhor Programação Autárquica do ano anterior.

“Não obstante as dificuldades financeiras com que o país se debate e que se reflectem também na televisão pública – refere o comunicado – foi possível garantir a continuidade deste evento, que assegura à SPA uma visibilidade e um prestígio que ultrapassam largamente as fronteiras nacionais”.

Entretanto, foi já iniciado o processo de constituição dos júris para as várias disciplinas, bem como de análise das candidaturas ao Prémio Autárquico e o da escolha da personalidade internacional e da nacional a serem consagradas.

Como é habitual, o Conselho de Administração assegura que “a SPA irá dar o maior destaque possível à produção nacional de música e de outras disciplinas, tentando fazer deste grande espectáculo televisivo que o Centro Cultural de

Belém acolhe anualmente um momento único de qualidade e encontro no espaço mediático português”.

Oportunamente, serão anunciados os nomes dos candidatos seleccionados para cada disciplina, bem como os nomes dos autores e artistas que animarão o evento. Como é habitual, os nomes dos vencedores do Prémio Vida e Obra, do Prémio Autor Internacional e do Prémio para a Melhor Programação Autárquica só serão conhecidos durante a Gala.

### JÚRIS JÁ ESTÃO A TRABALHAR

Os júris das oito categorias que irão ser distinguidas para receberem o Prémio Autores SPA/RTP 2013 já se encontram a trabalhar na análise das obras e autores desde o passado dia 10 de Dezembro. São as seguintes as composições dos júris pelas respectivas categorias: Cinema - Jorge Leitão Ramos, Rui Tendinha e António Loja Neves; Dança - Cláudia Galhós, Maria José Fazenda e Daniel Tércio; Literatura - Manuel Frias Martins, Rita Pimenta e Annabela Rita; Televisão - António Loja Neves, Luís Filipe Costa e Mário Figueiredo; Artes Visuais - Rui Mário Gonçalves, Henrique Cayatte e António Lopes; Rádio - Carlos Vaz Marques, João David Nunes e Paulo Sérgio; Música - Miguel Ângelo Magalhães, Viriato Teles e António Victorino d’Almeida; e Teatro - Helena Simões, Rui Monteiro, Tiago Bartolomeu Costa e Henrique Cayatte (cenografia).



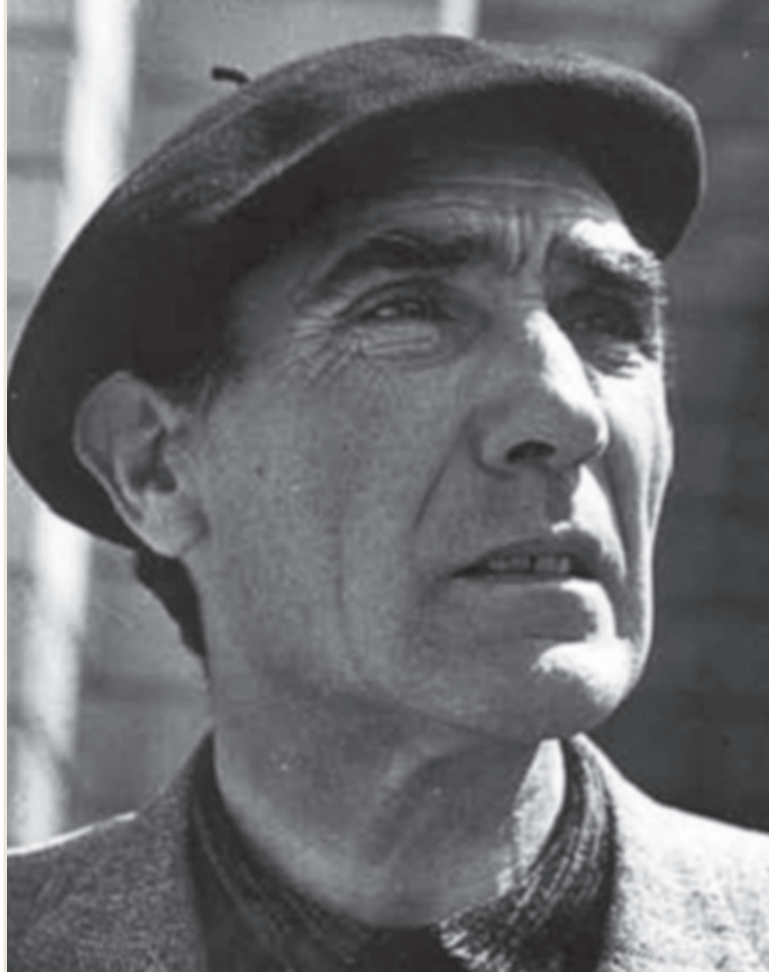
## NOTAS PARA UM FUTURO RETRATO

## ALVES REDOL



POR

ANTÓNIO TAVARES-TELES



## EVOCAÇÃO DO ESCRITOR NEO-REALISTA RIBATEJANO E DO AUTOR MAIS ADAPTADO DA TV BRASILEIRA

O escritor António Alves Redol, cujo centenário do seu nascimento se celebra a 29 de Dezembro de 2013, (nasceu em Vila Franca de Xira a 29 de Dezembro de 1911 e morreu em Lisboa, também num dia 29, mas de Novembro, no ano de 1969), considerado como um dos expoentes máximos do neo-realismo português, é evocado nesta edição da Autores pelo jornalista António Tavares-Teles, no texto de cariz intimista que aqui publicamos.

A obra de Redol é caracterizada por uma perspectiva social, primando pela abordagem de aspectos sócio-políticos e económicos, focalizando, em especial, personagens que reflectem a diversidade dos grupos da sociedade portuguesa (rural e urbana), e evidenciando a desigualdade intensa na distribuição das rendas. Daí a sua importância enquanto escritor neo-realista. Não só por “iniciar uma nova estética literária no século XX”, mas, sobretudo, por voltar o seu olhar para o sofrimento do povo.

Também Jorge Amado, um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros de todos os tempos, que nasceu em Itabuna, a 10 de Agosto de 1912 e morreu em Salvador, a 6 de Agosto de 2001, está a ser objecto de inúmeras comemorações, desde Agosto passado, pelo centenário do seu nascimento. Uma série de eventos estão a ser acompanhados e divulgados por uma selecção de especialistas e pessoas próximas do autor.

Jorge Amado é o autor mais adaptado da televisão brasileira. Verdadeiros sucessos como “Tieta do Agreste”, “Gabriela, Cravo e Canela” e “Teresa Batista Cansada de Guerra” são criações suas, além de “Dona Flor e Seus Dois Maridos” e “Tenda dos Milagres”. A obra literária de Jorge Amado conheceu inúmeras adaptações para cinema, teatro e televisão, além de ter sido tema de escolas de samba por todo o Brasil. Os seus livros foram traduzidos em 55 países, em 49 idiomas. Em 1994, viu sua obra ser reconhecida com o Prémio Camões.

Nesta evocação feita pela SPA, a professora catedrática brasileira Susana Ramos Ventura disserta sobre a obra “Capitães da Areia”, um romance de Jorge Amado, publicado em 1937, que retrata a vida de um grupo de menores abandonados, os “Capitães da Areia”, passado na cidade de Salvador dos anos 30. Buscava-se, então, a mudança social e a literatura passa a retratar a realidade de modo pessimista, mas fazendo-o de forma activa, transformadora. Nesse contexto, a obra de Amado pode ser qualificada como “social e proletária”.

Dois autores de renome e língua comum, objecto de comemorações do centenário do seu nascimento. Dois escritores comprometidos com o seu tempo. EE

O PERFIL MARCADO, a boina, as rugas na testa – sobrolho erguido – ao falar, o olhar suave, o fato discreto, a camisa abotoada no colarinho, as mãos longas, magras, em busca de mais um cigarro (um paris ou um high-life, alternava), passeando comigo – ainda um puto – pelo Pinhão, é essa a primeira imagem já com alguma definição que dele guardei e ainda hoje conservo, intacta, na memória.

Conhecera o meu pai quando, em 1944 – tinha publicado a Fanga em 1943 – viera ao Douro à cata de elementos para o seu primeiro livro duriense – Porto Manso – sobre os barqueiros e os malefícios que o comboio (o “cavalo do diabo”) trouxe às suas vidas, substituindo-se aos rabelos no transporte do vinho (muito inapropriadamente chamado) do Porto para as firmas exportadoras, quase todas inglesas, de Vila Nova de Gaia. E tornaram-se amigos.

Mais tarde, instalou-se no Pinhão, a preparar a trilogia – ciclo Port-Wine – sobre o Alto-Douro e a vida dos trabalhadores da vinha, que lhe mereceram de resto no romance inaugural desse ciclo – Horizonte Cerrado – a seguinte dedicatória: “Port-Wine é o vinho dos ingleses. Chamam-lhe sol engarrafado mas só os durienses sabem o preço das tragédias e heroísmos que viveram para criar esse sol – fazer um astro com as mãos é tarefa de gigantes”. É para ver... Estávamos então nos finais da década de 40 (o último desses três romances – Vindima de Sangue – foi publicado em 1953, tinha eu onze anos) mas, apesar das dificuldades financeiras por que passava – vivia unicamente da escrita – o António, como lhe chamávamos, visitava-nos com alguma frequência, para além de sempre ter mantido com o meu pai uma troca de cartas que, à hora da sua morte, em 1969, já ia em cento e muitas, a publicar em breve numa edição coordenada pelo Gaspar Martins Pereira, grande conhecedor e divulgador dos temas da minha (e também dele, que mais não seja afectivamente) região.

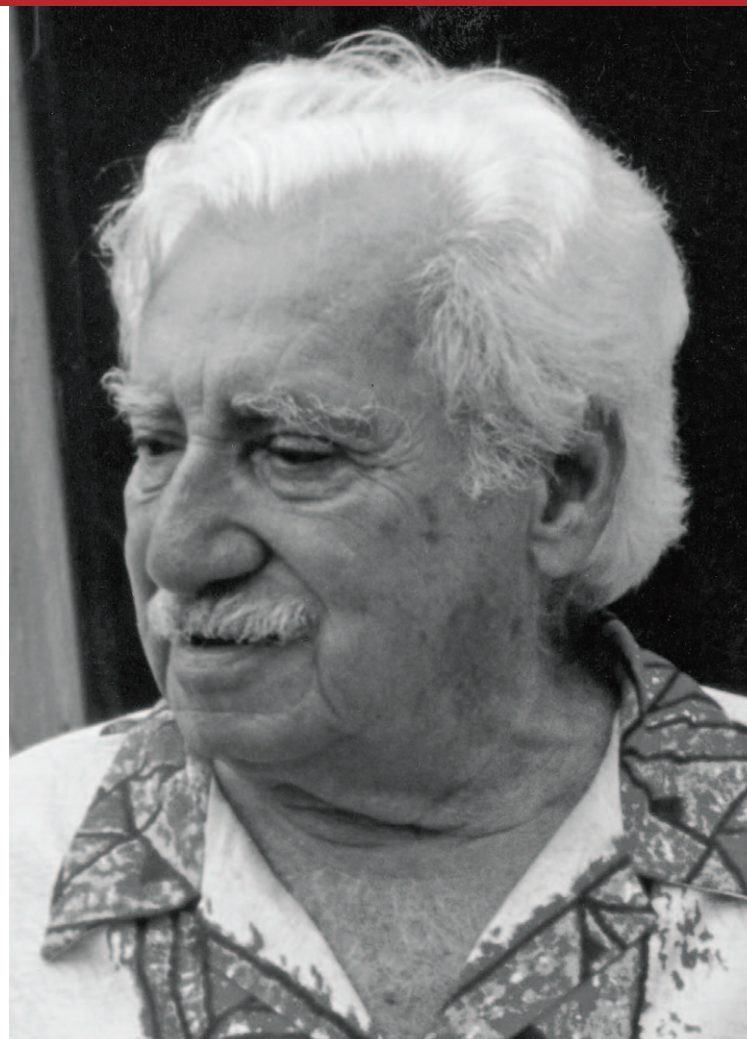
É óbvio que, dados os fortes condicionalismos, inclusivamente políticos, da época em que foram escritas (de 44 a 69, pois) o teor dessas cartas incide muito mais sobre aspectos de ordem pessoal, familiar, de trabalho – as já referidas dificuldades do António, não só em matéria de subsistência mas também de condições para a investigação, bem pode dizer-se etnológica, que suportava as suas monografias, as suas recolhas (o Cancioneiro ribatejano e não só), os seus romances e peças de teatro – do que políticos. Mas está nelas, nesse jamais interrompido diálogo de amigos, todo um retrato do homem e do escritor que Redol foi. Aliás, a sua última carta para o seu “Caro Chico” (o meu velho), escrita muito pouco tempo antes de – a 29 de Novembro de 1969 – morrer, reza assim: “Recebo a tua carta no dia em que as análises me notificaram melhoras sensíveis na anemia e situação quase estacionária em fígado muito doente. Não consegui aguentar mais tempo de pé. No dia em que o nosso querido Manuel Mendes morreu, li a notícia na

Casa de Saúde onde estive durante doze dias. E ainda ando com soro, transfusões de sangue, injeções em barda, às quatro por dia, pílulas coloridas, dietas de rigor, numa tentativa de me pôr a viver com modos de gente. Cheguei às últimas, como diz o povo. Logo que tenha mais ganas voltarei a escrever-te. Saio hoje de casa e deito ao Porto, para casa da Marta. Talvez possamos falar um pouco. Cumprimentos aos teus. Um grande abraço do teu velho amigo”.

Convivi muito com ele – cheguei a viver na Pedro Ivo, 11 – 3º Dto, onde morava – quando, em 1959, vim para Lisboa, a Faculdade. E ali, para além do afecto que, ele e a Natália, então sua mulher, sempre me deram, mas também em encontros de café, de restaurante, no atelier de alguns pintores mais chegados, em casa de uns e de outros, pude conhecer gente que, de alguma forma, pelo seu talento e generosidade, igualmente me marcou: Manuel da Fonseca, Júlio Pomar, Alice Jorge, Piteira Santos, Mário Dionísio, Carlos de Oliveira, Cardoso Pires, Arquimedes Santos Silva, Fernandes Fafe, Helga Liné – a linda Helga Liné, que fez o filme “Nazaré” com o meu saudoso e caríssimo amigo Artur Semedo, Manuel Guimarães, Alfredo e Maria Keil, Mário Ventura, Baptista-Bastos, etc. etc. Com o António, apesar dos meus dezassete, dezoito anos, sempre a tratar-me como um adulto. Enquanto eu ouvia muito mais do que falava, naturalmente.

Em 1962, com vinte anos, saí de Portugal, tendo estado, já a fazer de jornalista, no jornal Tribuna em, hoje Maputo, à época Lourenço Marques. Detido pela Pide, foi ainda o António quem intercedeu junto do mais conceituado e, de algum modo, embora contra o regime, poderoso advogado da capital moçambicana – Almeida Santos – no sentido de que se ocupasse do meu caso. E, quando, em 1964, regresssei a Lisboa, lá tive o António no cais da Rocha à minha espera. Falámos, entre muitas outras coisas, da sua recente separação da Natália, que o abalara um pouco mas, ao longo desses dias, sobretudo de mim, do processo que eu tinha em cima, da necessidade de partir. E, uma vez mais com o apoio dele, bem como o do meu pai, é claro, e do Bernardo Santareno, outro velho amigo há muito desaparecido, lá pude organizar o melhor possível a minha (digamos assim) evasão para Paris.

Vivia no Rio de Janeiro quando soube que morrera. Sabia que não estava bem, mas quem é que aceita sequer pensar na morte de um amigo como o António? Pelo que foi como se essa terrível notícia – ele tinha apenas cinquenta e oito anos! – me tivesse agredido de tal forma que – confesso – chorei, chorei na rua, sozinho, atordoado perante a perda daquele que era para mim uma espécie de meu irmão mais velho, quase um pai. Para além de um homem que, ainda por cima, quer queiram quer não (leiam por exemplo o Barranco de Cegos e digam-me alguma coisa), foi um grande escritor. Que, enquanto tal, terá tido contudo um “defeito”: o de ter posto o retrato do seu povo à frente do seu auto-retrato. Coisa que, ao que pode constatar-se, não é, nos tempos que correm, muito bem vista. Mas que fazer?



## JORGE E SEUS CAPITÃES NO CORAÇÃO DOS JOVENS NO BRASIL E EM PORTUGAL



POR

SUSANA RAMOS VENTURA

Há vários anos acompanho o repertório de literatura exigido para os exames de acesso às universidades públicas de São Paulo. Mais do que isso, a cada ano releio, penso em aproximações e converso com os jovens aspirantes a uma das cobiçadas vagas. No mais das vezes, os alunos estão angustiados, pressionados por demandas de domínio de conteúdo e pela necessidade de escolher, tão cedo, a carreira. Durante alguns desses anos, a lista começava por Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente e terminava na Antologia Poética, de Vinícius de Moraes, constituindo Capitães da Areia, numa das ‘escalas’ do trajeto que, do início do século XVI até a metade do século XX, possibilitava pensar em muitas questões cruciais da sociedade, cultura e literatura brasileira (sempre em sua perspectiva de ramo da literatura portuguesa).

»



»

Curiosamente, após o percurso, as paixões se polarizavam, sendo Gil Vicente e Jorge Amado os autores mencionados como sendo aqueles que falavam mais diretamente com aqueles leitores.

Mas algo importante precisa ser dito de pronto: a adesão e identificação com a obra amadiana costuma ser imediata e sua compreensão profunda não carece da mediação primeira do professor, tão necessária para introduzir, entusiasmar, conduzir o caminho para as demais obras do repertório. Capitães da Areia é amado imediatamente. O diálogo dessa obra com o jovem do século XXI é transparente e sua agilidade, impressionante, mais de setenta anos após sua primeira publicação.

Também recomendado no Plano Nacional de Leitura (LER+) em Portugal, foi com grande alegria que visitei, em Novembro de 2012, quatro escolas públicas da região de Lisboa e conversei com alunos de 11º. e 12º. ano, que discutiram Capitães da Areia e a trajetória de Jorge Amado comigo.

Tanto de um lado quanto do outro do Atlântico, o homem que publicou Capitães da Areia aos 25 anos para, naquele mesmo 1937, ver várias de suas obras serem queimadas em praça pública, é compreendido e amado pelos jovens do presente, que se entusiasma e emocionam na leitura do romance. A chave de entrada na obra não precisa ser dada por ninguém: o leitor juvenil entra sozinho nela, que fala com ele e narra parte da vida que ele vive hoje e que o interessa sobremaneira. Aquelas personagens que se recusam a obedecer a uma ordem repressora - que as expulsa e exclui previamente - conversam de igual para igual com o jovem contemporâneo. O acompanhamento das primeiras páginas do romance - em que se emulam notícias de um jornal onde aparecem justapostos opiniões, cargos, marchas e contramarchas de discursos que se bricolam para dirigir aquela sociedade a tomar o partido da ordem e dos bons costumes contra os bandidos mirins que rejeitam o bom caminho - impacta o leitor de Capitães da Areia, que adentra a narrativa já alerta e pleno do desejo de conhecer (e da predisposição de amar) os 'capitães'.

Ao pensarmos na obra do jovem Jorge Amado, vale a pena lembrarmos a opinião lúcida e iluminadora de Ana Maria Machado (no belo Romântico, Sedutor e Anarquista: Como e Porque Ler Jorge Amado Hoje, de 2006):

Na obra daquele menino que antes dos vinte anos começava a publicar seus romances, havia desde o início um ouvido atento e um olhar agudo, ao lado da solidariedade, sensível à dor do outro. Esses personagens que ele nos traz falam e se comportam igualzinho a nossa gente comum, como ninguém ainda tinha falado e se comportado em nossos romances. Provavelmente, tal feito ajuda a explicar a profunda empatia que ele logo estabelece com seu público, a cumplicidade que se tece de imediato entre autor, personagem e leitor. É uma façanha pioneira da linguagem, como poucos tinham conseguido antes. Com essa intensidade, talvez apenas Lobato.

“Ouvido atento”, “olhar agudo”, “solidariedade”, sensibilidade para com a dor alheia – características que combinam muito bem com a juventude que, ao longo dos anos, vem se emocionando com Capitães da Areia. Normalmente plenos de sonho, sensíveis e com força para mudar as coisas, os jovens leitores acompanham a trama e as trajetórias dos vários capitães. Ali temos a vida da infância abandonada descrita com as cores de uma paleta variada. Emocionando sempre, Jorge Amado nos apresenta o mundo cindido entre marginais e bem-nascidos, entre pobres e ricos, entre brancos de um lado e mulatos e negros de outro. A ordem estabelecida, repressora e cruel – espelhando a do Estado Novo no Brasil – massacra os órfãos e os filhos dos bolsões da miséria baiana, empurrando-os para as ruas e para os escombros de moradias onde se refugiam. As trajetórias de muitas personagens convergem para a cidade de meninos sob o comando de Pedro Bala, o chefe do bando, menino heroico que deve sua alcunha à bala que matou seu pai, envolvido numa greve de trabalhadores. Indômitos e honrados, Pedro Bala e os seus provarão seu valor, em luta contra a injustiça, a corrupção e a crueldade. Profundamente humano sempre, Jorge Amado em Capitães da Areia permanece vivo no coração dos jovens do Brasil e de Portugal.

“VIVER DA ESCRITA É POSSÍVEL SEM VENDER A ALMA”

## SUSANA VENTURA E JOSÉ JORGE LETRIA PROPÕEM NOVAS FORMAS DE NEGOCIAÇÃO DAS OBRAS

O TEMA “A VIRTUDE DE VIVER DA ESCRITA” congregou no Auditório Frederico de Freitas da SPA, no passado dia 30 de Novembro, uma série de vontades e propostas expressas para lograr formas eficazes de os autores poderem viver da sua escrita, num momento em que um pouco por todo o mundo a crise vai fechando portas. Mas não só. Foi motivo de reflexão ponderada e inundada de exemplos sobre como estreitar os laços entre Portugal e o Brasil, nos dois sentidos.

De facto, a sessão, presidida por José Jorge Letria e apresentada por Susana Ventura, catedrática brasileira com um vasto currículo a nível de investigação em Portugal e em França e, particularmente, uma actividade intensíssima por todo o Brasil no sentido de levar as novas gerações a interessarem-se pelo livro, pela leitura e também pela descoberta dos autores portugueses contemporâneos, integrava-se no ciclo de intervenções promovido pela SPA para o Ano Brasil-Portugal, Portugal-Brasil, que se prolonga até Junho de 2013.

Os autores que serviram de exemplo de como é possível viver da escrita foram escolhidos de comum acordo entre anfitrião e convidada, procurando-se que coincidissem de algum modo com datas evocativas. Assim, Susana Ventura teve oportunidade de espriar todo o seu profundo conhecimento literário, falando das tão conhecidas figuras de Jorge Amado e Vinícius de Moraes, cujos centenários de nascimento se celebram até ao fim do ano, no primeiro caso, e durante 2013, no segundo. E também de Érico Veríssimo, autor de “Olhai os lírios do campo” e Monteiro Lobato, responsável pelas mil-e-uma aventuras no “Sítio do pica-pau amarelo”. Quatro brasileiros que, de uma maneira ou de outra, conseguiram viver da escrita.

Após uma larga introdução do

presidente da SPA, que contextualizou a prelecção de Susana Ventura, convidada nesta altura, para aproveitar uma das estadas em trabalho que costuma fazer em Portugal – “Não recebemos qualquer subsídio para fazer estas intervenções, são de nossa iniciativa”, ressaltou José Jorge Letria -, esta investigadora, doutorada pela Universidade de São Paulo, pôs toda a interessada assistência atenta às suas palavras directas, sem academismos e de uma exuberância contagiável. Leu trechos, explanou conceitos e deu a ler a uma jovem portuguesa da universidade, Rita Oliveira, uma série de excertos de cada um dos modelos apresentados.

O tempo passou rápido, assim pensaram os presentes, que aplaudiram com gosto e assentimento, no final, a sua animada e explícita palestra. Foi, sem dúvida, como disse o anfitrião, um fim de tarde excelente.

Servido o prato forte, contudo, foi solicitado o debate, em jeito de sobremesa. Vivo, aberto, sem preconceitos, como os autores cujo percurso havíamos analisado em pormenor. E foi a partir deste todo que se extraíram algumas conclusões.

“Viver da escrita é possível sem vender a alma, sabendo vender a obra e encontrar novas formas de negociação”, declarou Susana Ventura, para acentuar: “O valor das coisas é que mudou. Os escritores agora têm de receber projectos e participar com outros autores e artistas de outras disciplinas. Muitos migraram para letristas”.

### INTERCÂMBIO PORTUGAL-BRASIL SÓ É POSSÍVEL ATRAVÉS DA PALAVRA ESCRITA

Dada a posição como adquirida no início da sessão de que o intercâmbio de Portugal com o Brasil só é possível através da palavra escrita, muito mais do que a palavra falada, ou seja, que o cinema, por exemplo,



porque os brasileiros dizem que não entendem o português, quer nos filmes, quer no teatro, José Jorge Letria apontou algumas propostas de solução. Deixou, nomeadamente, duas recomendações.

Uma, no sentido de que Nelly Vaz Coelho, com 70 anos de serviço, seja homenageada, por ter sido “uma ponte viva entre Portugal e o Brasil, que nos está a faltar”. “Este intercâmbio devia estar ancorado nestas personagens que tanto ajudaram na prática a estabelecer laços de união fortes entre os nossos países”, comentou. Outra, que seja reeditada no próximo ano, a biografia de Vinícius de Moraes, escrita por José Castelo, que, em sua opinião, é brilhante, por exemplo, na

descrição como é que um homem pode casar nove vezes e duas delas com a mesma mulher.

A reflexão continuou nas suas palavras de fecho. Que escrever um livro pode ser, de momento, não só um meio para a sobrevivência, mas a descoberta de uma vocação, o caminho para a realização pessoal. Que tem de ser repensado o sector de distribuição, o que leva maior percentagem de dinheiro na edição de um livro e que está em fase de falências sucessivas.

E, por fim, concluiu, em tom camoniano:

“Faz falta esta permuta entre Portugal e o Brasil. Temos um mundo a redescobrir e um mar a desbravar”. *Edite Esteves*

LEONOR XAVIER RECORDA DRUMMOND DE ANDRADE

## “O ‘POETÃO’ ERA UM MITO ABSOLUTO”

Foi o último poeta popular que viveu da escrita no Brasil. Carlos Drummond de Andrade, que teria 110 anos se fosse vivo e faz 25 anos que morreu, ou, como diria Guimarães Rosa, que “ficou encantado”, foi a figura central da conferência proferida por Leonor Xavier, no passado dia 5 de Dezembro, no âmbito das intervenções promovidas pela SPA para o Ano Portugal-Brasil, Brasil-Portugal. No seu estilo “muito casual”, conforme avançou, Leonor Xavier, escritora e jornalista portuguesa que viveu entre 1975 e 1987 no Brasil, trabalhando como correspondente do Diário de Notícias no Rio de Janeiro e redactora da revista Máxima, entremeou a sua explanação sobre o “poetão”, como o povo na rua apelidava Drummond de Andrade, com frequentes leituras da obra do poeta e cronista, feitas pela actriz e encenadora brasileira Numa Ciro, há um ano a trabalhar em Portugal. Foi, pois, uma sessão viva e de certa forma rápida, naquele fim de tarde. “Tudo o que está no coração da gente é notícia”, começou por afirmar Leonor Xavier, citando o protagonista da sessão, para encetar o seu lado de poeta, então em pleno Estado Novo de Getúlio Vargas. O seu envolvimento com o povo, aquando da segunda Grande Guerra, é marcado pela natural simpatia por Charlie Chaplin, a quem dedica o poema “Roda do Povo”, lido por Numa Ciro. Dali passa para as suas origens mineiras, para explicar que cedo, no entanto, “passou a viver no Rio de Janeiro, uma das suas paixões”.

## “TIVE DE O ENTREVISTAR NO RIO E FIQUEI NERVOSÍSSIMA”

Foi aí que Leonor Xavier teve de enfrentar aquele que “era considerado um mito absoluto”. Estava-se em 1981 e fora o Mário Mesquita, então director do DN, quem lhe incumbira o serviço. Era preciso entrevistar o Drummond de Andrade. Ficou nervosíssima – recorda -, pois tinha visto uma entrevista que lhe fizera a grande Lia Cavalcanti, em que ele dizia que apenas ‘fazia uma versalhada’ e que era um simples ‘funcionário público’. “Sabia que ele era muito fechado sobre si mesmo, muito discreto, mas que perdia a cabeça com mulheres, apesar de ter estado casado com Dona Dolores durante 60 anos”, conta Leonor, justificando o seu ainda maior nervoso com a citação que o seu editor, Alfredo Machado, faz a seu respeito: “O sentimento amoroso vai-se aperfeiçoando com o tempo e as experiências”. Mas Leonor Xavier aquietou-se ao pensar que, afinal, ia conhecer pessoalmente o “poetão”, “uma figura muito popular que costumava passear pelo calçadão, falar com a gente na rua, frequentava a livraria Leonardo da Vinci, onde ela ia, e adorava falar ao telefone”. E lá foi. “A primeira impressão é que me ia encontrar com o Fernando Pessoa. Era magro, usava um chapéu de abas largas pretas e uns óculos redondos, como ele”, descreveu-o.

## “ESCREVEU AO TODO 780 CRÓNICAS NO JORNAL DO BRASIL”

Por alturas de Julho/Agosto de 1984, perpassavam as suas crónicas no Jornal do Brasil. “Era um escrito muito apetitoso sobre algo que acontecia no dia-a-dia”, lembra. Aliás, como relata um pouco mais adiante na sessão, Drummond escrevia três crónicas por semana no Jornal do Brasil. Crónicas que eram lidas por centenas de milhares de pessoas. “A crónica é um pequeno prazer, que diverte, que distrai”, opinava. “Esteve 64 anos sem pausas no Jornal do Brasil. Ao todo, escreveu 780 crónicas sobre os temas mais diversos. Era assim como que um coração de utilidade pública”, afirma.

Segundo disse Leonor Xavier, costumava temperar o texto com muitas palavras portuguesas, “tirando-as da geladeira” e em todas as suas crónicas imperava a natureza do Rio. “Inventou mesmo a personagem de João Brandão, que, às vezes, também era poeta como ele.”

A sua última crónica intitulou-a apenas com “Ciao”.

O seu amor pela terra natal – Itabira do Mato Dentro, em Minas Gerais – manifestava-se pela saudade que dizia sentir. “Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas que dói...”, desabafava, confessando-se “triste, orgulhoso, de ferro”, características próprias das suas origens, do interior do Brasil. “Os mineiros são muito aparentados com os portugueses – refere Leonor -, são muito reservados, virados para dentro de si mesmos, maliciosos, não expressam as suas emoções, mas a vontade de amar que sentem vem de lá”.

Muito indisciplinado nos estudos, tirou o diploma de farmacêutico já tarde, mas nunca chegou a exercer. “Descobriu na poesia a liberdade da modernidade”, declarou a conferencista. Na juventude admirou os anarquistas e mais tarde tinha “o fascínio pela utopia”. Dizia-se comunista, mas nunca se filiou no partido, porque, diz Leonor, “era muito individualista”. Por lá andavam o jornalista Gilberto Mansur, o artista plástico Cândido Portinari, o poeta chileno Pablo Neruda, o grande arquitecto Oscar Niemeyer. Sempre votou até aos 80 anos. Carlos Drummond de Andrade sofria do coração e morreu a 17 de Agosto de 1987, passados 12 dias sobre a morte da filha, Julieta, que padecia de cancro dos ossos. Foi homenageado no Carnaval do Rio, quando Leonor Xavier desfilou pela Mangueira e esta ganhou o campeonato. “Quis um enterro muito simples. O povo foi, havia muitos sambistas que cantaram em coro. No Brasil canta-se, em vez de chorar. Não houve rituais religiosos e as pessoas deitaram sobre o caixão muitos versos dele, escritos em papéis. Há uma memória da palavra muito presente no Brasil”, recordou a palestrante, rematando a exposição com um apontamento factual e descritivo: Deixou três livros – “O avesso das coisas”, “A moça deitada na grana” e “O amor natural”.

*Edite Esteves*





INVOCANDO A MEMÓRIA DE CARLOS PAREDES

## JOSÉ JORGE LETRIA ENCERRA CONFERÊNCIA

# “A GUITARRA E O FADO DE COIMBRA”

O PRESIDENTE DA SPA, José Jorge Letria, realizou a palestra de encerramento do colóquio de dois dias promovido pela Câmara Municipal de Coimbra sobre “A Guitarra e o Fado de Coimbra”, que decorreu a 12 e 13 de Outubro, na Casa da Escrita. A sua intervenção, intitulada “Memória de um Génio em Doze Cordas”, foi dedicada à vida e à obra de Carlos Paredes, seu amigo e companheiro de andanças musicais, que, por morte, em 2004, legou à SPA o seu espólio. A sala de actos da SPA tem, desde essa data, o seu nome. Na cerimónia de encerramento deste colóquio, esteve presente a vice-presidente do município e várias pessoas que conheceram Carlos Paredes e com ele conviveram. E, durante o debate que se seguiu, foram também evocados os nomes de Luiz Goes e de José Niza. Pela importância da palestra do presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, José Jorge Letria, publicamos aqui na íntegra o seu conteúdo.

## MEMÓRIA DE UM GÉNIO EM DOZE CORDAS

Carlos Paredes, cuja vida e obra são indissociáveis de Coimbra e da sua memória cultural, é, em termos absolutos, um criador e intérprete genial da música portuguesa de todos os tempos, mesmo não tendo a guitarra que fazia parte de si pertencido ao fado de Lisboa ou à canção coimbrã. Porque era universal como a obra e a prodigiosa imaginação melódica e harmónica de Carlos Paredes.

Comecei por fazer esta afirmação pois considero importante que, quando se fala de Carlos Paredes, se deixe de parte a tentação de o enquadrar, de o classificar ou de o arquivar. A única situação em que a palavra “arquivo” é aceitável em relação a Paredes é quando recordamos que ele foi arquivista de radiografias nas caves do Hospital de São José, destino profissional que se encontrava, até fisicamente, muito abaixo do que lhe era devido, do que Portugal lhe devia.

Só lamento que depois do 25 de Abril de 1974 Carlos Paredes não tenha sido requisitado, enquanto funcionário público, aos Hospitais Cívicos de Lisboa para ensinar e partilhar a sua arte num conservatório público. É certo que não tinha as habilitações académicas canónicas e que não escrevia música, mas, em compensação, tinha o génio, a técnica, a experiência e a sabedoria que fariam dele um mestre único. Vale a pena perguntar: Quantos mais, incluindo aqueles que então nem quiseram considerar essa possibilidade, se podem ou poderiam orgulhar do mesmo?

Conheci Carlos Paredes nos anos 60, em Cascais, em casa de Michel Giacometti que ali se radicara pouco tempo antes e que, numa noite inesquecível, quis pôr Carlos Paredes a tocar ao despique com o guitarrista popular Manuel Jaleca, dos Bonecos de Santo Aleixo. Foi uma noite inesquecível, já o disse, tanto do ponto de vista musical como no plano da relação humana, com Carlos Paredes sempre pródigo a elogiar os outros para melhor desviar as atenções de si.

Pouco tempo antes, Carlos Paredes compusera a música para a peça “Esopaida”, de António José da Silva, espectáculo de estreia e fundação do Teatro Experimental de Cascais dirigido até hoje pelo grande encenador

que é Carlos Avilez. Desde essa época, Paredes manteve uma relação de amizade e colaboração com o TÊC, que o homenageou em Novembro de 1993, no dia do aniversário da companhia, com o descerramento de uma placa no Teatro Mirita Casimiro, numa altura em que a doença que mais tarde vitimaria Carlos Paredes já praticamente o impossibilitava de tocar e mesmo de andar. Os 11 anos que ainda se seguiram foram de grande sofrimento, de isolamento e de apagamento para Portugal e para o mundo nos quais tanto tinha ainda para mostrar, com o caudal imparável do seu talento interpretativo e da sua energia criadora.

Fui, durante quase 30 anos, amigo, companheiro e algumas vezes confidente desse modestíssimo e discreto homem de génio que nunca renunciou às utopias que o levaram a sofrer na carne e no espírito a violência repressiva da ditadura, que o prendeu, torturou e baniu da Função Pública até ao 25 de Abril de 1974. Mas, sobre isso, nunca lhe ouvi uma queixa, uma palavra de ressentimento ou um desejo de vingança. Eram memórias que lhe doíam demasiado para que a elas pudesse voltar.

Sempre cioso da sua intimidade, Carlos Paredes nunca falava da família, da vida sentimental, dos filhos que tinha, dos problemas materiais que o atormentavam e dos sonhos que ainda tencionava realizar. Nessa esfera privadíssima, ele não deixava que ninguém entrasse. Por vezes falava de Artur Paredes, seu pai, ou da tia a que tanto se afeiçoara, mas pouco mais. Quem o conhecia bem, sabia que o seu coração estava sempre aberto para novas paixões e descobertas, para não lhe chamar aventuras, mas também nessa matéria era tão reservado que não consentia qualquer forma de devassa. Carlos Paredes era assim mesmo, ninguém tinha nada com isso, e, se tivesse sido de outra maneira, talvez a sua música não tivesse tido a marca do génio.

Homem de finíssima inteligência e de apurada cultura, estava sempre atento ao que se passava no mundo, sendo a sua proverbial distração somente uma forma de se proteger e de ficar a sós consigo.

Viajámos muitas vezes juntos, em Portugal e no estrangeiro, de Itália à Suécia, de França à RDA. Em todos os palcos deslumbrava e conquistava os públicos, sem nunca acreditar verdadeiramente que era a si que os aplausos se destinavam. Em Setembro de 1974, na festa do jornal L’Unità,



em Bolonha, vi uma plateia de mais de três mil pessoas a aplaudi-lo de pé, também como símbolo que era de uma revolução triunfante, a do nosso 25 de Abril. Mas, mesmo aí, ele fez questão de dizer que as palmas não eram para ele mas para a Revolução Portuguesa. E recordo-me de ter visto um homem muito magro, de óculos escuros, vestindo de negro que quis ir cumprimentá-lo e conversar com ele nos bastidores. À saída confirmei o que já suspeitava. Tratava-se do realizador, poeta e ensaísta Pier Paolo Pasolini, que o queria convidar para compor a banda sonora do filme que tinha em preparação. Esse projecto não chegou a concretizar-se porque entretanto Pasolini foi assassinado em Roma e porque Carlos Paredes nunca acreditou que o convite fosse para valer. Mas era mesmo e só o destino impediu que se materializasse numa parceria única.

Eu e todos aqueles que trabalharam, conviveram e viajaram com Carlos Paredes guardaram na bagagem da memória dezenas de histórias divertidas que ilustram a sua distração, a sua forma desajeitada de lidar com o palco e com o mundo circundante, a sua infinita modéstia, o seu discreto mas aguçado sentido de humor e a imensa generosidade de alguém que sempre entendeu que a vedeta não era ele mas sim a sua guitarra e Portugal. A soma dessas histórias daria para publicar vários livros, mas confesso que lhes atribuo pouca importância, pois elas subalternizam a grandeza da obra e o génio do artista. Como aconteceu com Manuel Maria Barbosa du Bocage e com outras grandes figuras da nossa história cultural, existe sempre o perigo de que a ligeireza do anedotário se sobreponha e ofusque o fulgor da obra realizada.

Por isso prefiro recordar o músico infatigável, o intérprete comovido, o grandioso poeta dos sons que conseguiu sintetizar em magistrais peças de três ou quatro minutos a profundidade, o lirismo ou o sentido épico da alma portuguesa. Estou cada vez mais convicto de que ninguém conseguiu ir tão longe como ele nessa tarefa de assombro. Tive oportunidade de o escrever várias vezes e de lho dizer com frequência, mas ele, sendo eu uma das poucas pessoas que o tratavam e ele tratava por tu, respondia-me sempre com um sorriso meio atrapalhado “Ó amigo, isso é um exagero, há quem seja muito melhor do que eu”. Não era verdade, ele sabia que não era verdade, mas essa era a única forma de ser coerente

com a sua modéstia.

Quando ele morreu em 2004 e legou à SPA, em testamento, o seu espólio, que inclui a guitarra de concerto fabricada em 1963 por Gilberto Grácio, senti que tinha morrido com ele uma parte de mim, da minha memória cultural e afectiva, dos meus sonhos e da minha quase infantil capacidade de admirar quem o merece. Todos ficámos mais pobres e mais sós nesse dia, mas ficou connosco a pureza, a magia e o mistério dessa música poderosa que ecoa dentro de nós e consegue falar por todos nós. Acho que nunca lhe agradei convenientemente o prefácio que escreveu para um livro meu sobre a canção política, em finais dos anos 70, e que foi o único que ele escreveu em toda a sua vida, e Paredes escrevia primorosamente com elegância, clareza e estilo, ou não fosse ele um grande músico.

Acho que deixei muitas outras coisas para lhe agradecer. No dia em que propus à Direcção da SPA que o seu nome fosse atribuído à sala/galeria que é o Salão Nobre da instituição creio ter-lhe dito obrigado, mesmo estando ele fisicamente ausente. Tenho atrás da minha cadeira, no meu gabinete de trabalho na Sociedade Portuguesa de Autores, um belo quadro de Marco Moura, datado de 2004, que o retrata com uma fidelidade inexecrável e comovente. Todos os dias, quando inicio a minha jornada de trabalho, olho para esse retrato e apetece-me dizer: “Sabes, Carlos, este Portugal que hoje está triste e cabisbaixo talvez consiga renascer com a cadência exaltante e única da tua música”. Mas não o faço porque ele deve saber que é assim que eu penso.

Digo isto hoje em Coimbra, a sua cidade que tanto amou e que nem sempre o tratou da forma que merecia, com a esperança de ver um dia uma estátua que o evoque e homenageie num sítio central desta magnífica cidade. Tudo isso lhe é devido porque, no movimento perpétuo que foi a sua relação com a música, com a cultura e com a vida, nunca houve ou haverá outro Carlos Paredes, um dos melhores de todos nós, ao lado de Zeca Afonso e de alguns mais, mostrando a Portugal que tem razões de sobra para nunca renunciar ao orgulho que deve ter e manter nos seus grandes criadores.

José Jorge Letria



“AQUI, POSTO DE COMANDO DOS NOSSOS AFECTOS!”

## JOSÉ JORGE LETRIA EM MENSAGEM A LUÍS FILIPE COSTA NA HOMENAGEM PROMOVIDA POR ARMANDO CALDAS

Na impossibilidade de estar presente na homenagem que Armando Caldas, director do Intervalo Grupo de Teatro sediado no Auditório Municipal Lourdes Norberto, em Linda-a-Velha, promoveu a Luís Filipe Costa no passado dia 11 de Outubro, José Jorge Letria fez questão de enviar uma mensagem sentida ao autor a quem entregou o Prémio de Consagração de Carreira da SPA o ano passado e que viria a distinguir ainda no dia 9 de Novembro com o Prémio Igrejas Caeiro, atribuído pela primeira vez pela SPA, como se pode ler na notícia em destaque.

Falando em nome de todos os autores, o presidente da SPA evocou as múltiplas qualidades de Luís Filipe Costa, como autor e como cidadão, relevando o facto dele ter revolucionado o estilo e a linguagem da informação radiofónica em Portugal, e que, “porque o destino não deixa nada ao acaso, deu voz aos primeiros comunicados do Movimento das Forças Armadas, na madrugada libertadora do 25 de Abril de 1974”. E é nesse sentido que José Jorge Letria termina a sua mensagem nesta cerimónia de homenagem com um simbólico ‘alerta’: “Aqui, Posto de Comando dos nossos afectos!” Segue na íntegra a mensagem de José Jorge Letria a todos os que estiveram presentes nesta homenagem àquele autor que, “em 2003, acreditou, como muitos outros, que era tempo de dar um novo rumo à SPA, em nome da ética, em nome dos autores e em nome do futuro”.



### PRÉMIO IGREJAS CAEIRO DE RÁDIO DISTINGUE LUÍS FILIPE COSTA

O Prémio Igrejas Caeiro, atribuído este ano pela primeira vez, para distinguir uma carreira na rádio portuguesa que tenha abarcado vários domínios de expressão e intervenção, foi atribuído a Luís Filipe Costa, “consagrando décadas de trabalho realizado na área da informação e programação e também o seu indiscutível contributo para a renovação da informação radiofónica”. A divulgação de mais esta distinção para Luís Filipe Costa pela SPA foi efectuada através de um comunicado datado de 9 de Novembro. Recorde-se que Luís Filipe Costa, que foi já distinguido em 2011 com o Prémio de Consagração de Carreira, como se refere na notícia anterior, foi destacado agora por um júri constituído pelos membros dos corpos sociais da SPA reunidos no passado dia 30 de Outubro, tendo a decisão sido tomada por unanimidade. O Prémio Igrejas Caeiro, conforme noticiámos na última edição de Autores, foi criado no âmbito da exposição de homenagem ao grande homem da rádio, cinema, teatro e televisão que esteve patente na SPA durante todo o Verão. O prémio, que não tem valor pecuniário, consta de um troféu concebido pelo artista plástico Fernando Filipe e por um diploma alusivo, sendo entregue em data a anunciar.

Caros amigos,

Impossibilitado de estar presente por motivos que transcendem a minha vontade, saúdo muito calorosamente o Armando Caldas por esta e outras iniciativas semelhantes e muito particularmente o Luís Filipe Costa, que tão merecidamente recebe hoje esta homenagem. Faço-o também em nome da Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores, a que presido e que o Luís Filipe Costa integrou, com grande dedicação e competência, durante dois mandatos.

Em momentos como este, as palavras tendem sempre a ficar aquém daquilo que os homenageados merecem que seja dito. Ainda assim vou servir-me daquelas que me ocorrem, com a amizade e a admiração que tenho há muitos anos pelo Luís Filipe Costa.

Falo-vos de um dos maiores nomes da comunicação em Portugal durante mais de meio século, com um percurso notável na rádio e na televisão, mas também de um realizador e escritor de talento, que nunca precisou de se pôr em bicos de pés para fazer sobressair a sua valia.

Falo-vos do autor, do homem e do cidadão que revolucionou o estilo e a linguagem da informação radiofónica em Portugal e que, porque o destino não deixa nada ao acaso, deu voz aos primeiros comunicados do Movimento das Forças Armadas, na madrugada

libertadora do 25 de Abril de 1974.

Falo-vos ainda do homem generoso e de palavra que sempre acreditou que o consenso e o diálogo são mais fortes que o conflito. Falo-vos ainda do autor que, em 2003, acreditou, como muitos outros, que era tempo de dar um novo rumo à SPA, em nome da ética, em nome dos autores e em nome do futuro.

Falo-vos, por último, de um amigo cuja obra e vida são para muitos de nós uma referência, cuja validade não tem prazo e que gostamos sempre de ter junto de nós na hora das grandes decisões e das pequenas e grandes alegrias.

Tive a honra de lhe entregar o Prémio de Consagração de Carreira da SPA em 2011 e voltaria a fazê-lo sempre que tal se justificasse, pois essa carreira e essa vida merecem o meu e o nosso aplauso e incondicional admiração.

Meu caro Luís Filipe Costa, quase que me apetecia dizer esta noite: aqui, Posto de Comando do Movimento dos nossos afectos e recordações comuns. Esse posto de comando imaginário está sempre activo em nome das coisas que verdadeiramente contam. Por isso te deixo, hoje e sempre, o mais fraterno abraço de amizade e admiração, que é de todos os autores em cujo nome tenho legitimidade para falar.

*José Jorge Letria*

# O QUE NOS QUEREM “VENDER” PARA VENDER A RTP

POR



ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS

O GOVERNO, ATRAVÉS DO MINISTRO RELVAS, no que é apoiado pelo PM, tem vindo a desfêrir ataques constantes sobre o Serviço Público de Rádio e de Televisão, que não tem paralelo nos países da U.E. e nas restantes democracias do mundo. Este ataque, onde já foram anunciadas várias medidas e o seu contrário, que levou, em poucos meses, à demissão de uma administração que acabara de ser nomeada pela tutela, do director de programas da 2 e do director de informação, tem sido preparado através de uma campanha bem orquestrada de intoxicação da opinião pública, com a conivência de intelectuais, colunistas e comentadores mal informados ou que alimentam um preconceito doentio contra tudo o que sejam os sectores estratégicos do Estado e os seus monopólios naturais: depois da electricidade, as águas, os transportes, os correios, a Caixa Geral de Depósitos, a televisão pública, e o mais que vier.

A um total desconhecimento do que seja o Serviço Público, somou-se um desnorte nas medidas anunciadas e uma falta de pudor nos argumentos, que denunciam, aos olhos de muitos, uma agenda oculta: entregar ao desbarato a um grupo, que pode esconder interesses estrangeiros, uma empresa com mais de 40 anos de experiência, com canais prontos a emitir no dia seguinte, ao contrário das concorrentes – SIC e TVI – que tiveram que se construir de raiz. Vale a pena, por isso, desmascarar algumas dessas falsidades, mentiras, omissões e preconceitos, com que o governo pretende justificar o injustificável. “A RTP sai muito cara”. Além de se escamotear que o universo da empresa são 15 canais (entre canais de rádio e de televisão, nacionais, regionais e internacionais, em aberto e no cabo, ou seja, generalistas e temáticos), e que tem limites drásticos à publicidade, esconde-se que a RTP é, de todas as televisões europeias, não só a segunda mais barata, como aquela que tem menos contributo dos cidadãos (Portugal: 27 por habitante por ano; Noruega: 314,9).

“A RTP deve dar lucro”. Como qualquer serviço do Estado, tem necessariamente custos públicos. É para isso que pagamos impostos. Como qualquer empresa pública, deve ser gerida com rigor, utilizar o melhor possível os seus recursos e ser escrutinada pelo Conselho de Opinião, pela AR e por estudos que meçam o grau de satisfação dos cidadãos. Mas, ao contrário dos privados, não tem que dar lucro.

“A dívida da RTP é incomportável”. Quando Moraes Sarmento, há dez anos, tomou conta da pasta, a dívida da RTP era de mais de mil milhões de euros. Convém lembrar duas coisas: 1. Que essa dívida (mesmo se, em alguns anos, houve derrapagem nas contas) não era da empresa, mas do Estado, uma vez que o governo anterior havia aprovado os orçamentos que previam um determinado montante da “indenização compensatória” (para compensar os cortes na publicidade), que, em grande medida, não foi liquidada; 2. Que essa dívida e esses custos se devem exclusivamente a duas decisões irresponsáveis dos governos anteriores: o 2º governo de Cavaco Silva, que, ao mesmo tempo que abriu o concurso para dois canais privados, aboliu a taxa de TV e obrigou a empresa a vender ao desbarato os seus emissores à PT, a quem depois teve que os alugar por preços exorbitantes; e o governo Guterres, que limitou o acesso à publicidade por parte do 1º canal e a retirou ao 2º, sem ter ressarcido a empresa, como vimos, dessa perda de receitas. Mas hoje, a RTP é uma empresa sustentável e sem dívidas.

“É possível fazer SP de TV com um só canal”. É uma desculpa para desmembrar a RTP e entregar uma importante fatia dos seus activos e património a um grupo de comunicação “amigo”, tendo em conta as tergiversações, as decisões erráticas, contraditórias e sem sustentação que o governo tem sucessivamente anunciado. De facto, Relvas já disse que ia privatizar um canal; depois de ter pedido à administração que lhe fizesse um plano de sustentabilidade que incluísse a publicidade, anunciou que ia retirar a publicidade ao que ficasse; depois, pediu-lhe outro plano, desta vez com publicidade, mas só com um canal generalista e que desse lucro (!); posteriormente, anunciou o fecho de um canal e a concessão da RTP a privados; depois, o fim das indemnizações compensatórias; agora, admite a venda de 49% a um privado!

Esclareça-se: 1. Só a Albânia e a Bulgária têm apenas um canal; 2. Nenhuma democracia do mundo (com excepção da Nova Zelândia) alguma vez pensou em privatizar o seu SP de TV.

“Não sabemos o que é o SP de TV”. Relvas, como Passos Coelho, revelam uma incultura grave na matéria que lhes cabe gerir: ignoram o que é o entendimento e a prática europeias, plasmadas nos vários tratados e outros textos quer do Parlamento Europeu, quer da Comissão, quer do Conselho, quer do Conselho da Europa, que Portugal subscreveu. Como ignoram a Lei e o Contrato de Concessão.

“A RTP é igual às privadas”. Não há comparação possível. A RTP é dos cidadãos, que lhe podem pedir contas pela sua programação, gestão e desempenho. Por isso, a RTP, como todas as TVs públicas no mundo, é paga, em parte, pelos contribuintes. As estações comerciais generalistas, abertas e gratuitas, são pagas pela publicidade, o que condiciona a sua programação e as impede de assumir as obrigações constitucionais que qualquer TV pública no mundo tem por missão cumprir.

“A RTP não cumpre cabal nem correctamente essas obrigações”. Essa é outra questão, com que terminamos, por hoje. De facto, e para além de outros estragos, o que este ataque à integridade e identidade da RTP está a provocar é que nos distraiu do essencial: o que se devia ter promovido era um sério e amplo debate nacional sobre a reforma da RTP: as novas missões e os novos serviços, os meios operacionais à sua disposição, a melhoria do seu desempenho (nomeadamente na área da ficção, onde somos o país mais pobre da Europa), a presença nas novas plataformas (multiplexers, internet, redes sociais, tablets, telemóveis da 4ª geração, etc.), de modo a assegurar que o serviço público de rádio e de televisão é posto ao serviço dos cidadãos, para os quais a RTP deve ser um elemento fundamental de coesão social, de combate à exclusão, de garantia do pluralismo, da diversidade e da inovação, de defesa da língua e da cultura, de presença no vasto mundo lusófono, e o meio privilegiado de formação do gosto e do espírito crítico, de acesso à cultura, ao entretenimento e à informação.

No último número, por lapso, indicou-se o meu nome como autor de um Manifesto e de uma Petição, de que sou apenas o primeiro de 7673 subscritores, e que pode ser consultada e subscrita no site [www.emdefesadoservicopublicoderadioedetelevisao.pt](http://www.emdefesadoservicopublicoderadioedetelevisao.pt)



## EMBALADO PARA CUMPRIR 35 ANOS NA MÚSICA

# A NAÇÃO JÁ SENTE À FLOR DA PELE “A MINHA GERAÇÃO”

**ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO**

Inscreevou-se na SPA em 1979, pela mão do padrinho, António Machado, que era actor. Mas não foi na área da música. Entrou com a aprovação de uma análise de poemas que tinha feito. Na altura, havia uma comissão que avaliava o nível do aspirante a beneficiário e António Manuel Ribeiro ficou todo nervoso. Mas foi aprovado. Portanto, está nesta casa, como autor, há 33 anos, quase tantos como os que já começou a comemorar, desde 20 de Novembro passado, a nível de carreira artística, na qualidade de músico, compositor e letrista, ou seja, 35. Sempre como porta-voz e mestre dos UHF. Sem, todavia, abdicar de fazer política como pode e quer, algo que lhe está enraizado nas suas aspirações, tal como o devotar muito do seu tempo à prática de actos de cidadania activa e ao apoio da defesa dos direitos autorais e humanos.

António Manuel Ribeiro e UHF confundem-se. Os seus percursos são indissociáveis um do outro. E agora, estão embalados na tarefa de pôr cá fora muitas das composições que têm vindo a produzir, algumas delas retiradas para o sempre necessário stock ou na gaveta das menos conhecidas – as tais “Canções Prometidas”, raridades que já vão no III volume -, outras de cariz acústico – “Ao Norte” - e o novo CD a sair em Março de 2013, com 20 canções originais. “A Minha Geração” é o seu nome. E é também o da primeira canção que divulgaram num dos espectáculos da sua digressão acústica “Ao Norte”, em Almada.

Foi tão empolgante a recepção a esta música, que retoma o som electrónico dos UHF, que a Nação – como António Manuel Ribeiro define a sua larga quantidade de fãs -, não os deixa, para já, lançar outra canção original do próximo disco. Aquela abriu-lhes o apetite e chegou. Já está no ouvido, na boca e à flor da pele de todos os que se extasiam com os “Cavalos de Corrida”, a “Rua do Carmo” ou a “Menina Estás à Janela”, para só falar de algumas das suas músicas mais ouvidas e emblemáticas. E para os próprios músicos, ela representa, efectivamente, uma aposta. “É uma canção muito bonita, uma canção geracional, em que eu olho para a minha geração e sou um bocadinho duro a escrever sobre ela. É uma geração de sonhos enganados.”

**Gostaria que me falasse, então, sobre os principais eventos a decorrer no âmbito da celebração dos seus/UHF 35 anos de carreira, que culminam no dia 20 de Novembro de 2013. O disco duplo ao vivo gravado o ano passado em Fafe é o trampolim para essa ‘festa’?**

O duplo CD ao vivo “Ao Norte” é um disco acústico que gravámos em Novembro de 2011 no Teatro-Cinema de Fafe, tem a versão de voz e piano e foi lançado no mercado em Abril deste ano, servindo de base de lançamento da nossa digressão “Ao Norte”. Nós temos lá uma imensa família no Norte, no Grande Porto e no Minho, especialmente. Ainda agora, a 27 de Outubro, foi lançado no Casino Estoril o livro “Bookstage”, uma compilação de entrevistas

densas e algumas explosivas com oito homens da frente do palco do pop/rock português dos anos 80, entre eles eu, e eles vieram de todo o país. Não estava à espera. Esse disco é o que nos faltava fazer. É um disco acústico, transformando algumas das nossas canções mais emblemáticas como os “Cavalos de Corrida”, que foi um risco só com voz e piano, sem guitarras, mas foi fantástico. As pessoas perceberam que cheguei a um momento na vida em que tenho que arriscar. Não podemos estar cá somente a construir sucesso e mais sucesso e a repetir-nos. Eu detesto fazer isso, não sou capaz.

**A inovação é uma ferramenta muito importante num artista.**

E em todos os concertos temos que correr o risco.



**EU TENHO USADO O PALCO PARA COMUNICAR CÍVICA E POLITICAMENTE A ENERGIA QUE DISPONHO E DISPONIBILIZO PARA PARTICIPAR NA MUDANÇA DESTE PAÍS**



Um concerto pode estar alinhado, mas para suporte, depois lá em cima há que improvisar. Tem de haver ali um risco, um desafio. Senão, não valia a pena, aplicávamos um playback.

**Improvisam de acordo com a reacção do público?**

Ah, muitas vezes, o público leva as coisas para onde quer, isso é um facto. Mas também pode ser a orquestra...

**"QUERO PERCEBER  
O RESPIRAR DAS PESSOAS"**

**O António Manuel sente-se bem perante o público?  
Melhor diante de um grande público ou numa sala pequena?**

Há uns anos atrás, dir-lhe-ia que tinha um terrível medo do palco. Grande, pequeno ou médio, para mim era um terror. O camarim também era uma câmara de terror, de tortura. Idade Média, Inquisição. Não conseguia jantar, vomitava, tinha que beber água de seco que estava.

**Durante todo o dia ou imediatamente antes do concerto?**

Todo o dia, sim. Na véspera já começava a pensar. Depois, fiz muitos concertos internacionais, com grandes nomes e foi aí que ganhei calo. Aprendi muito com eles, com esses estrangeiros que vinham cá e sobretudo ganhávamos aquilo que era a forma de fazer as coisas. Eles sabiam. Eu, hoje em dia, domino o palco, como um espaço onde me sinto bem, uma espécie de peixe no aquário.

**Um peixe muito sereno.**

Sim, sim. Aliás, a minha droga em palco é água. Não bebo nada de álcool e, acima de tudo, estou muito compenetrado daquilo que vai acontecer, porque eu quero perceber o respirar das pessoas. Às vezes, as salas mais pequenas são as mais difíceis. Agora, por exemplo, estamos no campo dos auditórios, que é onde apresentamos este disco ao vivo. Os auditórios deste país são salas confortáveis com lugares sentados, não há barreiras, as pessoas estão ali sentadas à minha frente, a dois metros. Ainda há dias, estava no Teatro do Bairro, no Bairro Alto, aqui em Lisboa, no dia 27 de Setembro, e digo-lhe que entrei nervoso. Porque entrava a cantar sozinho com a minha guitarra acústica e ia começar com duas canções de Lisboa, naturalmente, "Noites de Lisboa" e "Rua do Carmo". Canções que falam do velho Bairro Alto, o Bairro Alto ainda com os jornais – aliás, o Teatro do Bairro é na Rua Luz Soriano, onde eu trabalhei no Record – e, portanto, aí senti-me um bocado nervoso. Ia fazer fora do esquema normal, sem ninguém, à segunda canção é que a banda entrava (actualmente, somos cinco músicos – eu na voz e guitarra, António Corte-Real na guitarra, Ivan Cristiano na bateria e Fernando Rodrigues

FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO







na viola-baixo). As pessoas estavam ali sentadas, a beber o seu copo, a ver e ouvir e a bater palmas, foi muito bonito. Muito íntimo. Esses concertos sem distância criam mais responsabilidade, mais respeito. De resto, hoje em dia, as pessoas estão ali, fotografam e filmam, metem tudo no Facebook e não há margem para esconder nada, para escamotear o que quer que seja.

**Aguenta essa carga de respeito? Bom, sabemos que o nervoso é próprio do artista.**

Isto é a minha vida. Nos anos 80, tive problemas no grupo, a droga. A droga tocou quase todos os grupos portugueses dessa época, ou todos mesmo. Houve uma entrada e saída de músicos, de tal forma que eu não conseguia ter uma formação regular. Graves problemas de rapazes, infelizmente, agarrados à toxicod dependência. Nessa altura, pensei ir para a política, porque estive a fazer política.

### **"A MINHA GERAÇÃO É UMA GERAÇÃO DE SONHOS ENGANADOS"**

**Como é que se vai chamar o disco do vosso contentamento dos 35 anos de carreira?**

Nós vamos fazer uma série de edições e começamos já a 20 de Novembro. Começamos com uma edição do terceiro volume das nossas "Canções Prometidas", 12 raridades gravadas entre 1979 e 2011, mas em Março de 2013 queremos lançar o nosso disco de originais novo, que se chama "A Minha Geração". É o nome da primeira canção que já divulgámos. Nós gostamos muito daquilo. Nesta semana temos três espectáculos, em Leiria, Coimbra e Albergaria-a-Velha – eu estava a tentar meter mais uma canção original, mas todos disseram não, e voltamos a tocar "A Minha Geração", é nesta que vamos apostar. É uma canção muito bonita, uma canção geracional em que eu olho para a minha geração e sou um bocadinho duro a escrever sobre ela. É uma geração de sonhos enganados. No fundo, seguiu um bocado as pisadas dos pais e acreditou que o sucesso era aquilo e a paz e a felicidade tinham aqueles modelos que estavam adquiridos e depois há um vazio enorme. Sem autocomiseração, a minha geração teve uma grande esperança, porque é a geração fronteira do 25 de Abril e nós acreditámos que no dia 25 de Abril éramos europeus, livres, dignos [isto acompanhado de uma gargalhada sarcástica] e, 36 anos depois, é esta coisa: cauda da Europa, outra vez sem autonomia, sem independência. No fundo, basicamente, nós estamos intervencionados, quer queiramos ou não. Isto é inconcebível para quem gosta muito do 1.º de Dezembro de 1640, como eu gosto. Não me custa nada dizer isto, mesmo para os meus amigos monárquicos. O 1.º de Dezembro revela a nossa identidade. É o chegar ao fim de quarenta anos de submissão aos espanhóis. E amanhã vêm os angolanos: o que é que vai acontecer ao Jornal de Notícias e ao Diário de Notícias?



## **NÓS ESTIVEMOS SEMPRE EM CRISE NA MÚSICA, PRIMEIRO FOI A CASSETE PIRATA, DEPOIS FOI UMA SÉRIE DE DECISÕES JURÍDICAS QUE DESFAVORECIAM OS AUTORES, AGORA É A PIRATARIA INFORMÁTICA**

**canção "A Minha Geração" foi, então, a primeira canção que divulgaram desse disco de originais.**

Foi em Almada, no dia 30 de Junho, num concerto FNAC, onde nós apresentámos o disco "Ao Norte". Até agora, gravámos 14 canções, penso que ainda vamos gravar mais duas ou três.

### **"AS 'CANÇÕES PROMETIDAS' SÃO SEGUNDOS TAKES"**

**Mas não vai ser um duplo CD, como o "Ao Norte", com 10 canções cada disco?**

Não. Durante uma certa fase houve um disparate enorme, quando nós começámos a ter espaço no CD. Nós vínhamos comprimidos do vinil. Nos LPs, o normal seria fazer entre os 16 e os 18 minutos de cada lado. Como os LPs tinham pouco mais de 20 minutos, não tinham muita qualidade e, portanto, quando entrámos na era digital e nos deram 76 minutos, ficámos todos malucos e desatámos a fazer discos – eu também fiz – com 18 canções, 20 canções, 30 canções. Que estupidez! Acho que se perdia, muitas vezes, a coesão temática. Espalhava-se. Às vezes, eram manias dos músicos. Contando com mais de uma pessoa, às vezes, temos que fazer a gestão dos egos, para haver um equilíbrio. Quando isso não acontece, como agora é o caso – sou o único compositor – a tendência é fazer uma maior selecção para aquele momento e deixar algumas composições para outra ocasião, para mais tarde. Aliás, são raridades que começam em 1980 e seguem por ordem cronológica. Neste terceiro volume das "Raridades" ou "Canções Prometidas", tal como os outros dois, não há uma escolha temática. É do mais velho ao mais novo. Todas as canções que ficaram perdidas. Segundos takes.

**E já está o quarto volume aí quase pronto a sair também?**

Por acaso, eu acho que temos material para o quarto com qualidade. Este terceiro volume tem muita qualidade. Repare, nós temos uma grande cdteca de coisas deixadas para trás, no fundo, porque com discos tão grandes, simplesmente não vale a pena.

A

Por exemplo, de quando editámos o "Porquê", ainda temos mais cinco temas, mas ainda ficaram temas de lado. Gravámos 21 temas, imagine! Claro que tiveram de sair uma série deles e nós agora fomos buscar três canções dessa época e metemos, sem nenhuma dificuldade. É isso que eu quero fazer. Só foram remisturadas. Não foram reformuladas. Está lá tudo. Há coisas de dar vontade de rir. Há lá uma canção de 1980, original, que abre o disco, que a minha forma de cantar dá-me vontade de rir. Mostra um maneirismo de alguém, que está no princípio e que ainda tem umas influenciinhas de ingleses... Mas isto é mesmo para mostrar, porque era assim naquela época.

**A sua forma de cantar teve grande influência dos Beatles, como não podia deixar de ser.**

Também. Gosto muito do John Lennon, principalmente na fase dele a solo, é muito forte, para mim é muito importante.

### **"TENHO DOIS DISCOS A SOLO ADIADOS POR FALTA DE TEMPO"**

**Não pensa fazer nada a solo para esta celebração?**

Já fiz uns discos a solo, mas agora não tenho tempo. Eu tenho um disco a solo adiado há quatro anos. Aliás, tenho dois a solo adiados: é um de canções minhas para mim e que tem também canções de outros, até canto canções americanas e francesas; e outro para crianças. A miha filha mais velha, Maria Bárbara, que é psicóloga, quer fazer comigo um livro com o CD e depois os textos, porque ela gosta de escrever, mas ela também não tem tido tempo. Mas agora já lhe dei os poemas para as canções para ela desenvolver histórias sobre a temática. São livros para miúdos que os pais vão querer ler. Serão dez histórias em canções, que servem de guião para desenvolver histórias em livro.

**E em relação a outras acções previstas para comemorar os vossos 35 anos na música?**

Nós começámos no dia 20 de Novembro deste ano e acabamos no dia 20 do ano que vem. Além do "Raridades" e do CD de originais, que sai em Março do ano que vem, vamos fazer mais coisas. Vamos fazer uma caixa, no final. Há uma ideia da Sony, com quem estamos a trabalhar na distribuição, que quer fazer uma caixa, uma coisa já com uma certa densidade, até pelos muitos anos em que lá estamos; temos um catálogo enorme e as nossas próprias edições e juntar isso tudo era interessante, mas há mais ideias. Queremos fazer um ou dois espectáculos emblemáticos, isso queremos.

**Em relação à vossa tournée, os UHF continuam com o "Ao Norte"?**

Sim, para já até final de Dezembro. E depois, até



Março do ano que vem, vamos continuar a fazer acústicos.

#### **Em salas pequenas...**

Naturalmente, estamos no Inverno. E o “Ao Norte” não é um disco para um open space, mas sim para salas fechadas. Uma guitarra acústica no meio de um terreiro cheio de humidade está sempre a desafinar. Tal como num ambiente de discoteca, com o calor, está sempre a desafinar. Os instrumentos acústicos requerem outros cuidados. Nós gostamos que neste disco as pessoas estejam sentadinhas a olhar. É o outro lado dos UHF, se quisermos. Para nos entendermos, até porque há um momento de comunicação muito grande. Eu tenho usado o palco para comunicar cívica e politicamente a energia que disponho e disponibilizo para participar na mudança deste país. Porque este país tem que mudar. Não é mudar para fazermos o antigo, é mudar mudando. Isto já não é economia, matamos as pessoas. Já não há mais capacidade de sobrevivência, os bancos alimentares estão pelas costuras, as misericórdias estão pelas costuras, os seminários estão pelas costuras, as câmaras municipais, as juntas de freguesia... Já não há, estamos nos limites.

#### **“COM A CRISE, OS ESPECTÁCULOS VÃO TER MAIS IMPORTÂNCIA”**

**Acha que a música é das artes que irá sofrer, mesmo assim, menos com a crise?**

Eu acho que existe, neste momento, uma espécie de metamorfose das coisas. O mundo discográfico encolheu completamente, a indústria encolheu. As grandes editoras que ainda operam em Portugal neste momento já não têm sequer centro de decisão em Portugal, normalmente estão em Espanha ou fora da Europa. O que vai acontecer –

já está a acontecer – os espectáculos vão ter mais importância – sempre tiveram – para as pessoas tirarem mais rendimento da música. O que eu acho é que nós estivemos sempre em crise na música, primeiro foi a cassete pirata, depois foi uma série constante de decisões jurídicas que desfavoreciam os autores, agora é a pirataria informática. Nós estamos sempre um bocado à frente das crises e, naturalmente, à procura de soluções para sair da crise. Acredito que, neste momento, os músicos que têm competência e que têm aquilo que se chama o eco perante o público terão soluções e ficarão cá a fazer coisas novas e vão aparecer pessoas novas a fazer coisas em Portugal. Isso é indiscutível.

**Mas não julga necessário partir também para uma maior via internacional e actuar no estrangeiro?**

Sim, nós temos que começar a pensar seriamente nisso. O que está mais perto de nós são os PALOP, que, até há pouco tempo, estavam muito desorganizados para construir cultura, portanto, vamos ver como vai ser daqui a uns tempos. Por outro lado, temos uma grave dificuldade de chegar ao Brasil. O Brasil chega cá facilmente, mas quando

nós tentamos exportar para lá, dizem que não percebem a nossa língua.

#### **Seria de aproveitar esta oportunidade de estar a decorrer o ano do Brasil em Portugal e de Portugal no Brasil.**

Mas acontece uma coisa curiosa: eles dizem que não percebem o português, mas nós percebemos o brasileiro. São formas de ver. Se calhar, faltamos aquilo a que podemos chamar de capacidade financeira para fazer penetrar a música no Brasil. Fazer um trabalho realmente importante para o qual é preciso dinheiro e, neste momento, não há nenhuma editora em Portugal que tenha dinheiro para isso.

**A nível das telenovelas, por exemplo, esse intercâmbio foi muito positivo.**

Sim, sim, inicialmente até havia quem não acreditasse, mas eu sempre disse que as telenovelas são uma plataforma de avaliação e quando elas são exportadas, as músicas vão atrás e isso é muito importante. Amanhã, pode acontecer o retorno. É assim que nós chegamos lá aos sítios. Acho que todos nós vamos procurar essas soluções, nós

#### **COM AS PLATAFORMAS DIGITAIS**

#### **“PASSAMOS A VENDER NA NET CANÇÃO A CANÇÃO”**

**Fazer CDs vale a pena, neste momento?**

Eu acho que ainda vale a pena. Porque, no nosso caso, por exemplo, nós temos grupos de fãs em todo o Portugal e até no estrangeiro e mesmo clubes de fãs, que sabem mais dos UHF do que eu – é a Nação. Aquilo, para eles é a peça instrumental, é o objecto, eu próprio sou coleccionador de discos. Gosto de ir a uma discoteca e mexer, andar à procura, descobrir, às vezes uma coisa velha que foi reeditada e eu não estava à espera. Eu gosto disso e sei que existe muita gente que gosta, mas, hoje em dia, para chegarmos mais longe – até porque as cadeias de vendas são cada vez mais comprimidas – nós temos que vender, cada vez mais, na plataforma digital. Ou seja, deixámos de vender discos e passámos a vender canções a canções. As pessoas chegam lá e há quem compre o disco inteiro, com as 12 canções, mas há muita gente que compra três ou quatro canções. Quer dizer, há quem compre à canção.

**E o António e os UHF vendem mais, neste momento, com este sistema?**

Eu penso que o suporte físico ainda vende razoavelmente.

**Os jovens hoje, apesar de estarem vocacionados essencialmente para o digital, parecem voltar a gostar de coleccionar, de tocar, de rever. Será porque sentem que não possuem memória, termos de comparação, valores adquiridos?**

Quando aparecem as portas abertas no digital, eles não têm de adquirir, só têm de ir buscar. A música, infelizmente, ainda é sacada. Mas isso cansa, porque deixa de haver a relação. E quando as pessoas se tornam fãs e querem coleccionar as palhetas, as t-shirts e outras peças vão comprar também os discos. Não é por acaso que o vinil está a regressar a Portugal, cada

vez mais. Mas o fenómeno do vinil eclodiu há mais de dez anos no Japão. Nomeadamente, com a produção de novos leitores de gira-discos de vinil. As fábricas já estavam encerradas e voltaram a criar uma linha de produção, porque se vende e porque é de coleccionador. Ou seja, quem quer a peça – é a tal história, entre a gravura digital e o quadro vai uma grande distância, podemos fazer, inclusive, uma belíssima fotocópia, mas não é a mesma coisa que o original – e também no disco acontece a mesma coisa: as pessoas quando o querem ter, precisam de o ir buscar e vão buscar. E os miúdos estão a fazer isso, porquê? Porque estão a andar para trás, estão à procura das referências. E hoje é tudo muito pouco tocável: as coisas são de todos e não são de ninguém.

**Aliás, uma das suas características é cantar em português, escrever letras em português. Uma coisa que me parece estar também a voltar com os nossos artistas musicais.**

Sabe, quando eu comecei também fiz um combate contra o inglês. Cantava-se em inglês. Até se dizia, na altura, que o rock não podia ser cantado em português, porque era difícil, por causa dos tons. Penso que o inglês, na altura, foi uma moda e neste momento já há outra vez uma garantia de que há pessoas que querem cantar em português. E porquê? Porque acho que podemos estar a cantar maravilhosamente bem, há cantores fantásticos em Portugal a cantar em inglês, mas o que é que eles estão a cantar que interesse imediatamente às pessoas? É o som. Apenas o som. A palavra em português quando nós estamos a transmiti-la, estamos também a excitar as mentes para que elas pensem um bocadinho. É isso que eu tento fazer. EE





# Autores Portugueses no Mundo

COM O LIVRO "A BONECA KOKOSCHKA"

## AFONSO CRUZ VENCE PRÉMIO DA UNIÃO EUROPEIA DE LITERATURA 2012

Afonso Cruz figura entre os doze escritores vencedores do Prémio da União Europeia de Literatura 2012 com o seu livro "A Boneca de Kokoschka" (Quetzal), tal como a Autores já tinha avançado na edição anterior, pelas palavras de José Jorge Letria, que presidiu ao júri nacional e fez parte também do júri europeu. O prémio, no valor de 5 mil euros, permite que os vencedores tenham prioridade de acesso a um programa da União Europeia, para que o seu livro seja traduzido em várias línguas.

O anúncio dos premiados foi feito no dia 9 de Outubro, em Frankfurt, onde, a partir do dia seguinte decorreu a mais importante feira do livro. A editora Lúcia Pinho e Melo esteve na sessão do anúncio do prémio e, segundo o jornal Público, adiantou que "uma das grandes vantagens desta distinção é o apoio à tradução".

Os outros vencedores foram Anna Kim (Áustria), Lada Žigo (Croácia), Laurence Plazenet (França), Viktor Horváth (Hungria), Kevin Barry (Irlanda), Emanuele Trevi (Itália), Giedra Radvilavičiūtė (Lituânia), Gunstein Bakke (Noruega), Piotr Paziński (Polónia), Jana Beňová (Eslováquia) e Sara Mannheimer (Suécia).

Os escritores candidatos a este prémio são indicados por júris dos vários países. Nesta edição, o júri português foi composto pelo presidente José Jorge Letria (Sociedade Portuguesa de Autores), pelo editor João Rodrigues e pela livreira Ana Neves (ambos representando a APPEL - Associação Portuguesa de Escritores e Livreiros). O júri propõe três nomes, e desses há um vencedor que concorre com determinada obra. É um prémio que varia de ano para ano, uma vez que os países que a ele concorrem não são sempre os mesmos.

O Prémio da União Europeia de Literatura, que existe desde 2009, já foi atribuído à escritora portuguesa Dulce Maria Cardoso.

Recorde-se que o jovem escritor, realizador de filmes de animação, ilustrador e músico português premiado nesta edição, Afonso Cruz,

beneficiário da SPA desde 1994, foi galardoado na II Gala SPA/RTP Prémio Autores 2011, com o Prémio para Melhor Livro de Literatura Infanto-Juvenil com "A Contradição Humana".

"LUV" PÕE COMPOSITOR PORTUGUÊS ENTRE OS MELHORES DE  
HOLLYWOOD

## NUNO MALÓ NOMEADO PARA A MELHOR MÚSICA NUMA LONGA-METRAGEM

Nuno Maló, mais uma vez ele, em Los Angeles, foi nomeado, a 16 de Outubro, para um prémio nos "Hollywood Music In Media Awards 2012", com o filme "LUV" (Indomina), ao lado de películas gigantes como o "Lincoln" de Steven Spielberg, o "Hobbit" de Peter Jackson, e o "Skyfall 007" de Sam Mendes.

"É uma honra indescritível para mim. Estou nomeado na categoria mais importante que é Best Original Score - Feature Film (Theatrical Release) (Melhor Música numa Longa-Metragem)", referiu à Autores o premiado músico português e cooperador da SPA, que se tem evidenciado, como já o noticiámos várias vezes, entre elas na última edição da nossa revista, a fazer música para filmes em Los Angeles, onde vive, para além de uma carreira em bandas sonoras para filmes portugueses. "Com nomes como John Williams, Thomas Newman e Howard Shore na mesma categoria que eu, isto tem ainda uma relevância maior do que qualquer outro prémio que eu já tenha ganho ou para o qual tenha sido nomeado", salientou Nuno Maló à nossa revista, exprimindo a imensa satisfação que sente com esta nomeação.

Na categoria de Melhor Música numa Longa-Metragem foram nomeados: Alexander Desplat com "Rise of the Guardians" (Paramount), Howard Shore com "The Hobbit: An Unexpected Journey" (Warner Bros), John Williams com "Lincoln" (Walt Disney), Jonny Greenwood com "The Master" (Weinstein), Joe Kraemer com "Jack Reacher" (Paramount), Marco Beltrami com "The Sessions" (Fox Searchlight), Mychael Danna com "Life of Pi" (Twentieth Century Fox), Moritz Schmittat com "Shady



Lady” (Fact Not Fiction Films), Nuno Maló com “LUV” (Indomina) e Thomas Newman com “Skyfall” (Columbia).

A Gala de entrega dos prémios decorreu no The Fonda Theater, em Hollywood no dia 15 de Novembro, tendo sido precedida de um banquete. E o vencedor, na categoria em que o português Nuno Maló foi nomeado, foi Marco Beltrami pelo “The Sessions”.

“Eu nunca contei ganhar. Só o facto de eu estar nomeado ao lado destes grandes nomes, isso já é para mim a coisa mais fantástica que me dá um orgulho enorme”, comentou, efusivo, para a nossa revista, o compositor Nuno Maló.

“LUV”, a longa-metragem que pôs o português entre os melhores de Hollywood e que estreou nos cinemas norte-americanos em Novembro, é um drama, cuja acção se passa nos arredores de Baltimore, e é dirigido por Sheldon Candis, que também escreveu, com Justin Wilson, o guião. Os intérpretes são Common, Michael Rainey Jr., Charles S. Dutton, Dennis Haysbert, Danny Glover, Meagan Good, Lonette McKee e Michael Kenneth Williams. De recordar que Nuno Maló esteve nomeado, igualmente, para Best Music for A Feature Film nos Jerry Goldsmith Awards 2012 com a banda sonora para a longa-metragem “Miel De Naranjas”, realizada por Imanol Uribe. E que, também, a música do filme turístico português “A Beleza da Simplicidade”, de sua autoria, ganhou o prémio de Melhor Música Para um Filme Promocional nos Jerry Goldsmith Awards 2011.

Nuno Malo nasceu no Machico, Madeira, em 1977, estudou composição para cinema em Los Angeles e é autor de várias bandas sonoras de filmes portugueses, entre os quais “Assalto ao Santa Maria”, de Francisco Manso, “Contraluz”, de Fernando Fragata, “O Julgamento” e “A Arte de Roubar”, ambos de Leonel Vieira, “Filme da Treta”, de José Sacramento, e “A Mulher Polícia”, de Joaquim Sapinho.

Em 2011 foi eleito o compositor revelação do ano nos Estados Unidos, pela Associação Internacional de Críticos de Música para Cinema, pelo seu trabalho na banda sonora de “Amália - O Filme”, de Carlos Coelho da Silva, para o qual compôs vinte temas orquestrais interpretados pela Filarmónica de Budapeste.

Mais informações sobre os prémios em <http://www.hmmawards.org/?news=hmma-2012-music-visual-media-nominees-announced> e sobre o filme “LUV” em <http://filmguide.sundance.org/film/120028/luv>. **EE**

**AMÁLIA RODRIGUES E MANOEL DE OLIVEIRA TAMBÉM JÁ FORAM PREMIADOS**

## **DULCE MARIA CARDOSO CONDECORADA COM A ORDEM DAS ARTES E LETRAS DE FRANÇA**

A escritora Dulce Maria Cardoso, beneficiária da SPA desde 1995, foi condecorada no passado dia 17 de Outubro, na embaixada da França, em Lisboa, com as insígnias de Cavaleira da Ordem das Artes e das Letras da França, atribuída pelo Ministério francês da Cultura. De acordo com uma nota de imprensa da Embaixada de França em Lisboa, citada pelo CM, a cerimónia de entrega das insígnias decorreu no Palácio de Santos, com a presença do embaixador Pascal Teixeira da Silva.

Criada em 1957, a condecoração da Ordem das Artes e Letras corresponde a uma das mais altas distinções honoríficas da República Francesa, e homenageia personalidades que se destacaram pela sua contribuição na difusão da cultura francesa.

A França já distinguiu algumas dezenas de personalidades portuguesas com esta Ordem, como Manoel de Oliveira, Amália Rodrigues, Joaquim Benite, Álvaro Siza Vieira, Júlio Pomar, António Lobo Antunes, João Bénard da Costa e Agustina Bessa-Luís.

“Ao entregar esta prestigiada condecoração a Dulce Maria Cardoso, a França deseja reconhecer a escrita que emocionou inúmeros leitores em Portugal, em França e em muitos outros países, e homenagear esta brilhante escritora, que tem desempenhado um papel importante na divulgação da cultura francesa”, justifica a embaixada naquela nota de imprensa.

Nascida em Trás-os-Montes, em 1964, Dulce Maria Cardoso passou a infância em Angola. Regressou a Portugal na “ponte aérea” de 1975, como muitos portugueses, na sequência do processo de descolonização daquele país africano, e estudou na Faculdade de Direito de Lisboa, tendo escrito argumentos para cinema, contos e romances.

Em França, estão publicados alguns dos seus contos e as obras “Campo de Sangue” (2002) e “Os Meus Sentimentos” (2005).

Com o romance “O Chão dos Pardais”, publicado em 2009, recebeu o Prémio Pen Club 2010. “O Retorno”, editado em 2011, sobre a experi-





ência dos retornados de Angola, foi distinguido com o prémio especial da crítica LER/Booktailors.

Em Junho deste ano de 2012, quando a autora teve conhecimento da decisão do Governo francês em condecorá-la, em declarações à agência Lusa, disse que se sentia “muito honrada”. “Estou agradecida e muito honrada com esta distinção. Significa sobretudo o reconhecimento do meu trabalho”, comentou, na altura, Dulce Maria Cardoso.

A autora revelou também à Lusa que o livro “O Retorno” será publicado em França em Janeiro de 2014.

“Os franceses são naturalmente curiosos sobre as outras culturas e gostam de ler autores estrangeiros”, comentou Dulce Maria Cardoso sobre a boa recepção do seu trabalho naquele país. Os romances da escritora estão editados também no Brasil, Argentina, Espanha, Itália e Holanda, e têm sido objecto de estudo em várias universidades. Em 2009 recebeu o prémio da União Europeia para a Literatura.

## VIALE MOUTINHO: LOS MOROS ROMANCE EDITADO NO BRASIL

O romance *Los Moros*, de José Viale Moutinho, cooperador da SPA desde 27 de Maio de 1992 e membro do Conselho Fiscal desta cooperativa, foi publicado no Brasil, através da Editora Aquariana, de São Paulo, no final deste Outubro. Luísa Mellid-Franco, no *Expresso*, escreveu a propósito desta obra: “Hilariante e terno, um pequeno romance que regista a passagem do tempo sem com ele se preocupar.” Na capa, o editor anota: Uma missão gloriosa e picaresca. Esta é a segunda obra de ficção deste autor publicada no Brasil, onde, em 2003 saiu *Cenas da vida de um minotauro*, que recebeu o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco, da Associação Portuguesa de Escritores. Em Portugal, *Los Moros* saiu pela primeira vez na *Campo das Letras* em 2000, sendo reeditado pela *Afrontamento* em 2008, com um ensaio de Luís Adriano Carlos, da Universidade do Porto.

## MARIONETAS DE MANDRÁGORA APRESENTARAM O ESPECTÁCULO “ADORMECIDA” EM WASHINGTON

A Companhia Portuguesa Teatro e Marionetas de Mandrágora, sediada na cidade de Espinho, apresentou-se em Washington DC, de 1 a 6 de Novembro, com a criação “Adormecida”, de Filipa Mesquita, estreada em Julho, em Guimarães, no âmbito da Capital Europeia da Cultura, a

convite da Embaixada Portuguesa nos Estados Unidos.

O Shakespeare Theater, o Hillwood Museum e o Kennedy Center foram alguns dos palcos que acolheram as Marionetas de Mandrágora num total de seis representações.

Desta forma, a companhia representou Portugal no Euro Kids Festival, que contou com a participação de 27 companhias e criadores dos Estados Membros da União Europeia.

A companhia Teatro e Marionetas de Mandrágora, que mantém uma actividade regular há mais de 10 anos desde a sua formação a 2 de Abril de 2002, possui um núcleo de três membros fundadores profissionais no teatro de marionetas (Clara Ribeiro, emVide neFelibata, Filipa Alexandre), um grupo de mais de 48 colaboradores de áreas distintas e específicas que intervêm regularmente nas actividades da mesma e já acolheu 9 estagiários.

Nas suas digressões realizou espectáculos em mais de 257 locais nacionais e internacionais.

Conforme revela a companhia no seu sítio oficial na net, o nome de mandrágora tem a ver com a designação de “uma planta cuja raiz se apresenta sob a forma de uma figura humana que, envolta em mistérios, lendas e misticismos, não pode ser colhida por mãos pouco sábias. Quando bem colhida, a sua raiz tem poderes analgésicos, alucinogénios e afrodisíacos”.

## COMPANHIA DE JOSÉ CALDAS EM TURIM

Esta companhia não está ligada directamente à SPA, mas sim alguns dos elementos que ajudaram, decisivamente, à sua formação, entre eles o encenador, professor, dramaturgo e director da Companhia de Teatro Quinta Parede, do Porto, José Caldas, que a 5 de Março foi homenageado pela SPA na passagem dos seus 40 anos de teatro, tendo na ocasião lançado um livro de sua autoria, profusamente ilustrado com as peças que, durante 40 anos, tem vindo a encenar, dirigir, adaptar e interpretar em Portugal, especialmente para um público jovem. A apresentação da obra “José Caldas – 40 Anos de Teatro”, cuja edição teve o apoio da SPA, foi feita, então, pelo membro da Direcção da SPA e escritor especializado em literatura infanto-juvenil António Torrado. Aliás, José Caldas e a sua companhia participaram no passado dia 3 de Junho, na 35.ª edição do FITEI–Festival Internacional de Expressão Ibérica, que decorreu no Porto, e no dia 21 de Julho, no Festival Internacional Teatro a Corte, em Turim (Itália), na Cavallerizza Reale com o espectáculo “As Intermittências da Morte”, adaptado por José Caldas a partir do romance de José Saramago.



## AMÉRICA COLOCA O CANDIDATO PORTUGUÊS AO ÓSCAR NO TOP 10

Depois do site Indiewire ter colocado *Sangue do Meu Sangue* no seu top 10 de candidatos ao Óscar para Melhor Filme Estrangeiro, entretanto, chegou a vez da *The Hollywood Reporter* destacar também o filme de João Canijo, segundo referiu o Público na sua edição do passado dia 17 de Outubro.

A menos de uma centena de dias para a cerimónia, e com as expectativas sobre as nomeações há muito em crescendo, Scott Feinberg, analista de prémios da *Hollywood Reporter* conhecido pelas suas previsões acertadas, dá *Sangue do Meu Sangue* como uma “possibilidade” de vencedor. É, no entanto, mais comedido do que o Indiewire – diz o autor do texto – e coloca o candidato português em oitavo lugar na disputa pela estatueta. Apesar de diferirem em duas escolhas, ambas as listas são unânimes em apontar *Amour* (Áustria), *Os Intocáveis* (França) e *A Royal Affair* (Dinamarca) como principais candidatos.

Em 2006, dos 24 vencedores dos vários Óscares da Academia, Scott Feinberg antecipou o triunfo de 21. Foi ainda único a considerar a presença de *O Leitor* (2008), *Um Sonho Possível* (2009) e *Extremamente Alto, Incrivelmente Perto* (2011) como concorrentes a Melhor Filme.

A posição de *Sangue do Meu Sangue*, o filme português mais visto no ano passado, poderá ainda alterar-se, de acordo com o Público, com a estreia e a presença dos actores Anabela Moreira e Rafael Morais no festival do American Film Institute, em Hollywood, que decorreu a 3 de Novembro. De recordar que *Sangue do meu Sangue*, de João Canijo, conforme já referimos na edição anterior da *Autores*, além de ter obtido uma série de distinções a nível internacional, foi galardoado com três prémios da Sociedade Portuguesa de Autores, este ano, na III Gala SPA/RTP, para o Melhor Argumento (João Canijo), a Melhor Actriz (Rita Blanco) e o Melhor Filme (João Canijo).

[ROMANCE “A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS” DISTINGUIDO EM SÃO PAULO](#)

## VALTER HUGO MÃE VENCE GRANDE PRÉMIO PORTUGAL TELECOM

O escritor português Valter Hugo Mãe venceu, no passado dia 26 de Novembro, o Grande Prémio Portugal Telecom de Literatura, com o romance “*A Máquina de Fazer Espanhóis*”, entregue ao início da ma-

drugada em São Paulo.

O Prémio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa, que nesta edição completou 10 anos, distribuiu-se pela primeira vez pelas categorias Poesia, Romance e Conto/Crónica e incluiu um Grande Prémio. A curadora do prémio, Selma Caetano, lembrou que a grande maioria dos participantes são brasileiros e fez um apelo para que mais livros produzidos em África e em Portugal sejam também publicados no Brasil. Este ano, entre os 12 finalistas, havia dois portugueses: Valter Hugo Mãe e Gastão Cruz.

O artista multimédia brasileiro Nuno Ramos foi o vencedor do prémio na categoria Poesia, com a obra “*Junco*”.

O poeta foi o vencedor do Grande Prémio em 2009, com o livro “*Ó*”. Os outros finalistas foram “*Escarpas*”, do poeta português Gastão Cruz, “*Vesúvio*”, de Zulmira Ribeiro Tavares, e “*Da arte das armadilhas*”, de Ana Martins Marques.

Na categoria Romance, o vencedor foi Valter Hugo Mãe, com “*A máquina de fazer espanhóis*”. Os quatro finalistas tinham em comum a abordagem da autoficção, ou seja, do uso de alguma experiência real para basear a obra.

Os outros competidores eram Bernardo Kucinski, com “*K.*”, que recebeu uma menção especial pela obra, Michel Laub, com “*Diário da queda*”, e Julián Fuks, com “*Procura do Romance*”.

Na categoria de conto e de crónica venceu Dalton Trevisan, Prémio Camões 2012 e vencedor do Grande Prémio Portugal Telecom em 2003 e 2007, com “*O anão e a ninfeta*”.

Os outros finalistas foram os também brasileiros Sérgio Sant’Anna, com “*O livro de Praga*”, João Anzanello Carrascoza, com “*Amores mínimos*”, e Evando Nascimento, com “*Cantos do mundo*”.

Os prémios em cada categoria têm o valor de 50 mil reais (cerca de 19 mil euros), assim como o Grande Prémio que é atribuído entre os três vencedores, escolhidos por um júri formado por críticos, jornalistas e académicos, designadamente Alcides Villaça, Antonio Carlos Secchin, Benjamin Abdala Júnior, Leyla Perrone Moisés, Manuel da Costa Pinto e Maria Esther Maciel.

O presidente executivo da Portugal Telecom, Zeinal Bava, afirmou, em comunicado citado no *Correio da Manhã* de 27 de Novembro, que a aposta da empresa na promoção e na divulgação da língua portuguesa é um dos factores que garante o sucesso da PT internacionalmente.

“É através dos países de expressão portuguesa onde estamos, nomeadamente do Brasil, que temos a escala necessária para crescermos e sermos um player a nível internacional. Por isso a nossa aposta na promoção e divulgação da língua portuguesa”, lê-se na nota.



FRASES SOLTAS DE UM “CULTOR DO MARAVILHOSO”  
GRAVADAS PARA O “ARQUIVO DE MEMÓRIAS”

“Um médico disse aos meus pais que eu não iria chegar aos 7 anos. Era um miúdo que estava sempre doente. Passava o tempo todo em casa, na cama. A minha mãe fazia desenhos e eu também. O brinquedo que me davam era um lápis e um papel. De maneira que estou a fazer desenhos desde os 5 anos.”

“Fui para a António Arroio e não aprendia nada. Tudo o que aprendi foi com os meus colegas e com a vida. Não aprendi nada, nada com os professores.”

“Quando nós fizemos a nossa primeira exposição em 1949, banimos o título de grupo, para que cada um fosse responsável por si, à espera que novos encontros.”

“O tal encontro espantoso com Cesariny... Andava-se muito em Lisboa e os encontros nos cafés eram

incríveis. Nas contracapas dos livros que estávamos a ler, escreviam-se poemas e trocavam-se opiniões sobre eles. O Cesariny tinha essa sensibilidade a estudar a poesia e tinha outro conhecimento do mundo.”

“O surrealismo podia ser um princípio político, porque é a aspiração da liberdade e da cultura que têm de estar juntos. Agora só se fala em dinheiro, eu acho que se devem defender os princípios da sensibilidade.”

“Depois, em 1950, fui para África, como marinheiro mercante, instalando-me em Angola, com a intenção de pintar aquela terra, mas após 14 anos de lá estar quiseram pôr-me uma metralhadora na mão por causa da guerra e eu vim-me embora. Tive de vender a colecção que tinha feito em África ao Manuel Vinhas, para fazer dinheiro para voltarmos.”



## MEDALHA DE HONRA DA SPA PARA SURREALISTA CRUZEIRO SEIXAS

## “UM CORAÇÃO LIVRE E INSUBMISSO”

FOI UM MOMENTO ÚNICO aquele em que o pintor e poeta Cruzeiro Seixas, de 91 anos, figura cimeira do movimento surrealista português, recebeu das mãos de José Jorge Letria a Medalha de Honra da SPA. Era fim de tarde de 28 de Setembro último. Com o Auditório Maestro Frederico de Freitas repleto de familiares, amigos, admiradores e muitos elementos da comunicação social, o homem - ele não quer que lhe chamem artista, nem intelectual - que tem feito da arte, da vida e do surrealismo o seu princípio político com base na sensibilidade e que “não se dá muito bem com manifestações públicas”, deixou-se emocionar. Sobretudo, quando o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores o abraçou, dizendo-lhe: “Peço-lhe que guarde este objecto, que não é nenhum tesouro, mas tem para nós o valor fundamental do público reconhecimento da grandeza da sua vida e da sua obra, o mais perto possível do seu coração, um coração livre e insubmisso”.

De pé, a audiência coroou o acto com uma ovação prolongada e quente, a que Cruzeiro Seixas não se fez rogado,

após ter assistido com um sorriso leve à exibição de extractos de uma entrevista de duas horas e meia feita por José Jorge Letria para o “Arquivo de Memórias” da SPA e aos discursos sobre a sua pessoa e a sua obra pelo professor catedrático de História de Arte Rui Mário Gonçalves e pelo reitor da Universidade de Lisboa, Professor Doutor António Sampaio da Nóvoa.

“CONVERSO CONVOSCO  
COMO SE FOSSE À MESA DO CAFÉ”

Foi com verdadeira comoção – ele próprio o confirmou – que agradeceu em forma de “conversa à mesa do café”, muito ao seu gosto, embora tentasse desviar a homenagem que lhe havia sido concedida para outros seus pares que, disse, a mereciam. Depois falou e dialogou com algumas pessoas que vislumbrou na assistência – estava lá a filha de José Blanc de Portugal, que o tinha defendido por ocasião de uma polémica exposição em Angola, a sobrinha-neta de Teixeira de Pascoaes.

Falou como quem fala, de facto, numa tertúlia sem alinhamento previsto. E

repetiu, por outras palavras, o que já havíamos ouvido no vídeo com a entrevista que abriu a sessão e que disse foi tema de umas colagens que fez ultimamente: “O que eu aprendi nos dias em que faltei à escola! Com os professores não aprendi nada. Em toda a parte, há os extraordinários, mas esses são a raridade. É uma aflição. É preciso mudar esta coisa a todos os níveis”.



OS SEUS  
DESENHOS  
PROVOCAM-NOS,  
CHAMAM-NOS À  
RESPONSABILIDADE,  
NÃO NOS DEIXAM  
SOSSEGADOS E  
MUITO MENOS  
INDIFERENTES”

ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

Na sequência deste pensamento e indo ao encontro das suas próprias palavras gravadas, declarou com orgulho: “O que talvez me provoque a maior vaidade é não ter dinheiro nenhum. Estou a expensas de uma fundação!” Em 1999, Cruzeiro Seixas doou a totalidade da sua colecção à Fundação Cupertino de Miranda, de Vila Nova de Famalicão, cidade onde agora vive, para a constituição do Centro de Estudos do Surrealismo e do Museu do Surrealismo.

E a finalizar, divagou nesta “conversa à mesa do café” sobre um outro encontro que o encantou: dentro de uma das caixas que foi para a fundação, deparou-se com as “Cartas de Uma Freira Portuguesa”, de Soror Mariana Alcoforado, em francês, com três desenhos de Giacometti. “As cinco cartas de Soror Alcoforado, que são um tesouro – comentou – foram traduzidas numa quantidade de línguas e os surrealistas fizeram delas o seu elemento principal”.

Para Cruzeiro Seixas, um “cultor do maravilhoso”, como surrealista que é e que bem o definiu Rui Mário Gonçalves, o facto de o Convento de Beja, onde Soror Mariana viveu e



"Lá, tudo servia para pintar. Quando o carro se enterrava na lama e tínhamos de esperar horas para sair eu aproveitava para desenhar, molhando o pincel na chuva."

"Fiz uma colecção como não há nenhuma em Portugal, sem um tostão, a viver com pequenos ordenados. Vendí um desenho ou outro, mas toda a minha colecção foi feita por trocas. Pagavam-me poucas vezes, era sempre por entendimentos. Nunca tive jeito para vender."

"Os artistas andam semanas, ou meses ou anos a estudar o quadro. Jamais isso me aconteceu. Pegava num papel qualquer e a mão é que sabe. Eu não estou a pensar no que estou a fazer. Acabo um desenho e nunca mais me lembro dele."

Se não gosto do termo intelectual, ainda menos gosto do termo artista. Os pintores aí andam todos muito contentes com a designação de artista. Eu não, eu não quero ser artista. O meu grande sonho é ser um homem apenas.



donde via o cavaleiro dos seus sonhos, o marquês de Chamilly, por quem se apaixonou e a quem escreveu as célebres "Cartas", não ter uma única evocação "desta portuguesa que pertence ao mundo" é uma "coisa vergonhosa".

"É uma pena que os portugueses não sejam capazes de exigir essas coisas. Com certeza que, quando o fizerem, vamos encontrar um caminho melhor", rematou, fazendo lembrar a quem esteve presente na sessão uma citação com que Sampaio da Nóvoa terminou a sua dissertação e que ficou latente sobre a personalidade e o entendimento do mundo de Cruzeiro Seixas, mencionada num dos últimos textos que escreveu: "Se tivermos que morrer, ao menos que o façamos em pleno voo". *Edite Esteves*

**A SUA CASA ESTÁ PEJADA DE UMA BIBLIOTECA INVEJÁVEL, RIQUESSÍMA. TEM FOME DE LER. ESTÁ DANADO, PORQUE A VISTA LHE ESTÁ A FALTAR E NÃO PODE LER TODOS OS LIVROS QUE QUERIA"**

RUI MÁRIO GONÇALVES

FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

## PRÉMIOS PEN 2011 ENTREGUES NA SALA CARLOS PAREDES DA SPA



Os escritores Pedro Vieira, Rita Ferro, Fernando Guimarães e Maria Filomena Molder receberam, no passado dia 12 de Dezembro, os prémios PEN 2011, nas áreas de primeira obra, narrativa, poesia e ensaio, respectivamente, no auditório Carlos Paredes, da Sociedade Portuguesa de Autores, em Lisboa.

A cerimónia contou com a presença do secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, e do director-geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas, José Manuel Cortez, entre outras individualidades. Em representação da SPA esteve na mesa o administrador Pedro Campos e pelo Pen Clube Português a sua presidente, Teresa Salema.



Pedro Vieira, que começou por ser conhecido pelo blogue Irmão Lúcia, recebeu o Prémio Primeira Obra, com o romance de estreia "Última paragem em Massamá".



O Prémio Narrativa foi atribuído a "A menina é filha de quem?", romance autobiográfico assinado pela escritora Rita Ferro, filha do escritor António Quadros e neta de António Ferro.

O PEN de Poesia distinguiu "As raízes diferentes", de Fernando Guimarães, enquanto o de Ensaio foi entregue à ensaísta Maria Filomena Molder, por "O químico e o alquimista - Benjamin, Leitor de Baudelaire".

Todos estes prémios são referentes a obras editadas em 2011.



O júri do prémio de Poesia integrou Maria do Sameiro Barroso, Albano Martins e Rita Taborda Duarte, o de Ensaio Maria João Cantinho, Paula Mendes Coelho e Ricardo Gil Soeiro. O prémio de Narrativa foi escolhido por Helena Barbas, Artur Anselmo e Fernando Dacosta e o de Primeira Obra por Teresa Salema, presidente do PEN Clube Português, e por todos os outros júris.



“FOI UMA JOGADA CERTEIRA DE JOSÉ JORGE LETRIA”

## MÚSICA DE ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA ABRIU, POR INICIATIVA DA SPA, CONFERÊNCIA EUROPEIA EM BRUXELAS



O NUMEROSO PÚBLICO PRESENTE EM BRUXELAS, no auditório do Museu dos Instrumentos de Música, no passado dia 27 de Novembro, acolheu da melhor forma a actuação artística do compositor e pianista António Victorino d'Almeida, que, por proposta do presidente da SPA, a cujos corpos sociais pertence, abriu a 6ª conferência anual do EUobserver, interpretando uma obra de sua autoria inspirada em “Os Desastres de Guerra”, de Goya, no que foi longamente aplaudido.

A proposta de abertura pelo maestro António Victorino d'Almeida desta conferência, destinada a analisar as questões relacionadas com a gestão colectiva dos Direitos de Autor e com a cultura na esfera digital, foi feita por José Jorge Letria em reunião da Direcção do GESAC, conforme noticiámos na última edição de Autores.

Após ter feito uma curta intervenção sobre a

importância do trabalho dos criadores para a cultura e economia europeias – “Fiz a demonstração de que os artistas desencadeiam toda uma série de processos que acabam por ser uma fonte de energia económica”, disse à Autores -, o Maestro António Victorino d'Almeida interpretou uma peça da sua autoria inspirada em “Os Desastres de Guerra”, de Goya, obra muito significativa para o momento actual, “a qual foi longamente aplaudida”, conforme atesta o Conselho de Administração da SPA num comunicado emitido no dia 29 de Novembro.

António Victorino d'Almeida, o único autor-artista que interveio nesta conferência, foi apresentado pelo Embaixador de Portugal na União Europeia, Domingos Fezas Vital, que, em inglês, “fez uma detalhada apresentação da obra do compositor, pianista e maestro, e o sentido elogio do seu talento criador”.

“Recebi mensagens de pessoas ligadas à conferência e à própria organização que me escreveram, porque acharam importante que uma sociedade de autores se fizesse representar por um artista no activo e não apenas ao nível administrativo”, disse o maestro à Autores, já no início deste mês de Dezembro.

Sobre a peça “Os Desastres da Guerra”, de Goya, que interpretou com todo o fulgor que lhe é característico, como podemos ouvir e ver no sítio do EUobserver, António Victorino d'Almeida considerou que “foi uma boa escolha”, porque, “no momento actual, as guerras são outras, mas não deixam de ser guerras”.

Em sua opinião, “a SPA saiu ainda mais prestigiada a nível internacional”, com esta intervenção única. E concluiu, com um franco sorriso: “Foi uma jogada certa de José Jorge Letria!”

O próprio José Jorge Letria, no final da importante reunião, concordaria, afirmando satisfeito: “Marcámos pontos”.

### DIRECTIVA SOBRE A GESTÃO COLECTIVA DO DIREITO DE AUTOR

A António Victorino d'Almeida seguiram-se intervenções de personalidades como Will Page, director do Spotify, das eurodeputadas Eva Lichtenberger, Cecilia Wikström, Marielle Gallo e Françoise Castex e ainda do CEO da Sabam e Presidente do GESAC, Christophe Depreter, de Maria Martin-Prat, responsável pela Direcção-Geral do Copyright e Direito de Autor da Comissão Europeia, de Eamonn Bates, director da Eamonn Bates Europe Public Affairs, de Philippe Kern, fundador e director do KEA, e ainda Lisbeth Kirk, editora-chefe do EUobserver.

Esta conferência, em que a SPA esteve representada pelo seu Presidente, José Jorge Letria, e pela Directora do Departamento de Relações Internacionais, Vanda Guerra, segundo notícia o comunicado, “permitiu fazer um levantamento alargado das grandes questões actualmente colocadas pela gestão colectiva do Direito de Autor, designadamente no momento em que se aproxima a entrada em vigor da Directiva sobre a Gestão Colectiva, que irá mudar de forma significativa, tanto no plano nacional como no plano internacional, os conceitos e os procedimentos em vigor no que se refere ao funcionamento das sociedades de autores”.

Nesta nota, “a SPA lamenta que, até ao momento, o governo português seja dos poucos na Europa que ainda não emitiram posição pública sobre esta matéria, facto que não favorece o Direito de Autor em Portugal”, destacando, no entanto, “a presença prestigiante de Portugal e da SPA assegurada em Bruxelas, no passado dia 27 de Novembro, nomeadamente com a intervenção artística do Maestro António Victorino d'Almeida”.

*Edite Esteves*

### GESAC REÚNE-SE EM BRUXELAS COM EURODEPUTADOS DE VÁRIOS PAÍSES E APROVA PLANO DE ACÇÃO PARA O FUTURO

As reuniões da Direcção e da Assembleia Geral do GESAC (Grupo Europeu de Sociedades de Autores) realizaram-se nos passados dias 14 e 15 de Novembro, ambas com a participação do presidente da SPA, que integra a estrutura directiva daquele grupo internacional de sociedades, tendo também estado presente a directora do Departamento de Relações Internacionais da cooperativa, Vanda Guerra.

Segundo um comunicado divulgado no dia 19 de Novembro, na primeira das reuniões “foram tomadas decisões estratégicas quanto ao futuro do GESAC em tempo de crise, com a tónica colocada num plano de comunicação e imagem mais afirmativo e na clarificação das relações com a CISAC”. Na Assembleia Geral do passado dia 15, “mais de 30 sociedades de toda a Europa” analisaram as questões centrais da gestão colectiva do direito de autor e “aprovaram um plano estratégico da organização para o mandato em curso”. O comunicado assinado pelo Conselho de Administração da SPA dá conta de que “todas as intervenções

acentuaram a gravidade do momento que o direito de autor enfrenta na Europa, como resultado da visão redutora que os poderes comunitários têm quanto ao papel das sociedades na defesa dos autores que representam”.

No dia 14, a Direcção do GESAC almoçou com mais de uma dezena de eurodeputados de vários países para analisar a forma como está a ser elaborada a Directiva da Gestão Colectiva, mas “nenhum eurodeputado português compareceu neste almoço, facto que a SPA não pode deixar de registar”. Em todas as reuniões

realizadas “esteve presente o tema da Lei da Cópia Privada, essencial para a vida das sociedades de gestão colectiva”, refere o Conselho de Administração. A nota anunciava que no dia 27 de Novembro iria realizar-se, no Museu dos Instrumentos de Música, em Bruxelas, uma conferência com o apoio da Comissão Europeia e do GESAC, que contaria com a presença e intervenção de comissários europeus e de dirigentes de sociedades de autores, no início da qual haveria uma intervenção artística a cargo do Maestro António Victorino d'Almeida, proposto pela SPA, sendo o único autor/

EM ESTREIA MUNDIAL DA SUA OBRA "TRIPLO CONCERTO GROSSO"

## MAESTRO ÁLVARO SALAZAR HOMENAGEADO PELA SPA NA CASA DA MÚSICA



O COMPOSITOR E MAESTRO ÁLVARO SALAZAR, membro de várias Direcções da SPA, que “tem visto reconhecida, ao longo das últimas décadas a importância de uma obra original, transgressora e profundamente comprometida com a nossa contemporaneidade”, foi homenageado pela Sociedade Portuguesa de Autores, no decorrer de um concerto, que decorreu no passado dia 27 de Novembro, na Casa da Música, no Porto, em que foi estreada a nível mundial a obra de sua autoria “Triplo Concerto Grosso”. Um pouco antes do concerto, o vice-presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, João Lourenço, leu uma mensagem sua dirigida a Álvaro Salazar e entregou, em nome de todos os autores, uma placa comemorativa do acto produzida pela cooperativa ao conceituado compositor portuense, que preside actualmente ao Conselho Português da Música. Um dos nomes de referência da música portuguesa, na dupla condição de compositor e professor, Álvaro Salazar foi homenageado pela SPA também como “um autor que na cooperativa dos autores portugueses, nunca deixou de se

bater, empenhadamente, pelos direitos dos seus pares e pela dignificação da cultura portuguesa”. Membro de várias Direcções da SPA, “o Maestro Álvaro Salazar tem visto reconhecida, ao longo das últimas décadas, a importância de uma obra original, transgressora e profundamente comprometida com a nossa contemporaneidade”. Também por isso, a SPA se associou a esta homenagem, que teve como ponto alto a audição de obra de Álvaro Salazar, compositor e mestre. Compositor, maestro, professor e crítico musical, Álvaro Salazar nasceu em 1938, no Porto, onde iniciou os estudos musicais que concluiu no Conservatório Nacional de Lisboa. Em 1962, formou-se em Direito na Universidade de Lisboa, iniciando, mais tarde, uma carreira diplomática que abandonou em 1972, dedicando-se, a partir daí, exclusivamente à música, e obtendo por unanimidade o grau mais elevado no exame final do curso de direcção, na École Normale de Paris. Publicamos, a seguir, na íntegra, a mensagem dirigida ao maestro Álvaro Salazar pelo vice-presidente da SPA, João Lourenço.

### MENSAGEM DE JOÃO LOURENÇO “A UM HOMEM LIVRE E DEMOCRATA” COM UM “FINO E MARAVILHOSO SENTIDO DE HUMOR”

Quando a SPA me pediu para ser eu a vir entregar a nossa distinção a Álvaro Salazar, fiquei emocionado porque foi como se tivessem lido o meu pensamento: Álvaro Salazar é um nome incontornável da música portuguesa, mas também uma pessoa que, como homem livre e democrata, sempre teve o meu respeito e admiração.

Conhecemo-nos pouco depois do 25 de Abril, numa viagem de intelectuais e artistas portugueses a Berlim Oriental, a capital da antiga República Democrática Alemã. Era a minha primeira viagem de muitas outras que se seguiram a esse país. Pudemos ver como o teatro, a música e as outras artes eram cultivados como paradigmas de excelência, mas também os condicionalismos que tinham de observar. Para nós, que vínhamos de uma revolução como foi o 25 de Abril, com o estigma de 40 anos de ditadura e censura, foi estranho depararmos com uma ditadura de esquerda! Foi nas longas discussões, à noite, sobre o socialismo, sobre os espectáculos que víamos, as universidades que visitávamos e os muitos livros que os dois gostávamos, que nasceu a minha admiração por este maestro e compositor.

Depois estivemos durante muitos anos juntos na direcção da SPA. Todo esse tempo também fez cimentar a nossa amizade. Foi a ouvi-lo, durante esses anos, nas suas intervenções nas reuniões da direcção da SPA, que vi que o jovem que eu conheci há quase 40 anos continua firme nas suas convicções e com uma capacidade invulgar de lutar por aquilo em que acredita. E a música é uma arte em que ele acredita desde sempre. Com o decorrer dos anos, fez-me também aproximar da sua faceta de compositor e gostar da sua música. Ouvi-o dizer uma vez que a “escola” que teve como compositor consistiu em estudar, analisar, descobrir como os outros fizeram e que deve muito à disciplina de análise, a sua disciplina de composição. Também aqui os nossos pontos de vista convergem, porque, como homem que imagino espectáculos de teatro, também sigo estes princípios no meu trabalho. Para concluir, quero ainda referir uma qualidade que é transversal a todo o trabalho de Álvaro Salazar como compositor, como maestro e também como cidadão: o seu fino e maravilhoso sentido de humor!

Álvaro, é com muito orgulho que te entrego esta distinção da Sociedade Portuguesa de Autores. Em nome de todos os autores desta nossa casa, em meu nome e em nome do presidente José Jorge Letria.

artista a subir ao palco, conforme damos notícia noutra local. O GESAC tem prevista a criação da figura do “embaixador do direito de autor” e de vários encontros com eurodeputados e outros decisores políticos, em Bruxelas, nos próximos meses, acrescenta aquele comunicado da SPA.

### COLÉGIO DOS COMISSÁRIOS EUROPEUS DEBATE POLÍTICA EUROPEIA PARA O DIREITO DE AUTOR

O Colégio dos Comissários Europeus realizou, no passado dia 5 de Dezembro,

uma reunião destinada a debater os vectores que deverão orientar a futura política europeia no âmbito do Direito de Autor.

Uma nota emitida a 6 de Dezembro pelos dirigentes da SPA, faz saber que “dada a importância dos assuntos que estiveram em debate, e face às tomadas de posição públicas de alguns comissários - de destacar as afirmações, no mínimo inquietantes, da Vice-Presidente Neelie Kroes sobre a matéria, evidenciando de forma crescente o objectivo de dismantlar o actual sistema do Direito de Autor - entenderam 12 ministros

da cultura de governos de países da UE escrever aos três principais protagonistas da discussão uma carta, através da qual expressaram as suas preocupações face ao futuro do Direito de Autor no seio da União Europeia. Os subscritores da missiva, que pode ser consultada no Portal da SPA, “chamam a atenção para a necessidade da adopção de políticas de defesa do criador e do Direito de Autor, como sendo as únicas que poderão assegurar a continuidade dos valores da criação e da diversidade cultural na Europa, no cenário económico digital”.

A SPA lamenta nesta nota que “o Secretário de Estado da Cultura do governo português se tenha mantido afastado de uma iniciativa de tamanha importância, não tendo aproveitado esta oportunidade para, em conjunto com este grupo de homólogos europeus, fazer ouvir a sua voz junto do Colégio dos Comissários Europeus, em defesa do futuro de uma Europa da Cultura que só pode ser preservada através da garantia dos direitos dos seus criadores”.





SEIS JOVENS SOLISTAS DA ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA NA SPA

## SCHOENBERG E BEETHOVEN ABREM TEMPORADA DE 2012/2013

O PRIMEIRO RECITAL DOS JOVENS SOLISTAS da Orquestra Metropolitana de Lisboa, da temporada 2012/2013, que decorreu no dia 11 de Outubro, ao fim da tarde, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, no edifício 1 da SPA, contou com a presença de seis músicos. Ana Pereira e José Teixeira, no violino, Joana Cipriano e Irma Skenderi, na viola, e Marco Pereira e Peter Flanagan, no violoncelo, interpretaram Noite Transfigurada, Op. 4 de Arnold Schoenberg, e Grande Fuga, Op.133, de Ludwig Van Beethoven.

### TRIO NO VIOLINO, VIOLONCELO E PIANO

Liviu Scripcaru no violino, Ana Cláudia Serrão no violoncelo e Savka Konjikusic no piano, foram os intérpretes de mais um recital dos Jovens Solistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa, que se realizou ao fim da tarde do passado dia 8 de Novembro, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, como vem sendo hábito. Os três músicos tocaram o Trio n.º2 em Ré menor, H.327, de Bohuslav Martinu; a Elegia, Op.23, de Josef

COM O APOIO DA SPA

## CD COM OBRAS DE LOPES-GRAÇA LANÇADO EM CASCAIS NO MUSEU DA MÚSICA PORTUGUESA

Foi lançado no passado dia 17 de Novembro, no Museu da Música Portuguesa, em Cascais, um CD com obras de Fernando Lopes-Graça dirigidas pelo Maestro Álvaro Cassuto e interpretadas pela Orquestra Sinfónica de Dublin, com a chancela da editora Naxos, a maior distribuidora mundial de gravações de música erudita. A cerimónia foi presidida pelo presidente da Câmara de Cascais, Carlos Carreiras, e contou também com a presença na mesa de José Jorge Letria, presidente da SPA, e do Maestro Álvaro Cassuto. A Câmara de Cascais e a SPA foram dois dos patrocinadores desta série de discos, que inclui também obras de Frederico de Freitas, Joly Braga Santos, Luís de Freitas Branco e, em breve, de Viana da Mota, conforme a Autores noticiou pormenorizadamente na última edição.

Nesta cerimónia, José Jorge Letria salientou a importância da obra de Lopes-Graça na história da música portuguesa e o papel fundamental da SPA na defesa dos direitos dos autores e no apoio à sua difusão, “designadamente através do patrocínio concedido a obras como estas,

marcantes no panorama musical nacional e internacional”, tendo também referido “a importância da criação cultural num tempo de crise e de incerteza como aquele que estamos a viver”, segundo refere um comunicado emitido pelo Conselho de Administração da SPA, no passado dia 19 de Novembro.

O presidente da Câmara de Cascais, por seu turno, mencionou “o papel das autarquias no apoio à cultura, apesar dos constrangimentos orçamentais com que se debatem”, tendo sublinhado “o papel do património imaterial que a cultura representa”.

O Maestro Álvaro Cassuto explicou depois a dimensão e o alcance deste projecto e promoveu uma audição comentada de várias obras de Lopes-Graça incluídas nesta gravação.

No final, actuou o Coro de Câmara de Cascais, que interpretou obras do compositor e canções populares por ele harmonizadas.

Na sessão, estiveram presentes personalidades como o compositor Eurico Carrapatoso e o Prof. Mário Vieira de Carvalho, catedrático da Universidade Nova de Lisboa e ex-secretário de Estado da Cultura.

Suk, obra inspirada no ciclo de poemas “Vysehrad” de Julius Zeyer; e o Trio em Sol menor, Op.15, de Bedrich Smetana.

### “INFLUÊNCIAS DA MÚSICA FRANCESA”

Sob o tema “Influências da Música Francesa”, um grupo de jovens solistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa realizou, no passado dia 6 de Dezembro, mais um recital no Auditório Maestro Frederico de Freitas da SPA, em Lisboa. Neste recital, Janete Santos na flauta, Ana Pereira no violino, Paulo Gaio Lima no violoncelo e Paulo Pacheco no piano, interpretaram Assobio a jacto, de Heitor Villa-Lobos, Duo n.º1 para Violino e Violoncelo H.157, de Bohuslav Martinu, Musique de cour, de Jean Françaix e Quarteto para Flauta, Violino, Violoncelo e Piano, Dick Kattenburg.

CONCURSO JÁ ARRANCOU NAS ESCOLAS DO SECUNDÁRIO

### À PROCURA DE JOVENS AUTORES E ILUSTRADORES

Pela primeira vez em Portugal e na Europa, o concurso japonês da Nissan “Jovens Autores de Histórias Ilustradas” arrancou no passado dia 3 de Dezembro com o objectivo de premiar jovens talentos na escrita e na ilustração, a encontrar nas escolas secundárias do país.

Todas as escolas, públicas e privadas, com ensino secundário podem concorrer. O concurso foi apresentado no passado dia 28 de Novembro, em Lisboa. E o tema é a “mobilidade sustentável”, já que, segundo explicou o director-geral da Nissan em Portugal, a empresa “tem como visão melhorar a vida das pessoas, criando, para isso, soluções de mobilidade cada vez mais amigas do ambiente”. Por isso, as histórias e ilustrações devem centrar-se nesta ideia.

Os alunos poderão participar desde que tenham até 21 anos. Primeiro, o concurso decorre na escola, e em duas fases. Na primeira, as histórias são escritas e apresentadas a um júri do estabelecimento de ensino, que selecciona a melhor. Depois, cabe à escola avançar para o concurso de ilustração da história vencedora, seleccionando o melhor trabalho.

A avaliação e escolha dos trabalhos finais será feita por um júri nacional composto por personalidades e entidades de reconhecida competência, nomeadamente a jornalista Bárbara Wong, o ilustrador Paulo Buchinho, o escritor António Torrado em representação da Sociedade Portuguesa de Autores, de que é membro da Direcção, e o pintor Eurico Gonçalves pela Sociedade Nacional de Belas Artes. Entre os parceiros da iniciativa, o PNL será representado pelo poeta Manuel Gonçalves e a Leya pelo seu presidente, Miguel Paes do Amaral.

Caberá a este júri escolher a melhor história, a melhor ilustração e o melhor conjunto (história e ilustração). Os trabalhos admitidos a concurso estarão ainda numa plataforma gerida pela Nissan e podem ser votados pela comunidade registada na página oficial da Nissan no Facebook. Ao todo, serão escolhidos dez trabalhos, incluindo os dos vencedores, e todos ganharão uma visita ao Nissan Design Center, em Londres, com fim-de-semana livre e alojamento incluído. Além disso, os trabalhos serão editados pela Leya.

O que vai diferenciar os vencedores dos restantes trabalhos escolhidos é que os que tiverem a melhor história e a melhor ilustração – que não serão necessariamente da mesma escola ou agrupamento – vão poder publicar, no próximo ano, um livro em conjunto em que farão uma história original com ilustração. O objectivo é descobrir novos talentos e contribuir para que permaneçam no mercado.

Na cerimónia de apresentação, o secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, João Grancho, admitiu que, neste momento de crise no país, “é uma boa contribuição aquele olhar crítico de um jovem”. Citado pelo Público, acentuou: “Precisamos de começar a ver o futuro pelos olhos dos jovens e é a interpretação da forma como eles vêem o futuro que nos ajuda muitas vezes a definir algumas metas e a corrigir caminhos”.

A intenção é que o projecto se repita anualmente, mas com diferentes temas a cada ano ligados à cultura e ao sector de automóveis. O concurso foi lançado no dia 3 de Dezembro nas escolas e, em Junho do próximo ano, serão entregues os prémios. A culminar esta acção, a seguir, os membros do júri e outras figuras públicas andarão pelo país em sessões de leitura das histórias vencedoras, em escolas, associações ou fundações.

RUI VIEIRA NERY VAI REGER A DISCIPLINA

## FADO É LECCIONADO PELA PRIMEIRA VEZ NUMA UNIVERSIDADE PORTUGUESA



O MUSICÓLOGO RUI VIEIRA NERY, Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores, vai reger a disciplina Culturas Musicais em Portugal: O Fado, no âmbito da Licenciatura em Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa.

Em declarações à Lusa, citadas pelo jornal Sol, na edição de 29 de Outubro, o musicólogo, que foi um dos responsáveis da candidatura do Fado a Património Imaterial da Humanidade, regozijou-se pelo facto de o Fado ser leccionado pela primeira vez numa universidade portuguesa,

e revelou que o objectivo da cadeira é “dar aos alunos um panorama geral da emergência do Fado a partir dos processos de mudança nas práticas musicais urbanas em Portugal, na viragem para o século XIX” e visa ainda dar a conhecer o desenvolvimento do género fadista até aos nossos dias.

Segundo explicou Rui Vieira Nery, a unidade curricular desenvolve-se em oito etapas. A primeira aborda “a música no salão burguês luso-brasileiro, do final do Antigo Regime. A cançoneta, a modinha e o lundum”.

Segue-se “o desenvolvimento do Fado dançado afro-brasileiro, a sua chegada a Lisboa nas décadas de 1820 e 1830” e “o Fado nos circuitos boémios e marginais de Lisboa. O mito fundador da [Maria] Severa (1820-1846)”.

O quarto ponto é sobre “a expansão social do Fado na segunda metade do século XIX. A Revista e o Teatro Musical. As edições para uso doméstico. A emergência do Fado operário e republicano”.

“A transição para o século XX. Renovação poética e musical. O arranque da indústria discográfica. Os novos locais de apresentação profissional” constituem o quinto ponto.

O sexto e sétimo são, respectivamente, “O Fado no Estado Novo. A censura, a carteira profissional e o licenciamento de recinto performativos. A rede das casas de Fado. O debate ideológico e político sobre o género”, e “Os processos de internacionalização e a renovação poético-musical das décadas de 1960 e 1970. O impacto do 25 de Abril de 1974. A crise do sector no Portugal democrático”.

O oitavo e último ponto corresponde ao “ressurgimento das décadas de 1980 e 1990. O ‘Novo Fado’, a entrada na *World Music* e a candidatura a Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO”.

Rui Vieira Nery regressa, assim, à docência na Universidade Nova, onde tinha já leccionado e onde é investigador do Instituto de Etnomusicologia – Música e Dança.

O musicólogo é também responsável pela docência na área da História da Música no espaço ibero-americano e por um seminário de doutoramento em Ciências Musicais Históricas, dedicado aos “Contextos e estruturas da vida musical portuguesa (séculos XVI-XXI)”.

Rui Vieira Nery foi secretário de Estado da Cultura entre 1995 e 1997, e é, actualmente, também, director do Programa de Língua e Cultura Portuguesas da Fundação Calouste Gulbenkian.

### OBRA DE RUI VIEIRA NERY ABRE COLECÇÃO SOBRE O FADO EDITADA PELA INCM

Uma nova edição de “Para uma história do fado”, de Rui Vieira Nery, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), abre uma colecção dedicada ao fado, que inclui a publicação de títulos inéditos e outros já esgotados no mercado.

“A ideia é constituir uma colecção de referência no Fado para os amantes e interessados no género, publicando obras inéditas, com conteúdos actualizados sobre o fado, e outras obras há muito fora do mercado, textos clássicos, de grande interesse e valia”, disse à Lusa o director de Marketing da INCM, Duarte Azinheira, no passado dia 3 de Novembro.

A nova colecção dedicada ao Fado tem prevista a publicação de cerca de 20 títulos, entre os quais “Fado canção de vencidos”, de Luiz Moita, publicado em 1936, “Fados da República”, também de autoria de Vieira Nery, ou “Os ídolos do Fado” de A. Victor Machado, publicado em 1937, pormenorizou Duarte Azinheira.

Esta colecção começou a ser projectada em 2010, mas só o ano passado foi assinado o protocolo entre a INCM, a Câmara de Lisboa e a EGEC (empresa municipal de Equipamentos e Animação Cultural) que constituiu a parceria sob a égide da qual se vão editar todos os títulos.

No campo da edição, a INCM tem já outras parcerias, nomeadamente com o Museu Nacional de Arte Antiga, o Museu de Etnologia, o Palácio Nacional de Queluz, a Fundação Mário Soares ou a Sociedade Portuguesa de Autores, entre outras.

A edição de “Para uma história do fado” actualiza a edição original publicada em 2004. Na introdução, Rui Vieira Nery afirma que, desde 2004, “há duas realidades que se evidenciam de forma inequívoca”: um reforço da dinâmica da “expansão do género que já se vinha assistindo desde os anos 80 no país e no circuito internacional”, e o “encerramento definitivo do debate histórico sobre a legitimidade político-ideológica e a dignidade estética do Fado”.

A INCM irá editar em inglês esta mesma obra, “com mais 80 páginas, pois considera Rui Vieira Nery que há conteúdos que faz sentido serem melhor conhecidos de um público que não é português”, explicou Duarte Azinheira.



## GRANDE PRÉMIO DE TRADUÇÃO LITERÁRIA ATRIBUÍDO A ALBANO MARTINS PELA SPA E APT

Com o patrocínio da SPA, acaba de ser atribuído, por unanimidade, o Grande Prémio de Tradução Literária APT/SPA ao poeta Albano Martins pelo trabalho de tradução realizado na “Antologia da Poesia Grega Clássica”, com a chancela da Portugália Editora, anunciou a Sociedade Portuguesa de Autores num comunicado divulgado no passado dia 13 de Dezembro.

O júri foi constituído por Annabela Rita, Isabel Ponce de Leão e Vasco Graça Moura. O prémio, pela primeira

vez patrocinado pela SPA, tem o valor pecuniário de 2.500 euros e é organizado pela Associação Portuguesa de Tradutores em parceria com a SPA. A nota do Conselho de Administração recorda que “um significativo número de tradutores, literários e não literários, são associados da nossa cooperativa”. Este prémio destina-se a sublinhar, na perspectiva da SPA e da APT, “o valor da tradução como forma de autoria, neste caso literária”.



JORGE LEITÃO RAMOS LANÇA "FERNANDO LOPES, UM RAPAZ DE LISBOA"

## "ESTE LIVRO É UM GESTO DE AMOR"

"ESTE LIVRO É UM GESTO DE AMOR. Aliás, não seria capaz de escrever sobre alguém que não gosto", afirmou Jorge Leitão Ramos, a encerrar a sessão de lançamento da biografia de sua autoria sobre a vida e obra do realizador de cinema Fernando Lopes, a que deu o título de "Fernando Lopes, um Rapaz de Lisboa". Sendo "factualmente exacto", todavia o livro, assegurou, "não é panegírico, pois nem todo o cinema que o Fernando Lopes fez é bom". "Fernando Lopes, um Rapaz de Lisboa", uma edição conjunta da Imprensa Nacional – Casa da Moeda e da SPA, foi lançado no passado dia 5 de Novembro, seis meses depois da morte do cineasta, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, da SPA e apresentado pelo jornalista e crítico António Loja Neves, com a presença do presidente da INCM, António Osório, e do presidente da SPA, José Jorge Letria.

Esta obra biográfica, da responsabilidade de "um dos mais prestigiados críticos e ensaístas portugueses na área do cinema", inaugurou uma colecção de biografias a publicar conjuntamente pela SPA e pela Imprensa Nacional e resultou de um convite feito pelo Conselho de Administração da cooperativa a Jorge Leitão Ramos, "sendo, ao mesmo tempo, uma homenagem prestada a um dos maiores cineastas portugueses de sempre", de acordo com os responsáveis da cooperativa.

### "UM HOMEM BOM QUE FEZ MUITO PELA CULTURA EM PORTUGAL"

"Este é também um acto de afecto por um homem bom que fez muito pela cultura em Portugal", corroborou o presidente da SPA, na abertura da sessão de apresentação do livro, destacando, entre outras acções, o percurso de Fernando Lopes no cinema português, atrás das câmaras, a importância na direcção de programas da RTP2, na co-produção de programas televisivos e como presidente do primeiro Centro Português de Cinema.

Fernando Lopes, que morreu a 2 de Maio passado, aos 76 anos, deixa obras no cinema português como "Uma abelha na chuva" (1972), "Nós por cá todos bem" (1976), "O fio do horizonte" (1993), "O Delfim" (2002) e "Em câmara lenta", estreado este ano pouco antes da morte. "Belarmino", um dos seus primeiros filmes, de 1964, é considerado uma das obras-primas do realizador e um marco do cinema novo português, por isso é um dos filmes destacados por Jorge Leitão Ramos na biografia, recordando a receptividade que teve na época.

"Foi sobretudo um realizador amigo de toda a gente, que ajudou muita gente, que queria genuinamente que os outros fossem bons", elogiou Jorge Leitão Ramos.

Conhecendo Fernando Lopes há mais de 30 anos, o autor compôs uma biografia de 208 páginas que versa

sobre a vida, a obra e a recepção contemporânea do realizador. "Fernando Lopes, um rapaz de Lisboa" faz assim um levantamento de histórias e factos da sua vida, desde os primeiros anos, e da sua filmografia, descrevendo todas as fichas técnicas e incluindo cartazes e imagens das filmagens. "Fiz um trabalho de montagem de muita informação já existente sobre Fernando Lopes, dispersa, por exemplo, pela imprensa portuguesa, e reuni ainda fotografias e dados recolhidos de conversas com algumas pessoas que se relacionavam com o realizador", explicou Jorge Leitão Ramos.

O autor, que lançou no dia 29 de Novembro passado, na Cinemateca Portuguesa, o terceiro volume do "Dicionário de Cinema Português", obra que fica agora completa com o período referente aos primórdios da sétima arte nacional, entre 1895 e 1961, lamentou que Fernando Lopes não tenha lido a sua própria biografia, que estava a ser preparada desde 2008.

### "PRESENÇA ASSÍDUA DOS CIRCUITOS CULTURAIS DA CIDADE"

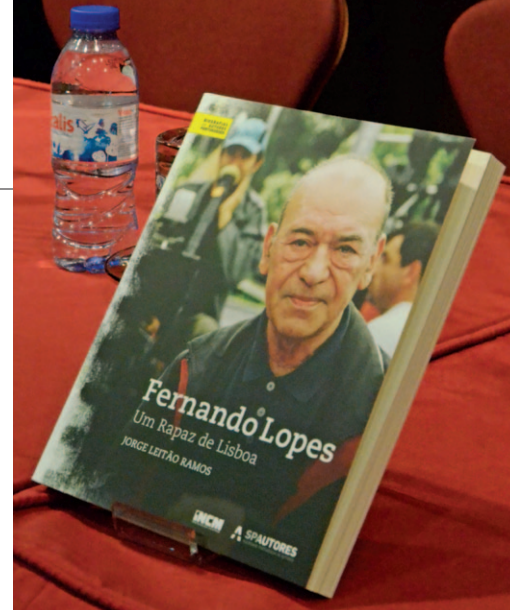
Apesar de ter nascido em Maçãs de Dona Maria, no distrito de Leiria, Fernando Lopes foi, efectivamente, um "rapaz de Lisboa", "fundamental na história do cinema português", presença assídua dos circuitos culturais da cidade, conforme referiu o jornalista e crítico de cinema António Loja Neves, que apresentou a obra, falando essencialmente do biografado.

Nascido a 28 de Dezembro de 1935, Fernando Lopes integrou a equipa inicial de jovens profissionais que fundou a RTP, em cujo quadro técnico ingressou em 1957, ano do início das emissões - e foi director do Canal 2 que, pela evidência do seu papel, chegou mesmo a assumir, como designação popular, o nome "Canal Lopes".

O despertar para a realização aconteceu através do movimento cineclubista, tendo sido sócio do Cineclube Imagem, dirigido por José Ernesto de Sousa.

Bolseiro do Fundo de Cinema Nacional, em 1959, foi estudar para a London School of Film Technic e estagiou na BBC.

"Era ferozmente cáustico e tinha uma sensibilidade nata para fazer montagem", contou António Loja Neves, acrescentando que "falava da vida quando falava de cinema e vice-versa". "A sua paixão pelo cinema – salientou – era tão forte que ele próprio transpirava cinema". A atestar esta afirmação, referiu-se a uma fotografia que está publicada no livro, em que Fernando Lopes aparece de tronco nu a dirigir os actores num filme. "Para além do trabalho braçal, que saía do trabalho intelectual e visceral, Fernando Lopes tinha uma relação com os actores muito impactante".



### O PRIMEIRO TÍTULO DE UMA COLECÇÃO DE BIOGRAFIAS SPA/INCM

O novo presidente do Conselho de Administração da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, António Osório, explicou na sessão o porquê da instituição que ora dirige participar na feitura deste livro, começando por afirmar:

"Fazendo uma reflexão política, achamos que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, como empresa pública que é, deve prestar serviço público. Há, pelo menos, que garantir um serviço público e a cultura é um serviço público fundamental".

E acrescentou que "quando as coisas se fazem em conjunto são mais fáceis de fazer", o que tem acontecido com a parceria mantida com a SPA, desde 2010.

"Já publicámos oito títulos da Colecção sobre Teatro e vamos dar início, com este livro, a uma série de biografias sobre autores portugueses", anunciou, sublinhando:

"Pretendemos aprofundar este protocolo com a SPA para desenvolver esta actividade, este tipo de modelo, tal como o queremos fazer com outras instituições de igual cariz, porque o vulgar editor livreiro não faz, logo não chega ao público."

*Edite Esteves*

### IMPRENSA NACIONAL E SPA MANTÊM E APROFUNDAM PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO EDITORIAL

O novo Conselho de Administração da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, presidido pelo Dr. António Osório, reafirmou a intenção de "manter e aprofundar o protocolo celebrado com a SPA em 2010 e que já teve como expressão a publicação de mais de uma dezena de títulos". O mais recente desses títulos foi "Fernando Lopes, o Rapaz de Lisboa", da autoria do crítico e investigador Jorge Leitão Ramos, de que damos notícia aqui.

De acordo com uma nota do Conselho de Administração datada de 11 de Dezembro passado, "a Imprensa Nacional e a SPA irão analisar, nos próximos meses, também em função dos constrangimentos orçamentais actuais, quais as áreas editoriais em que o protocolo deverá ser aprofundado e encontrar, eventualmente, novas formas de concretização". "Uma dessas áreas será sem dúvida, a das biografias de autores portugueses", adianta, referindo que a afirmação do Presidente da Imprensa Nacional, em relação à continuidade desta cooperação editorial foi feita na sessão de lançamento da biografia de Fernando Lopes. (ver notícia)





#### HOMENAGEM -SURPRESA A CARLOS AVILEZ

## SPA ASSOCIA-SE A CÂMARA DE CASCAIS E DISTINGUE ENCENADOR, NO TEATRO NACIONAL

O encenador e director do Teatro Experimental de Cascais, Carlos Avilez, “profundo conhecedor da grandeza e mistério da linguagem teatral e com uma capacidade única de criar e dirigir projectos”, foi distinguido, no passado dia 13 de Novembro, no Teatro Nacional D. Maria II, com uma homenagem-surpresa promovida conjuntamente pela SPA e pela Câmara Municipal de Cascais.

No final da representação de trechos de uma peça interpretados por jovens alunos seus, Carlos Avilez foi chamado ao palco pelo actual director do TNDM, João Mota, que lhe prestou as honras da casa, que ele também já dirigiu. E, para surpresa sua, o escritor e membro da Direcção da SPA António Torrado, após breves palavras, em que destacou o facto de “Carlos Avilez ter constituído uma abertura para a sua geração” e ter tido, entre outros, “o mérito de criar uma escola de espectadores”, fez-lhe a entrega solene de uma placa comemorativa desta data, em nome da casa de autores.

Dado o escasso tempo livre, atendendo ao normal funcionamento das salas de teatro do D. Maria, não foi lida, como estava previsto, a mensagem do presidente da SPA, a qual registamos aqui na íntegra.

## MENSAGEM PARA UMA DAS FIGURAS MAIS MARCANTES DO TEATRO PORTUGUÊS

A Sociedade Portuguesa de Autores celebra, nesta data, o talento e a carreira de Carlos Avilez, cooperador da SPA e uma das figuras mais marcantes do teatro português na segunda metade do século XX e na actualidade.

Já em ocasiões anteriores este testemunho de reconhecimento lhe foi conferido, designadamente através da atribuição da Medalha de Honra da SPA. Mas nunca é demais lembrar o grande homem de teatro que Carlos Avilez é e continuará a ser.

Deve-lhe, há muito, o meio teatral português a grande criatividade, o sentido de originalidade, o bom gosto, o conhecimento profundo da grandeza e mistério da linguagem teatral e também uma capacidade única de criar e dirigir projectos. Assim nasceu o Teatro Experimental de Cascais, em Novembro de 1965, continuando a ser uma companhia de referência da vida artística portuguesa. Por outro lado, não pode deixar de ser recordada a acção dinâmica de Carlos Avilez enquanto director do Teatro Nacional D. Maria II.

Por todas estas razões, é Carlos Avilez credor da nossa admiração, da nossa amizade e do incondicional aplauso dos seus pares, designadamente dos autores, que hoje lhe prestam esta homenagem, tendo também presente o muito que tem feito pela divulgação e dignificação das obras de autores portugueses, opção que constitui um dos pontos mais luminosos de uma longa e brilhante carreira ao serviço da cultura portuguesa.

13/11/2012

José Jorge Letria

Presidente da Direcção e do Conselho de Administração



## SPA ATRIBUI A TÍTULO PÓSTUMO MEDALHA DE HONRA A LUIZ GOES

A Direcção da SPA decidiu atribuir, a título póstumo, a Medalha de Honra da cooperativa ao compositor e cantor Luiz Goes, falecido no passado dia 17 de Setembro, conforme noticiámos na edição anterior da revista Autores. A decisão foi comunicada através de uma nota emitida pelo Conselho de Administração, com data de 17 de Outubro, a qual acrescenta que Luiz Goes, que foi um dos nomes mais representativos da música portuguesa desde final dos anos 50, na dupla condição de autor e intérprete, era associado da SPA desde 1957.

A Medalha de Honra da SPA foi entregue à família de Luiz Goes pelo presidente da SPA, José Jorge Letria, numa cerimónia realizada no dia 7 de Novembro, no Salão Nobre dos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Coimbra, sua terra natal e na qual ficou sepultado, numa iniciativa conjunta da SPA e daquele município. A cerimónia, em que marcou também presença o presidente do município, João Paulo Barbosa de Melo, encerrou com uma actuação musical, protagonizada pelo grupo Canto da Noite da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra e pelo Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra, que recordou alguns dos temas mais conhecidos de Luiz Goes.



# “A ‘LEONOR’ FOI UM PROJECTO DA MINHA VIDA”

**MARIA TERESA HORTA**

“Leonor” foi, sem dúvida, um projecto de vida de Maria Teresa Horta, “um projecto da minha vida”, como deixou bem vincado desde o início da conversa que a romancista e poetisa manteve com a Autores. Um projecto que a deixou totalmente “presa” e “apaixonada” por esta sua pentavó “poetisa, cultíssima e mulher arrojada” – Leonor de Almeida Portugal, Marquesa de Alorna ou “Alcipe”, como era conhecida. Treze anos e meio foi o tempo que demorou para investigar e escrever o belo romance de mil páginas “As Luzes de Leonor – A Marquesa de Alorna, uma sedutora de anjos, poetas e heróis”, editado em Novembro de 2011, e que foi recentemente distinguido com o Prémio Máxima de Literatura e o Prémio D. Dinis para Romance da Fundação Casa de Mateus, para além de colocar a autora como finalista dos prémios PEN Clube e Grande Prémio Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. Mas Maria Teresa Horta não se ficou pela ficção histórica. E, em Outubro passado, lançou no mercado os “Poemas para Leonor”, decorridos 15 anos sobre o início da sua apurada investigação. “Ao mesmo tempo que ia fazendo o romance, digamos que a Leonor me visitava também na poesia. O que é mais do que natural, dado que ela também era poetisa e, como era minha avó, era natural que esse intercâmbio do poema se desse”, esclarece a autora, assegurando que ainda hoje a Leonor está sempre presente na sua vida. Por isso, justificou, em parte, a atitude de coerência que teve ao recusar-se a receber o prémio das mãos do primeiro-ministro, facto que suscitou grande controvérsia: “Nunca iria fazer essa ofensa à Leonor, uma neta nunca envergonha a avó...”

**Qual o sentimento que te invade, neste momento, passada que foi toda esta polémica e depois de teres sido distinguida com o livro da tua vida? Deve ter sido extremamente empolgante para ti investigares e escreveres durante mais de 13 anos sobre uma figura como a poetisa Marquesa de Alorna, tão independente e livre, como tu, tua pentavó, e teres nas mãos uma obra de mil páginas que tem impressionado quem a lê.**  
Prémios à parte, é aquilo que menos interessa na literatura – a maioria dos grandes escritores não ganhou prémios –, a verdade é que a “Leonor”, sim, foi um projecto de vida, um projecto da minha vida e foi um grande projecto de regozijo e de prazer imenso. Claro que também foi pesado. Que me cansei.

**Chegaste a desanimar alguma vez?**

Sim, cheguei. Aí umas duas ou três vezes, em que tive de mudar tudo, porque a investigação feita, muita coisa que, em princípio, parecia estar certa, afinal não estava. E, portanto, algumas vezes tive que desmanchar capítulos. E, passados cinco, seis, dez, doze, catorze, quinze anos, é realmente desanimador. Nesta altura, estou com quinze anos de Leonor e ainda agora estou a falar com ela. E acaba de sair um livro [em Outubro passado] que tem ainda a ver com a Leonor.

**Que são os poemas.**

São os “Poemas para Leonor”, que foram feitos ao mesmo tempo, exactamente, de “As Luzes de Leonor”. Porque, ao mesmo tempo que eu ia fazendo o romance, digamos que a Leonor me visitava também na poesia. O que é mais do que natural, dado que ela também era poetisa e, como era minha avó, era natural que esse intercâmbio do poema se desse. E deu.

**Devem ter sido momentos muito emocionantes.**

Foi tudo muito emocionante e continua a ser. Tudo o que está ligado à Leonor, a este projecto e a ela própria.

**“INVESTIGUEI E FUI ESCRREVENDO AO MESMO TEMPO, FICÇÃO E POESIA”**

**A Leonor tem muito a ver contigo.**

Eu tenho muita coisa parecida com ela. A maneira de ser, a minha mãe também tinha muitas coisas que eu fui descobrindo ao longo dos tempos em que investiguei e fui escrevendo ao mesmo tempo. Comecei por investigar e passei logo a escrever. Fazia a investigação de manhã até à tarde – na Torre do Tombo foram seis meses em que eu só investiguei, porque estive lá desde que se abriam as portas até que fechavam. Tudo o que eu tive de fazer depois foi através das bibliotecas e tive uma

sorte muito grande, porque moro mesmo ao lado das Galveias, que eram a casa dos avós da Leonor, era a casa de campo dos marqueses de Távora. A Leonor veio aqui muitas vezes, porque a avó era muito chegada a ela, logo passou aqui muito tempo da vida dela. A vida da Leonor até aos oito anos, altura em que os avós foram assassinados. Portanto, eu vivo num espaço dos meus avós Távora.

**Que é uma coisa espantosa! E foi por mero acaso?**

Mero acaso, só vim a saber isso depois da investigação da Leonor. E o director da biblioteca do Palácio Galveias – era o Luís Sá, que agora está na Biblioteca Nacional – ajudou-me muito na investigação, porque pedia muitos livros para aqui para eu os poder ler ao pé de casa e não andar a correr as bibliotecas, o que me dava muito jeito. Ia para a biblioteca das Galveias e passava lá as manhãs todas e às vezes um bocado da tarde e depois vinha para casa escrever e escrevi desde quase sempre. Mesmo o tempo em que eu ia para a Torre do Tombo, mesmo aí, aos sábados e domingos escrevia.

**Ias fazendo a investigação de forma cronológica e ias logo escrevendo seguindo também o tempo?**

Eu não determinava o que escrevia: havia qualquer coisa que deflagrava, qualquer investigação que me interessava mais e a coisa surgia de repente. E nessa



**"A LEONOR É UMA FIGURA PRESENTE NA MINHA VIDA DESDE PEQUENA, PORQUE É UMA FIGURA MÍTICA DA FAMÍLIA DA MINHA MÃE, DOS MASCARENHAS**

altura já havia poesia em relação à Leonor. Muitas vezes, eu queria fazer um texto que não me estava a surgir e aí a poesia surgia e eu entendia o que é que queria fazer. Outras vezes era ao contrário, via um texto que me impressionava muito e, mais tarde ou mais cedo, o poema aparecia.

**"A MINHA GRANDE PROCURA É A BELEZA NA ESCRITA"**

**Entrelaçavam-se géneros.**

Entrelaçavam-se bastante. Até porque eu fui atrás da beleza. Eu acho que a minha grande procura é a procura da beleza na escrita. E na "Leonor" eu enchi aquele livro de beleza. Quando eu vou à Câmara Clara e a Paula me diz "Oh Teresa, ouve-se o sussurrar das saias", para mim é um grande elogio. Exactamente o que eu quis foi transformar a Leonor na mulher que ela foi, pelo menos, que eu imagino que ela foi. Ela deixou pistas por todo o sítio para chegarmos até ela e a tentarmos descobrir. Deixou tudo direitinho, embora encoberto, para nós irmos lá buscar e trazê-la até aqui, como eu fiz.

**E como é que se deu em ti esse impulso de ires buscar a Leonor?**

A Leonor é uma figura presente na minha vida desde pequena, porque é uma figura mítica da família da minha mãe, dos Mascarenhas. Foi uma mulher que me apareceu desde os meus 4, 5 anos, quando eu ia todos os dias ao Palácio Fronteira, em Benfica. Nós morávamos ali ao pé e a minha mãe, em vez de ir para outro jardim passear ia para casa do tio dela, que era irmão do pai, o tio José, naquela altura o Marquês de Fronteira. Quando o meu pai, que era médico, já no final da guerra, foi mobilizado para os Açores, aí é que eu deixei de ir ao palácio.

**Havia algo específico sobre a Leonor no palácio?**

No palácio está o retrato da Leonor, o mesmo que vem nos meus dois livros, quer o de ficção quer o de poesia, quer o "Luzes de Leonor", quer o "Poemas para Leonor". Eu não me lembro de mim, sem me lembrar desse retrato. E a minha mãe também tinha um livro na salinha onde ela recebia as amigas, do Marquês de Ávila e Bolama, que ela me vem dar quando eu começo a escrever o livro sobre a Leonor. Ela dizia muitas vezes: "Olha, filha, esta mulher é poetisa, é tua avó e era uma figura muito conhecida na época dela".



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

**Isso chamou de imediato a tua curiosidade...**

Isso para mim abriu logo postigos, abriu portas de claridade. Porque eu, como costume dizer, nasci na biblioteca do meu pai – aquilo era a paixão, o paraíso - desde pequenina, escondia-me debaixo da secretária, por trás dos cortinados, para poder ficar ali e aprendi a ler sozinha. Quando a minha avó vinha ter connosco, eu pedia-lhe para me ler o nome dos livros e pedaços deles, sobretudo quando o meu pai e a minha mãe saíam à noite. E ela dizia-me, no final: "Isto não é para tua idade, não percebeste nada". "Não, mas é tão bonito". Isto era uma paixão, realmente. Aliás, havia duas paixões naquela altura: o meu pai e a literatura e a minha mãe, duas belezas completamente diversas.

**"ESTE É UM LIVRO QUE VAI ATRÁS DO FEMININO DA VIDA"**

**Mas como é que tudo começou em relação a escrita sobre a Leonor?**

Quando eu começo a tentar entender o que ali estava, o que era aquilo, era um fascínio enorme. Mas a minha avó ia-me contando que eram todos homens. O meu pai não tinha uma mulher na estante, uma. E aí, quando a minha mãe diz "A Leonor é escritora, fazia poesia", fiquei completamente maravilhada. Afinal, as mulheres também podiam ser escritoras! Isso acompanhou-me toda

a minha vida. E quando eu vou para o liceu, a Marquesa de Alorna e o Filinto Elísio pertenciam ao programa. Ela era a introdutora do romantismo em Portugal. Na casa da minha mãe havia a poesia dela e eu fui sempre tendo contacto permanente com essa minha avó Leonor, sempre sabendo que ela era minha avó, até que cheguei a uma certa altura da minha vida em que resolvi concorrer à Bolsa de Criação Literária – estava o Manuel Maria Carrilho como ministro da Cultura. Concorri com ficção e poesia e deram-me a mesma bolsa para os dois livros. Aí, eu fiz a poesia, que era o "Só de Amor" e comecei a fazer a investigação da Leonor. Ó ironia! Porque eu tive à minha frente mais 13 anos e tal. Pedi o prolongamento da bolsa, eles acharam que era justo e tive mais um ano. E aí, sim, esse ano foi só para a Leonor.

**E depois?**

Só que sobre esse ano, há mais 12 anos e meio. Isto contando o romance, porque se formos a ver, na poesia já são 15 anos. Porque a poesia está a sair agora [Outubro]. Ora, os "Poemas para Leonor" são inseparáveis do romance. Essa era a minha grande teima. Já devia ter sido editado e o editor – a D. Quixote ou Leya - veio adiando, mas a verdade é que há ali poemas que têm 13 e 14 anos. O romance, neste momento, já tem seis edições e continua – não saiu da livraria desde que





entrou, o que é raro e um orgulho –, os “Poemas para Leonor” foram ontem para a livraria.

### Mas há os livros que ficam sempre.

E este tem ficado. Sabes, eu acho que este é sobretudo um livro para poetas e para mulheres. Porque é um livro que vai atrás não só da beleza, mas vai atrás do sonho. Vai atrás do feminino da vida. Vai atrás do voo do anjo. E isto quer dizer que é a beleza, a poesia, aquilo que não se explica e faz avançar o mundo, sem ser por bens materiais e sem ser premeditadamente. É dizer que, para se viver, há necessidade do sonho, há necessidade da beleza, há necessidade da poesia, há necessidade do voo de asa. Isto é o que eu quis dizer neste livro e mostrar quanto uma mulher pode mudar a visão do mundo. A Leonor atravessa dois séculos, porque começa em 1750, atravessa dos anos mais importantes da História da Humanidade, porque realmente a Revolução Francesa muda o mundo até hoje, e a Leonor estava lá. A Leonor era uma mulher que aqui em Portugal tinha tudo para dar errado, metem-na num convento com 8 anos e sai do convento com 27. Com 27 anos, no século XVIII tinha imensos pretendentes, era linda, inteligente, era cultíssima – em vez de ficar ali amarfanhada no convento, ela aproveitou para estudar, ela era autodidacta, mas não só, porque depois fazia com que a mãe contratasse professores que iam lá dar-lhe aulas, portanto, é uma mulher que saiu do convento e que tinha uma biblioteca feita de quase 700 livros.

### Em que convento é que ela esteve?

Esteve com a mãe e a irmã no Convento de São Félix em Chelas, que neste momento é o Arquivo Militar e precisa de ser recuperado. Tem das entradas mais belas dos conventos portugueses e é o convento português mais antigo. Aquilo começou por ser um templo vestal.

### “VINHAM PESSOAS DA CORTE E NÃO SÓ PARA VER LEONOR NA GRADE”

#### Investigaste através de poemas e cartas que ela escreveu, foi?

Sim. Ela escrevia poemas e cartas para as amigas, sobretudo para a Teresa de Mello Breyner,

Condessa de Vimieiro, e para o pai. Foi uma correspondência imensa. Desde os 8 anos de idade que aquela menina teve de escrever, porque a mãe era uma mulher muito frágil. E os pais dela, a família toda é assassinada. Aquilo foi um horror. Ela não tinha a força da Leonor e deixou de andar e de poder mover os braços. A Leonor é que cuidava dela lá dentro e escrevia ao pai. Às escondidas, claro, que o pai estava preso e não podia receber cartas, aquilo era tudo clandestino e escrevia muito nas entrelinhas com aquela tinta simpática de limão. Ela tem uma letra miudinha. Repara que eu falo dela no presente, porque para mim, ela existe. Consegui trazê-la até cá dois séculos depois, que era o que ela queria.

### Tu disseste que a palavra posteridade é recorrente nos seus escritos.

Ela fala de posteridade muitas vezes. Tem três testamentos, mas só no último é que se percebe que é um testamento a sério, os outros era uma maneira dela mandar recados. Ela só conversa com o tabelião e diz que não deixa nada a ninguém, deixa só memórias e enumera-as. Ele tem diários.

### Também os leste todos?

Diários, cadernos, papéis, poemas por todas as bibliotecas deste país, cartas, mantinha correspondência com o Conde da Barca, com a Teresa de Mello Breyner, com a Catarina de Lencastre, com o Bocage, com o Filinto Elísio. Com o Filinto era uma relação um bocado ambígua, porque ele era padre e depois foi expulso e teve que fugir. Foi para Paris, por causa da Inquisição. A grande paixão que consta do Filinto Elísio teria sido a Maria, a irmã dela. De qualquer maneira, a Leonor era uma figura de tal maneira solar, de tal maneira cintilante, era tão inteligente e tinha uma poesia tão espantosa! Mais: não aceitou os casamentos que o pai queria e casou com quem quis.

### E com quem é que a Leonor casou?

Com o Conde Carlos Augusto de Oyenhausen-Groewenbourg. Ele era alemão, de Hannover, e tinha vindo a Portugal com o primo, o Conde-Reinante de Schaumbourg-Lippe, contratado em 1762 por Pombal para organizar e comandar o exército.

### Ela conhece-o como?

Viu-o uma vez ainda no convento e depois conhece-o na corte. D. Maria II convida-a para passar um Verão no Palácio de Almeirim, que já não existe. É aí que depara mais com ele. Ele já tinha ido vê-la, porque não nos podemos esquecer que ela era um fenómeno, era cultíssima. Vinham pessoas da corte e não só para ver Leonor na grade. Ela juntava uma beleza muito grande a uma grande inteligência, a um grande talento poético e a uma ousadia muitíssimo grande.

### Tu reveste-te um bocado nela?

Claro que sim. Há coisas muito idênticas. O fazer poesia já é uma coisa muito interessante.

### “O FINAL É MUITO ROMÂNTICO E DEIXO TUDO EM SUSPENSE”

#### Tencionas continuar a investigar e a escrever sobre a Leonor.

Acho que já não tenho mais coragem. Teria de investigar outro tanto e escrever outras 1000 páginas. Investiguei até aos 53 anos dela.

### O que é que te levou a acabar aí?

Levou que eu ia demorar tanto tempo que o livro nunca mais saía. Se eu já tinha 1000 páginas e me recusava a cortar, que romance era esse? Na realidade, eu pensei ainda fazer um livro que tratasse do amor dela com o general francês Henri Forestier, conhecido pelo Aquiles da Bandeia, que foi a sua grande paixão, um homem lindo com 25 anos e ela com 50, já viúva. Se hoje causa tanto escândalo, imagina na época! Uma mulher de uma família conservadora da alta aristocracia, ela tinha tudo menos ser conservadora. Era uma mulher arrojada. Ainda teve oito filhos, mas nunca guardou aquilo a que se chamava resguardo. E muitas vezes, pegava na carruagem e ia-se embora para outro país e os filhos ficavam com o marido e com as mil-e-uma amas e criadas. A verdade é que ela não cumpria as regras da época. As cartas trocadas entre ela e a Teresa de Mello Breyner são impressionantes. A Teresa diz: “O que eu tenho sofrido por ler livros. Porque sou mulher não posso ler livros”. Isto são coisas que estão escritas. A correspondência entre elas é muito interessante, mas acaba, de forma estranha, quando a Leonor vem cá a Portugal e regressa depois a França. Daí vai para a Áustria, volta a França, de França para Portugal, volta para França e depois volta para Portugal e daqui vai para Espanha – ela era uma viajante. Então, exilada já por Pina Manique, foge para Londres. E depois, então, regressa de vez. Era uma mulher de uma modernidade incrível. E recebeu prémios de Matemática em França, de Ciências. Tinha 80 anos e saía todos os dias para a universidade para ir ter aulas de Física. É espantoso!

### Tu estás completamente apaixonada.

Eu considero que isto é um caso de paixão literária. Ela era minha avó directa, era trisavó do meu avô, do pai da minha mãe. Era minha pentavó.

### Há algum ponto culminante da vida da Leonor que te leva a terminar o livro quando ela tem 53 anos?

Sim. É quando o Henri Forestier, o destemido e bonito Aquiles da Bandeia, um jovem general de olhos azuis, que é a sua grande paixão, vai ter com ela, Mais romântico que isto não pode ser. O último texto é absolutamente romântico e deixo a coisa em *suspense*. *Edite Esteves*



**EU ACHO QUE ESTE É SOBRETUDO UM LIVRO PARA POETAS E PARA MULHERES. PORQUE É UM LIVRO QUE VAI ATRÁS NÃO SÓ DA BELEZA, MAS VAI ATRÁS DO SONHO. VAI ATRÁS DO VOO DO ANJO**



## PATENTE ATÉ AO PRINCÍPIO DE 2013 NA SALA-GALERIA CARLOS PAREDES

### O “JORNALISMO MÁGICO” DE KAPUSCINSKI DÁ A CONHECER A REALIDADE AFRICANA

Ryszard Kapuscinski, o jornalista, poeta e fotógrafo polaco, que trabalhou durante 40 anos para a PAP, agência de notícias polonesa, como correspondente estrangeiro na África e na América Latina, realizando matérias sobre 27 revoluções, golpes de Estado e insurreições diversas é o protagonista de uma intensa exposição de fotografia e texto patente na Sala-Galeria Carlos Paredes da SPA até princípios do próximo ano. Inaugurada no passado dia 16 de Novembro, a exposição “O Poeta da Reportagem - Ryszard Kapuscinski (1932-2007)”, ali documentada em painéis e obras suas, “é o percurso notável de um homem que, nascido em 1932, faz uma caminhada pelo mundo em transformação com uma capacidade única de levar para a escrita jornalística aquilo a que alguns chamaram ‘reportagem mágica’ ou ‘reportagem maravilhosa’, no sentido em que há espaço para a criação, mas também a capacidade de prender o leitor emocionalmente nas espantosas descrições que faz”, conforme sublinhou na abertura solene da mostra o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, também ele poeta e jornalista.

A sessão contou com a presença do novo embaixador da República da Polónia em Portugal, Bronislaw Nisztal, que enalteceu “o testemunho prestado por Kapuscinski sobre inúmeros acontecimentos e pessoas em todo o mundo” e com o jornalista Miroslaw Ikonowicze, um grande amigo de Ryszard Kapuscinski, jornalista da Agência Polaca de Imprensa e autor do livro “Hombre Kapuscinski”, que fez uma entusiástica intervenção sobre o autor da matéria exposta. Esteve ainda presente o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Polónia, Marcin Bosacki, que foi também jornalista e correspondente de um dos principais jornais polacos, a “Gazeta Wyborcza”.

#### “O QUE TODO O JORNALISTA SONHA FAZER”

Chamando a atenção para a importância que a obra de Kapuscinski tem em Portugal a partir de meados dos anos 90 com livros como “As Minhas Viagens com Heródoto – Entre a história e o jornalismo”, como “Ébano – Minha Vida na África” e “Imperador – A queda de um autocrata”, um livro extraordinário sobre Hailé Selassie I, José Jorge Letria

afirmou que “poucos jornalistas e escritores tiveram conhecimento tão profundo como Kapuscinski sobre África, lusófona e não lusófona”. “É muito difícil ver a transformação e a evolução deste continente, desta realidade mundial, sem recorrermos à leitura destes livros emblemáticos de Ryszard Kapuscinski”, sublinhou.

Após referir que a importância de Kapuscinski para os jornalistas e académicos em Portugal se deve muito ao trabalho da universidade, o presidente da SPA concluiu a sua intervenção, afirmando: “Com a minha experiência de quase 30 anos de jornalismo, eu acho que Kapuscinski conseguiu fazer aquilo que o jornalista normalmente sonha fazer quando escreve que é, sendo jornalista, deixar as portas abertas para a literatura e, uma vez por outra, conseguir ser também poeta como ele foi”. O livro “I wrote stone” (“Eu escrevi uma pedra”), editado em 2007, já depois da sua morte, “é a demonstração da importância que este homem tem no universo poético, quer na escrita, quer na fotografia”.

Na ocasião foram lidos pelo actor e encenador Álvaro Faria excertos da obra de Ryszard Kapuscinski “Mais um Dia de Vida – Angola 1975”, editada pela Campo das Letras, em 1997.

#### UMA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL COM ESTREIA NA SPA

Esta exposição internacional sobre “o poeta da reportagem”, que foi proposta pela Embaixada da República da Polónia à SPA, e foi uma co-produção, teve estreia em Portugal na casa dos autores, o que é significativo, “já que Kapuscinski é um autor e um autor jornalista, à semelhança de muitos autores que temos cá que são também jornalistas”, afirmou José Jorge Letria à Autores, sublinhando ainda como ponto a acrescentar à sua importância para nós, portugueses, o facto dele ter tido uma ligação muito forte com Angola, a Angola em guerra e depois várias gerações, como se pode testemunhar ao ver a mostra.

O presidente da SPA aproveitou ainda a oportunidade para manifestar a disponibilidade da cooperativa para manter colaborações de índole diversa com embaixadas, com institutos culturais internacionais e com outras entidades, que permitam ultrapassar o mero âmbito das iniciativas só sobre autores e com autores.

No próximo ano, a Sala-Galeria Carlos Paredes tem já programadas algumas exposições, entre elas, uma sobre Luzia Maria Martins em colaboração com o Museu do Teatro e a evocação do centenário do nascimento de João Villaret. *Edite Esteves*



# CONFERÊNCIA

## DEBATE JUSTA REMUNERAÇÃO DOS

"O que é que as sociedades de gestão colectiva (SGC) fazem em prol dos autores e o que podem fazer nas plataformas digitais para assegurarem que os autores são remunerados por todas as utilizações das suas obras" foi o tema geral da conferência proferida pela directora do Departamento de Relações Internacionais da Sociedade Portuguesa de Autores, Vanda Guerra, no Conselho Europeu de Escritores, que decorreu no Parlamento Europeu, em Bruxelas, no dia 4 de Junho passado. Dada a importância e a actualidade do tema, abordado no âmbito de uma conferência europeia, patrocinada pela Authors' Licensing and Collecting Society, do Reino Unido, em que participaram autores literários, técnicos ligados ao sector livreiro e especialistas na gestão colectiva, para uma análise e debate sobre a questão da "luta por um equilíbrio entre o acesso, a justa remuneração e os direitos dos autores", publicamos aqui na íntegra o texto apresentado pela directora da SPA, o qual reflecte as preocupações que a nossa cooperativa enfrenta no contexto da era digital que atravessamos, à semelhança do que acontece com todas as outras sociedades de gestão colectiva do direito de autor, seja a nível europeu, seja a nível mundial.

### GESTÃO COLECTIVA:

## UM DIREITO DO AUTOR?

VANDA GUERRA

APESAR DOS TEMPOS CONTURBADOS que atravessamos e dos ferozes ataques que as Sociedades de Gestão Colectiva (SGC) têm sido alvo, muito poucos têm a coragem de refutar abertamente que estas são indispensáveis aos autores e à gestão efectiva dos seus direitos. Antes pelo contrário, há mesmo quem continue a defender que não é possível encarar o futuro do direito de autor sem a existência destas sociedades.

O autor é um criador de bens culturais imateriais. Pelo que, para garantir a sua sobrevivência, esses bens têm de adquirir um valor económico através da sua materialização e uso. Porém, nem sempre os talentosos criadores possuem o dom e os meios que lhes permitam promover e assegurar uma exploração justa das suas obras. É esse o principal papel das SGC, apesar das diferenças entre si, dependendo do repertório que gerem, das circunstâncias da sua génese e das tradições em que se inscrevem. Agindo em representação e no interesse dos autores seus membros, administrando os direitos que lhes são confiados e assegurando a sua protecção, as SGC estabelecem a necessária ponte entre os autores e os utilizadores das suas obras, garantindo que os autores sejam remunerados pelas utilizações que das mesmas são feitas.

De acordo com os seus interesses, os autores podem confiar a gestão de todos ou parte dos seus direitos à SGC, especialmente aqueles em relação aos quais o seu exercício individual seria impraticável ou legalmente impossível. Contudo, é frequente os autores confiarem a gestão dos seus direitos às sociedades, mesmo quando estes podem ser geridos individualmente, visto acreditarem que as SGC podem obter melhores resultados na gestão dos mesmos.

Saber se a existência destes organismos ainda hoje faz sentido ou se, pelo contrário, os autores poderiam viver sem eles é, no fundo, responder à questão se ainda hoje se verificam as razões que justificaram o seu aparecimento.

Tomemos como exemplo a obra literária. Em muitos países, e ao contrário do que se passa entre nós, o mandato é normalmente conferido à SGC apenas para a gestão de direitos secundários, que podem abranger a cópia

privada, a reprografia, o direito de comodato, os fins educativos, a radiodifusão, etc. Ou seja, toda uma série de formas de utilização das obras relativamente às quais seria extremamente difícil para o autor garantir a concessão das respectivas e necessárias autorizações, ou mesmo garantir a mera cobrança dos direitos que delas resultam. Já para não falar de todas as outras formas de utilização relacionadas com a digitalização das obras. Aí podemos encontrar um vasto campo de actividades que têm por base as obras protegidas, em que o autor se sente normalmente desprotegido face à dimensão e poder dos usuários com que tem que negociar, especialmente naqueles casos em que assistimos a fenómenos de digitalização massiva de obras.

Lembremos as situações que, embora com contornos totalmente diferentes, foram criadas por projectos como a EUROPEANA, o Google Book ou o Google Art projects.

Quem falou em nome dos autores nessas situações? Quem estudou as estratégias que melhor pudessem responder à forma massiva como estavam a ser utilizadas as obras dos autores sem o seu consentimento? Quem procurou defender os seus direitos? Para que entidades se voltaram os autores procurando esclarecer as suas dúvidas e encontrar resposta para as suas inquietações?

Definitivamente, a existência das SGC continua a fazer todo o sentido. Diremos mesmo que, face à conjuntura actual, elas são cada vez mais imprescindíveis aos autores. Pelo que poderemos afirmar, sem risco de exagero, que a sua existência corresponde a um verdadeiro direito do autor.

As SGC continuarão a desempenhar um papel importante num futuro dominado pelos novos media. Tratam-se de estruturas necessárias quer aos autores, quer aos utilizadores, e são agentes facilitadores da disseminação das obras, desempenhando um importante papel público ao facilitarem o cumprimento da lei, permitindo aos utilizadores aceder legalmente às obras e aos autores obter a devida remuneração, num contexto onde é cada vez mais difícil identificar as diversas utilizações.

# EUROPEIA

## AUTORES NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

AGINDO EM REPRESENTAÇÃO E NO INTERESSE DOS AUTORES SEUS MEMBROS, ADMINISTRANDO OS DIREITOS QUE LHE SÃO CONFIADOS E ASSEGURANDO A SUA PROTECÇÃO, AS SGC ESTABELECEM A NECESSÁRIA PONTE ENTRE OS AUTORES E OS UTILIZADORES DAS SUAS OBRAS, GARANTINDO QUE OS AUTORES SEJAM REMUNERADOS PELAS UTILIZAÇÕES QUE DAS MESMAS SÃO FEITAS



A gestão dos direitos dos autores e a administração das respectivas obras é hoje uma tarefa cada vez mais complexa. A necessidade de avaliação de formas inovadoras de utilização das obras, designadamente no contexto digital, a criação e implementação de novas formas de licenciamento e a monitorização de um número de utilizações que cresce exponencialmente todos os dias, requer a concentração e a utilização de vários recursos e sistemas informáticos bastante sofisticados que, simplesmente, não estão acessíveis aos autores, individualmente.

O papel desempenhado pelas SGC é essencial, salvaguardando os autores e os utilizadores do fardo burocrático do licenciamento, da cobrança dos respectivos direitos e da monitorização da utilização das obras.

E por último, não pode deixar de ser mencionado o papel social e cultural desempenhado por muitas sociedades. Deve sublinhar-se a importância da criação e manutenção de esquemas de pensões e de ajuda financeira que auxiliam os criadores a enfrentar dificuldades económicas, especialmente nestes tempos de crise que estamos a atravessar. Muitas delas também contribuem para o financiamento de actividades culturais e para a promoção e disseminação das obras dos repertórios que gerem. Também asseguram um acesso sem discriminação às obras, desempenhando assim um papel muito importante na preservação do nosso património cultural, que deve ser reconhecido e promovido no mundo globalizado em que vivemos.

Mas, efectivamente, os tempos mudaram. E as velhas estruturas em que tradicionalmente as sociedades de gestão assentavam, também foram forçadas a evoluir por forma a dar resposta às

novas exigências dos autores seus membros, bem como dos utilizadores das suas obras e até do público consumidor. Nos dias de hoje, as SGC têm de ser mais flexíveis, mais transparentes e mais eficientes. Esta necessidade de mudança impôs-se por si própria e foram ocorrendo mudanças no seio de cada sociedade, como resultado de um processo de discussão interna que envolveu os respectivos membros. Outras mudanças surgiram no seio dos organismos que reúnem as diversas sociedades, por exemplo, com o aperfeiçoamento e a modernização das regras profissionais aprovadas pela Assembleia Geral da CISAC em 2007, a que todas as sociedades membros devem obedecer.

As regras profissionais reúnem as melhores práticas para a governação, a administração e a condução financeira e comercial de uma gestão colectiva. Elas representam um grande marco no percurso da CISAC, e reflectem o contínuo e efectivo compromisso dos seus membros relativamente aos mais altos padrões de uma administração colectiva moderna.

Existem, naturalmente, alguns princípios-chave a que deve obedecer a gestão das SGC, a benefício da transparência das suas actividades e de uma saudável relação com os seus membros. Mencionando alguns deles, deve ser bem clara, especialmente para os membros das SGC, a forma como as cobranças dos direitos se processam, e como estes transitam, da cobrança para a distribuição e, finalmente, desta para os autores: como é determinado o valor dos direitos e quando é feita a cobrança dos mesmos; o que é deduzido dos direitos recebidos e para que fins; regras de distribuição claras e transparentes; um calendário de distribuição claramente

definido. Têm que ser também muito claras, especialmente para os membros das SGC, o conjunto de regras e regulamentos internos que determinam a forma como cada SGC opera, tais como os seus estatutos, as regras de distribuição, os contratos-tipo de licenciamento e as tarifas praticadas.

Seguindo a mesma tendência de evolução, está prestes a ser tornada pública, previsivelmente no início deste Verão, a proposta de uma directiva europeia relativa à gestão colectiva, e nós acreditamos que um quadro legal europeu que consagre de forma apropriada um conjunto de princípios e de regras a que o funcionamento das SGC deverá obedecer irá contribuir para a criação de uma atmosfera de confiança e segurança, na qual as actividades das SGC se poderão desenvolver de numa maneira bem mais facilitada e transparente.

Contudo, não devemos esquecer que todas as sociedades de gestão são já controladas pelas autoridades de concorrência nacionais e europeias e pelas leis do país onde estão sedeadas. Assim, embora seja desejável a consagração de um conjunto de princípios-chave orientadores do funcionamento das sociedades, teremos de ser cuidadosos em relação à aplicação de modelos pré-definidos, visto que as sociedades de gestão são entidades orgânicas cuja forma actual não é só o resultado de um equilíbrio interno, mas também do sistema legal particular no qual cada uma delas foi criada, evoluiu e opera.

Acima de tudo, os membros das SGC terão de ter sempre a última palavra, visto que a melhor defesa dos seus direitos e interesses deverá ser sempre a única razão para a existência daquelas.



# AUTORES MAIS



100 pontos  
na adesão ao cartão FNAC  
[www.fnac.pt](http://www.fnac.pt)



Um conjunto de descontos proporcionados aos associados, seus cônjuges e filhos.  
[www.universidade-autonoma.pt](http://www.universidade-autonoma.pt)  
tel. 800 291 291



O Plano Pro-cooperadores contempla significativas vantagens num tarifário apelativo.  
contactar:  
[manuel.teixeira@vodafone.pt](mailto:manuel.teixeira@vodafone.pt)



Seguro de saúde para autores com menos de 45 anos.  
[www.casadaimprensa.pt](http://www.casadaimprensa.pt)  
Tel. 21 342 02 77/78



Descontos em todas as lojas de 20% em óculos graduados (aros e lentes); 15% em óculos de sol; 10% em lentes de contacto, líquidos e outro material óptico. [www.optivisao.pt](http://www.optivisao.pt)



10% de desconto na tarifa promocional nas viaturas de passageiros, de viaturas comerciais e na tarifa promocional internacional. Para reservas (contrato nº 50432483) [www.europcar.pt](http://www.europcar.pt)  
tel. 351 21 940 77 90  
Email: [reservas@europcar.com](mailto:reservas@europcar.com)

“Autores Mais” é um benefício exclusivo dos autores da SPA e não representa nenhum custo adicional para os sócios. Para informações mais detalhadas contactar os serviços.



20% desconto pela utilização do estúdio.  
[www.mdlestudios.com](http://www.mdlestudios.com)  
Para marcações:  
Telm : 93 400 59 24  
Email: [celiacosta@mdlestudios.com](mailto:celiacosta@mdlestudios.com)



15% desconto de sobre os preços em vigor, em todos os serviços (Banhos Relaxantes, Massagens Terapêuticas, Acupuntura e outras Terapias Alternativas). Pacotes de serviços com um preço especial.  
Para marcações contactar: Vanessa  
Telefone: 217157010  
Telemóvel: 917448484  
[www.nipon-terapias.com](http://www.nipon-terapias.com)



Oferta da inscrição inicial, existindo apenas o pagamento de 25€ para despesas administrativas e testes iniciais 10% na mensalidade em todos os clubes do país.  
[www.holmesplace.pt](http://www.holmesplace.pt)



Descontos de 30 e 45% na assinatura anual e bi-anual, respectivamente, nas publicações Visão, Expresso Exame, Jornal de Letras, Courier Internacional, Activa, Casa Cláudia e Exame Informática.



10% de desconto no alojamento HOTEL LISBOA CENTRAL PARK  
Morada: Av. Sidónio Pais, nº 4  
1050-214 Lisboa  
Email: [info@lcpark.com](mailto:info@lcpark.com)  
RESERVAS: Tel.: 21 350 2060  
FAX: 21 352 6703 / 21 356 2144



Serviço de entregas ao domicílio  
Produtos de Agricultura Biológica  
5% de desconto sobre o PVP na aquisição de produtos  
[www.biocoop.pt](http://www.biocoop.pt)  
219 410 479  
Rua Salgueiro Maia, 12  
2685-374 Figo Maduro  
Prior Velho



Fabricantes de CD's, DVD's, PENs/, USBs  
10% de desconto em todos os trabalhos  
[www.mpo-pt.com](http://www.mpo-pt.com)  
tel: 21 859 2854  
Email: [geral@mpo-pt.com](mailto:geral@mpo-pt.com)



**Ser sócio ACP é ter:**

Médico em casa por apenas 10€, mecânicos aptos para assistir a viatura no local, técnicos de assistência no lar, escola de condução com elevada taxa de sucesso, apoio jurídico, seguros nas melhores condições do mercado, facilidade para tratar da documentação, combustíveis mais baratos, bilhetes de cinema a preços de 2ª feira, descontos em parceiros por todo o país e muito mais!

ACP? Claro que sou sócio!

Oferta: Para SPAUTORES na adesão ao ACP: Isenção de Jóia e 10% na 1ª anuidade

Vá já uma delegação ACP ou ligue **707 509 510**, atendimento 24h.

[www.acp.pt](http://www.acp.pt)

Com o objectivo de proporcionar sempre mais e melhores serviços aos autores, a Administração da SPA acaba de reforçar o serviço "Autores Mais", fruto de um longo trabalho de negociações e pesquisa de parcerias.

Através desta rubrica os cooperadores e beneficiários da nossa cooperativa passam a usufruir de condições especiais e de importantes vantagens de utilização relativamente a prestigiadas marcas de bens e serviços da sociedade portuguesa, mediante a apresentação do cartão de sócio da SPA.

Os acordos estabelecidos até ao momento englobam:



***Dê um desconto à rotina & desfrute de umas mini-férias com 10% de desconto.***

**Marque a sua estadia num Pestana Hotel & Resort ou numa Pousada de Portugal e aproveite os 10% de desconto para leitores da Revista SPA.**

Não acumulável com outras promoções, cartões ou descontos em vigor.

Reserve através da central de reservas 282 240 001, do e-mail [reservas.portugal@pestana.com](mailto:reservas.portugal@pestana.com) ou nos sites [www.pestana.com](http://www.pestana.com) e [www.pousadas.pt](http://www.pousadas.pt) com a inserção do código: 11210UC9D.

INFORMAÇÕES E RESERVAS

282 240 001  
[reservas.portugal@pestana.com](mailto:reservas.portugal@pestana.com)



Descubra as vantagens exclusivas para membros do programa

PESTANA  
PRIORITY  
GUEST



## SESSÃO COMO “DIRIGIR AUTORES”

A sessão do Ciclo Jaime Salazar Sampaio “A Dramaturgia e as Artes do Espectáculo” do passado dia 25 de Outubro focou o tema “Dirigir autores”. Convidados para explorar esta faceta da arte de Talma, estiveram no palco do auditório da SPA dois grandes actores e directores de actores: Lucinda Loureiro e António Melo.



## “CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS”

Sob o título “Caminhos do Cinema Português”, a sessão do dia 29 de Novembro teve como ponto de partida para o debate, o Festival dos Caminhos do Cinema Português, onde foram seleccionados para concurso 67 filmes, entre as 200 candidaturas apresentadas. Numa fase grave em que o Governo corta os apoios à Cultura, qual será o futuro do cinema português, foi a questão abordada. Na mesa esteve o director do festival, Vítor Ferreira, a programadora Margarida Mateus e Fernando Mateus, jornalista, docente universitário, realizador e produtor de vídeo em cinema e televisão.



## EVOCAÇÃO DOS “150 ANOS DE AUGUSTE LUMIÈRE”

O crítico de cinema e presidente do Conselho Fiscal da SPA Jorge Leitão Ramos proferiu, no dia 24 de Outubro, no Auditório Mastro Frederico de Freitas, uma conferência evocativa dos 150 anos do nascimento de Auguste Lumière. No seu estilo rigoroso, apaixonado e factual, Jorge Leitão Ramos pormenorizou, sempre com o apoio de projecções alusivas, a saga dos famosos Irmãos Lumière, que “enriqueceram com películas fotográficas e não com películas de cinema”, conforme deixou provado.

## “A LINGUAGEM MUSICAL”

“A Linguagem Musical” foi uma divertida abordagem por dentro da música, ilustrada ao piano, proferida e interpretada pelo Maestro Miguel Graça Moura. A sessão decorreu no Auditório Maestro Frederico de Freitas, no dia 22 de Novembro.



### ESCRITOR SCALABITANO VENCE COM O POEMA “O RELÓGIO”

#### JOVEM SAMUEL PIMENTA PREMIADO EM CONCURSO LITERÁRIO NACIONAL

O jovem escritor scalabitano de 22 anos Samuel Pimenta, associado da SPA desde 2006, foi um dos oito premiados no concurso Jovens Criadores 2012 na vertente de Literatura, com o poema “O Relógio”. O concurso, com o apoio da Secretaria de Estado do Desporto e Juventude (SEDJ), do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) e do Clube Português de Artes e Ideias (CPAI), visa promover e premiar os novos valores nacionais no domínio das artes. Este é o primeiro prémio literário nacional ganho por Samuel Pimenta. O poema “O Relógio”, de 13 páginas, insere-se na linha da poesia de intervenção e irá integrar a colectânea Jovens Escritores 2012, que reunirá todas as obras premiadas na área de Literatura, segundo

refere o jornal O Ribatejo. Em anos anteriores, José Luís Peixoto, João Tordo, Valter Hugo Mãe e Ondjaki foram alguns dos escritores premiados no mesmo concurso. Além do reconhecimento literário, esta é uma oportunidade de promoção do trabalho do jovem escritor de Alcanhões. Em Novembro, decorreu a Mostra Jovens Criadores 2012, que reuniu todos os vencedores das várias categorias a concurso. Samuel Pimenta nasceu a 26 de Fevereiro de 1990, em Alcanhões, Santarém. Licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, é beneficiário da Sociedade Portuguesa de Autores desde 2006. Em 2007, ficou classificado em 2.º lugar no Concurso de Escrita da Biblioteca Municipal Dr. Hermínio Duarte Paciência, em Alpiarça. Em 2010, foi um dos contemplados com o VI Prémio Literário Valdeck Almeida de Jesus na vertente de poesia, no Brasil. É autor do romance “O Escolhido”, editado pela Planeta Editora, primeiro volume da Trilogia “Heros, O Escolhido”, e alguns dos

seus poemas integram antologias poéticas em Portugal e no Brasil.

### NO 5.º ANIVERSÁRIO DO MUSEU DO NEO-REALISMO

#### PRÉMIO CARLOS PAREDES FOI ENTREGUE EX-AEQUO A “HAJIME” E A “FADO MUTANTE”

O Prémio Carlos Paredes, entregue na cerimónia das comemorações do 5.º aniversário do Museu do Neo-Realismo, que decorreu no passado dia 26 de Outubro, em Vila Franca de Xira, foi atribuído este ano ex-aequo, aos trabalhos discográficos “Hajime” (Jazz Português), de André Carvalho e “Fado Mutante” (Novo fado de inspiração Ibérica), dos Rosa Negra. O galardão, que tem vindo a afirmar-se no panorama musical e cultural do país, como se pode demonstrar não só pela qualidade como pela diversidade das candidaturas apresentadas, já distinguiu nomes tão

sonantes do panorama musical, português e internacional, como Bernardo Sassetti, Mário Laginha, Pedro Jóia e Ricardo Rocha. Na presente edição integraram o Júri José Jorge Letria, na qualidade de representante da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Carlos Alberto Moniz, compositor, músico e representante da Sociedade Portuguesa de Autores; Ruben de Carvalho, crítico musical; e Pedro Campos, compositor e músico.

#### PRÉMIOS AMÁLIA DISTINGUEM ÁLBUM DE FERNANDO ALVIM

Na sua sétima edição, os Prémios Amália alargaram as categorias para fora do fado, tendo sido distinguidas 22 personalidades em 13 categorias. O CD Os Fados e as Canções do Alvim, de Fernando Alvim, foi o Álbum do Ano “dentro do fado”, enquanto “fora do fado” foi o CD Em Busca das Montanhas Azuis, de Fausto Bordalo Dias. A cerimónia de entrega decorreu no dia 30 de Novembro, no Coliseu de Lisboa.



# OS QUE PARTIRAM

## MANUEL ANTÓNIO PINA (1943-2012)



### POETA E PRÉMIO CAMÕES 2011

A Direcção e o Conselho de Administração da SPA manifestam o seu mais sentido pesar pelo falecimento, no passado dia 19 de Outubro, do poeta, jornalista, autor de literatura para crianças e jovens e guionista de televisão Manuel António Pina, associado da SPA desde 1978 e seu cooperador desde 1985.

Galardoado com o Prémio Camões em 2011, Manuel António Pina, que foi jornalista durante mais de três décadas, “viu consagrada a qualidade de uma obra que teve expressão reconhecida pelo público e pela crítica em vários domínios, em particular a poesia, domínio em que se tornou uma referência fundamental das últimas duas décadas”, segundo releva a nota de pesar emitida pelo Conselho de Administração da SPA no dia do seu falecimento.

Por outro lado – acrescenta o texto – mesmo afastado da rotina das redacções dos jornais, “Manuel António Pina continuou a colaborar regularmente como cronista, deixando nos seus textos a marca de uma ironia, de uma atenção ao quotidiano e de uma visão crítica de Portugal que faziam parte da sua forma de estar no mundo e na literatura”.

Jornalista do Jornal de Notícias durante cerca de três décadas, Manuel António Pina, que era licenciado em Direito, manteve a sua actividade como cronista no JN e também na revista Notícias Magazine.

Tendo-se estreado como autor de literatura para crianças em 1973, com o livro “O País de Pernas para o Ar”, Manuel António Pina, segundo salienta o Conselho de Administração da SPA, criou uma extensa obra neste domínio, com destaque para títulos como “Gigões & Anantes” ou o “Pequeno Livro da Desmatemática”. Publicou também teatro, colectâneas de crónicas e uma extensa obra poética de que sobressaem títulos como “Cuidados Intensivos”, “Atropelamento e Fuga”, “Gatos”, “Poesia, Saudade da Prosa” ou “Como se Desenha uma Casa”.

O último livro “para crianças” — um texto para todas as idades, como grande parte dos seus livros para crianças — chamou-se “História do Sábio Fechado na Sua Biblioteca” (2009) e adaptava, para teatro, um texto mais antigo. O livro é, de acordo com o crítico literário e seu amigo Osvaldo Silvestre, “uma pérola da Assírio & Alvim e nele Manuel António Pina discorre sobre dois dos grandes temas da sua obra: a sabedoria e a morte”. Numa evocação de Manuel António Pina, o crítico termina, asseverando: “Mas talvez a melhor maneira de fazer justiça à riqueza da sua obra (cuja poesia reuniu em “Todas as Palavras”) consista em recuperar para o autor todas as implicações contidas no nome de um dos seus ‘heterónimos’ de 1974, sem dúvida o mais feliz: Billy the Kid de Mota de Pina”.

### A PAIXÃO PELOS GATOS

A sua obra foi distinguida com um Prémio Gulbenkian, o Prémio de Poesia da Casa da Imprensa, o Prémio de Poesia Luís Miguel Nava, o Grande Prémio

de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores e, finalmente, com o Prémio Camões em 2011, por toda a sua obra, que inclui poesia, crónica, ensaio, literatura infantil e peças de teatro.

Manuel António Pina escreveu ainda para televisão, exerceu advocacia e foi publicitário, antes de ingressar na redacção do Jornal de Notícias. “O escritor nunca escondeu a sua paixão pelos gatos, que tinha com abundância em casa e que várias vezes evocou e celebrou nos seus textos e entrevistas devendo, por esse motivo, esta referência constar da notícia necrológica com que dele nos despedimos”, sublinha a nota de pesar da SPA, que termina, endereçando a sua Direcção e Conselho de Administração à família de Manuel António Pina “o testemunho do seu mais solidário pesar, nesta hora de perda”. O escritor que nasceu, em 1943, no Sabugal, na Beira Alta, vivia no Porto desde os 17 anos numa casa com muitos gatos, que lhe davam material de sobra para os poemas e para as suas histórias para os mais novos. Conta-se, e foi relatado no JL em 2001, segundo citação feita na edição do Público do dia 20 de Outubro, que “durante a visita a uma exposição de retratos de escritores portugueses na Feira do Livro de Frankfurt, Helmut Kohl terá parado em frente da fotografia de Manuel António Pina e de um gato e perguntado quem era o escritor. Responderam-lhe que era ‘o do bigode’. E o chanceler terá dito: ‘Bigodes têm os dois!’”

Também a jornalista e poetisa Maria Augusta Silva, no sítio Casal das Letras, refere que numa longa entrevista que lhe fez um dia, Manuel António Pina não esqueceu o seu gato ao defender a ideia de que “Somos seres para o esquecimento. Eu serei esquecido, o gato que me olha de cima do computador será esquecido. Somos feitos para o esquecimento (...)”.

### “OS POETAS NÃO MORREM”

A morte de Manuel António Pina, 68 anos, já era esperada, porque o autor encontrava-se internado no Hospital de Santo António, no Porto, desde o Verão, devido a um cancro.

Várias gerações de jornalistas, escritores, políticos de vários quadrantes ideológicos, como Miguel Cadilhe (PSD), Manuel Pizarro (PS), Honório Novo (PCP), Alda Sousa, eurodeputada do Bloco de Esquerda, e personalidades da vida pública portuguesa marcaram presença no seu funeral, que saiu da Igreja do Foco, no Porto, onde esteve em câmara ardente, para o cemitério do Prado do Repouso, onde foi sepultado.

“Vai continuar a viver comigo. É mais um ‘adeus, até já’ a um grande homem de Portugal”, declarou o ex-presidente da Câmara do Porto Nuno Cardoso, citado pela edição de 22 de Outubro do Público. “É uma perda, sendo que os poetas não morrem. Talvez o leiam mais agora”, acrescentou. Alberto Martins, do PS, lembrou as lutas que travaram juntos no Movimento de Esquerda Socialista (MES) e a favor da candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo à Presidência da República, em 1986. Recordou o “sentido de justiça” de um “espírito criador, livre, ‘futurante’, uma figura ímpar” — “um poeta na vida e no sonho”.

Germano Silva, companheiro de Pina no Jornal de Notícias, via nele o “melhor cronista da actualidade” em Portugal e um jornalista “inovador” que rompeu com o formalismo no ofício de contar histórias que ainda prevalecia no Portugal dos anos 1970. Pina “encarava a vida, sem ódios, sem rancores”, disse ao Público. “Tinha um sorriso que era uma janela aberta sobre o coração dele”, sublinhou.

### MEDALHA DE HONRA DA SPA

Manuel António Pina vai ser homenageado pela Sociedade Portuguesa de Autores, que lhe vai atribuir a título póstumo a sua Medalha de Honra, não tendo ainda sido divulgada a data e o local da cerimónia, a qual deverá realizar-se no Porto, dirigida à sua família. Aliás, à semelhança do que já aconteceu em Coimbra com Luiz Goes, no passado dia 7 de Novembro, como noticiamos noutra local desta revista. “É um momento em que nós mostramos à opinião pública que estas figuras pertenciam ou pertencem a esta comunidade de autores e uma forma de dizer à opinião pública que



lhes estamos gratos por tudo aquilo que eles representaram”, disse à Autores o presidente da SPA, José Jorge Letria, completando a justificação dada num comunicado divulgado no dia 31 de Outubro, em que o Conselho de Administração afirma que “deste modo, a SPA destaca a importância de uma obra literária multidisciplinar e de invulgar qualidade”.

Também a Câmara do Porto aprovou, por unanimidade, dois votos de pesar (do PS e CDU) pela morte, de Manuel António Pina, um dos quais propôs que o nome do escritor e jornalista seja associado à toponímia da cidade. Por seu turno, foi anunciado que a próxima edição do A Poesia Está na Rua será dedicada a Pina. O festival, que decorre anualmente em Santo Tirso, já lhe tinha dedicado a sua terceira edição (2006). Durante um mês (Março), os agentes culturais do concelho articulam-se para espalhar a poesia pela rua. *EE*

### VICTOR WLADIMIRO FERREIRA (1934 – 2012)

#### AUTOR DA OBRA “SPA, UMA CASA DE MEMÓRIAS”

Com o desaparecimento de Victor Wladimiro Ferreira muitos episódios pitorescos da História de Portugal, colhidos em publicações de vida efémera e escassa difusão, mais depressa vão desvanecer-se e afundar-se na desmemória. Victor Wladimiro era um erudito e um divulgador, atributos que raramente se encontram associados.

Professor de Cultura Portuguesa e de História das Mentalidades, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1978-89), assistente de António José Saraiva, V. W. ampliou a sua docência muito para além das portas da Faculdade. Tendo antes leccionado no ensino secundário, em Lourenço Marques, donde era natural e onde a família materna estendera raízes desde há quatro gerações, a diversidade dos seus interesses culturais evidenciou-se nas séries de palestras radiofónicas semanais de sua autoria, emitidas nas RDP 1 e 2, entre 1978 e 2003, sobre temas tão díspares como os que vão de “Portugal visto por olhares estrangeiros” a “Rainhas e Princesas de Portugal”. No entanto, os seus temas preferidos, sobre os quais escreveu incansavelmente, para simpósios, colóquios, cursos, roteiros, revistas, jornais, apresentações e prefácios, centravam-se em Camilo Castelo Branco, Bordalo Pinheiro, Bulhão Pato, Júlio César Machado e Manuel Teixeira Gomes (também em colaboração com Urbano Tavares Rodrigues). Literatura e Gastronomia atraíam por igual a sua atenção.

Director editorial do Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube, em 19 volumes, e da revista Sol XXI, autor ou co-autor de mais de uma dezena de livros e antologias da sua exclusiva responsabilidade, à sua meticolosa investigação e fluente escrita se deve, em edição da SPA- D. Quixote, o livro que conta a história da nossa Sociedade “SPA, uma casa de Memórias”, publicado em 2006. Deixou para publicação a fotobiografia de Teixeira Gomes, encomendada pela Câmara Municipal de Portimão. E uma grande saudade no grupo restrito dos seus amigos.

*António Torrado*

Um cultor e divulgador da História de Portugal que muitos leram e/ou ouviram, Vítor Wladimiro Ferreira, de seu nome próprio, faleceu na madrugada do dia 22 de Outubro passado.

### JOAQUIM BENITE (1943-2012)

#### CRIADOR DO FESTIVAL DE TEATRO DE ALMADA

A SPA lamentou, em nota de pesar emitida a 5 de Dezembro passado, o falecimento nesse mesmo dia, aos 69 anos, do encenador e jornalista Joaquim



Benite, seu beneficiário desde 1981. Joaquim Benite, natural de Lisboa, fundou o Grupo de Teatro de Campolide e, mais tarde, a Companhia de Teatro de Almada, bem como o Festival de Teatro que, ao longo de décadas, tem animado aquela cidade. Benite destacou-se também como jornalista em jornais como o

“Diário de Lisboa” e “o diário”.

O Conselho de Administração da SPA salienta nessa nota que “o encenador levou à cena um grande número de autores portugueses e valorizou os nomes mais importantes da dramaturgia internacional, facto que lhe valeu o reconhecimento de entidades portuguesas”.

A SPA, de que Benite foi membro, lamentou o seu falecimento e testemunhou o seu pesar à família de Joaquim Benite e à Companhia de Teatro de Almada, fazendo “votos no sentido de que o projecto por ele iniciado e desenvolvido prossiga com êxito”.

### ANTÓNIO DAMIÃO/HENRIQUE NICOLAU (1941-2012)

#### REALIZADOR DE CINEMA E ESCRITOR DESTACOU-SE NA LITERATURA POLICIAL

A SPA lamenta, em nota de pesar, o falecimento do seu cooperador António Damião, sócio da cooperativa desde 1973 e seu cooperador desde 1977. Nascido em Outubro de 1941 em Pocariça de Alenquer, este realizador de cinema e escritor, que utilizava o pseudónimo de Henrique Nicolau nas suas obras literárias de cariz policial, faleceu em Lisboa, na madrugada do dia 13 de Julho.

António Damião distinguiu-se como assistente de realização e realizador de cinema, tendo trabalhado com realizadores como António de Macedo, José Fonseca e Costa, António da Cunha Telles e Pierre Kast, entre outros. Estreou-se na realização com a curta-metragem “Talvez Amanhã”. Para além disso, foi co-guionista dos filmes “Off”, de Ruy Guerra, em 1994, e de “Água na Fervura”, de José Pedro Andrade dos Santos, de 1995.

De 1969 a 1980, realizou também filmes de publicidade, curtas-metragens, jornais cinematográficos e programas de televisão, nomeadamente “Ensaio”, “Impacto” “Palavras Herdadas” e, ainda, “O Viajante”, adaptação do conto homónimo de Manuel Mendes.

No comunicado, emitido no mesmo dia da sua morte, o Conselho de Administração acrescenta que António Damião, “utilizando o pseudónimo Henrique Nicolau, destacou-se como um prolífico autor de literatura policial com obras como ‘O Trabalho é Sagrado’, ‘A Escola da Verdade’, ‘Alcança quem não Cansa’, ‘Uma Vida em Beleza’, ‘O Meu Nome Já Se Foi’, e ‘Alpista do Canário’, entre outros”. Seria, de resto, distinguido com os prémios Editorial Caminho de Literatura Policial, em 1985, com a obra “O Trabalho é Sagrado”, e Repórter X, da Associação Policiária Portuguesa, em 1992, com “Todos e Nenhum”. Em 1988, publicou ainda pela Editorial Caminho o romance “Na Boca da Infância”.

Testemunhando à família de António Damião/Henrique Nicolau o seu sentido pesar e a sua solidariedade, a Direcção e a Administração da SPA acrescentaram ainda que o autor “deixou colaboração dispersa por várias publicações e foi escritor convidado em festivais internacionais de literatura policial”.

**CORRECÇÃO:** Publicamos nesta edição, agora de forma correcta, a notícia da morte do realizador de cinema e escritor António Damião, que assumiu o pseudónimo de Henrique Nicolau para as suas obras de cariz policial, pedindo as nossas mais sinceras desculpas pelos erros assinalados na informação saída na última revista.

# EDIÇÕES SPA



## COLEÇÃO DE TEATRO – 1.ª SÉRIE

- 1 - “A Bela Impéria” - Carlos Selvagem
- 2 - “Um Dia de Vida” - Costa Ferreira
- 3 - “O Arcanjo Negro”  
- Aquilino Ribeiro/L. Oliveira Guimarães
- 4 - “A Prima Eugénia” - Manuel Fragoso
- 5 - “A Menina Feia” - Manuel Frederico Pressler
- 6 - “Casaco de Fogo” - Romeu Correia
- 7 - “O Meio da Ponte”, “A Rabeca”  
e “O Anfiteatro” - Hélder Prista Monteiro
- 8 - “É Urgente o Amor” - Luiz Francisco Rebello
- 9 - “A Sopa Juliana” - Ascensão Barbosa  
e Abreu e Sousa
- 10 - “A Batalha Naval” - Jaime Salazar Sampaio
- 11 - “A Vida É Assim” - Ruy Correia Leite
- 12 - “O Preço da Honestidade” - Cristiano Lima
- 13 - “A Mantilha de Beatriz”  
- Carlos Wallenstein/Pinheiro Chagas
- 14 - “Anatomia de Uma História de Amor”  
- Luzia Maria Martins
- 15 - “Bocage” - Sinde Filipe
- 16 - “Os Preços” - Jaime Salazar Sampaio
- 17 - “As Cadeiras Celestes” - Norberto Ávila
- 18 - “Histórias do Dia-a-Dia” - Hélder Costa
- 19 - “O Segredo da Abelha” - Ricardo Alberty
- 20 - “Teatro Nome de Jogo”, “Todo Um Elenco”  
e “Terceiro Acto ou Um Tempo Hoje, Um Lugar  
Aqui” - Pedro Bandeira Freire
- 21 - “Noite Branca” - António Júlio Valarinho
- 22 - “O Homem da Bicicleta” - Jaime Gralheiro
- 23 - “O Gato” - Henrique Santana
- 24 - “Diálogos da Sala de Fumo”, “Até às Cinzas”  
e “Para Romper o Cerco” - Joaquim Murale
- 25 - “Alguém Terá de Morrer”  
- Luiz Francisco Rebello
- 26 - “Saídas da Casca” - César de Oliveira  
/Paulo da Fonseca/Rogério Bracinha
- 27 - “O Andarilho das Sete Partidas”  
- Romeu Correia
- 28 - “Como os Ratos Destruíram Nova Iorque”  
- Miguel Barbosa
- 29 - “A Nova Ilusão” - António de Macedo
- 30 - “Papão e o Sonho” - José Jorge Letria
- 31 - “Os Imortais” e “O Candidato”  
- Hélder Prista Monteiro
- 32 - “Meio-Dia” - Luís Figueiredo Tomé  
“Intimidades” - Paulo César “Apresentação  
da Noite” - Al Berto
- 33 - “A Vila” - H. Prista Monteiro
- 34 - “Anákis” - Abel Neves

## COLEÇÃO DE TEATRO – 2.ª SÉRIE

- 1 - “Com os Fantasmas Não se Brinca”  
- Mário Castrim
- 2 - “Teatro do Silêncio” - António Torrado
- 3 - “Deuscão” - Jaime Rocha
- 4 - “A Encenação” - Lauro António
- 5 - “O Osso de Mafoma” - António de Macedo

- 6 - “África” - Isabel Medina
- 7 - “A Espada de Fogo” - Carlos Selvagem
- 8/9 - “A Espada de Cristal”  
e “Maria da Lua” - Fernanda de Castro
- 10 - “As Viagens de Henrique Lusitano”  
- Norberto Ávila
- 11/12 - “De Graus” e “Não É Preciso Ir a Houston”  
- H. Prista Monteiro
- 13 - “Supermercado”, “1 a 1 no Fim do 1º Tempo”  
e “Talvez Um Acaso sem Dúvida”  
- Pedro Bandeira Freire
- 14 - “Abel Abel” - Augusto Sobral
- 15 - “O Estreito” - José Jorge Letria
- 16 - “A Lixeira” - Miguel Barbosa
- 17 - “Anticleia” - Pedro Barbosa
- 18 - “Rosas Vermelhas para Adélia”  
- Odette de Saint-Maurice
- 19 - “Medusa” - Abel Neves

## COLEÇÃO DE TEATRO – 3.ª SÉRIE

- 1 - “Sim, Uma Dúvida Basta” - Ferreira de Castro
- 2 - “Trapo de Luxo” - Costa Ferreira
- 3 - “Todo o Amor É Amor de Perdição”  
- Luiz Francisco Rebello
- 4 - “Dramaturgia de Abril” - Vários Autores
- 5 - “O Meu Irmão Augusto”  
e “Aqui de Passagem” - Jaime Salazar Sampaio
- 6 - “Sonho, Paixão, Mistério do Infante  
D. Henrique” e “O Ser Sepulto”  
- António Rebordão Navarro
- 7 - “A Palmatória” - Romeu Correia
- 8 - “Conte Comigo” - António Torrado
- 9 - “Noites de Anto” e “A Ilha de Oriente”  
- Mário Cláudio
- 10 - “A Invasão dos Marcianos”, “Quando  
os Cientistas Sonham”, “Um Naufrágio...no Sara”  
e “A Grande Guerra” - Matos Maia
- 11 - “A Ilha de Argüim” - Francisco Pestana
- 12 - “Teatro Estúdio do Salitre”  
- Alves Redol e outros
- 13 - “A Maçon” - Lídia Jorge
- 14 - “Henriqueta Emília da Conceição”  
- Mário Cláudio
- 15 - “O Príncipe de Spandau”, “Mi Rival”  
e “Parabéns a Você” - Helder Costa
- 16 - “O Grande Circo Ibérico” e “É(h) Meu!”  
- Jaime Gralheiro
- 17 - “Príncipe Bão” - Fernando Augusto
- 18 - “Às Vezes Neva em Abril” - João Santos Lopes
- 19 - “O Construtor”, “Quinze Minutos de Glória”  
e “O Terceiro Andar” - Jaime Rocha
- 20 - “Epílogo em Ialta” - José Jorge Letria
- 21 - “Pátrias”, “Lixo” e “A Catacumba”  
- Francisco Nicholson
- 22 - “O Estranho Caso do Trapezista Azul”  
- Mário Cláudio
- 23 - “Garrett - Uma Cadeira em S. Bento”  
- Silvina Pereira
- 24 - “Madame” - Maria Velho da Costa

- 25 - “D. João e Julieta” - Natália Correia
- 26 - “Teatro” - Pedro Bandeira Freire
- 27 - “Garrett Fantasia em Duas Partes”  
- João Osório de Castro
- 28 - “A Última Batalha” - Fernando Augusto
- 29 - “Casa de Pássaros” - Jaime Rocha
- 30 - “Sem Flores Nem Coroas” - Orlando da Costa

## COLEÇÃO DE TEMAS JURÍDICOS

- 1 - “Novas Tecnologias de Comunicação e Direito  
de Autor” - Margarida de Almeida Rocha
- 2 - “Centenário da Convenção de Berna”  
- (Sessão comemorativa da Academia  
das Ciências de Lisboa)
- 3 - “Direito de Autor: Gestão e Prática Judiciária”  
- (Seminário organizado pelo Centro  
de Estudos judiciais e a SPA)
- 4 - “A Questão da Legitimidade Processual em  
Matéria de Direito de Autor” - Luso Soares
- 5 - “Protecção do Título de Jornal” - Ferrer Correia,  
Oliveira Ascensão, António Maria Pereira  
e Luiz Francisco Rebello
- 6 - “O Direito Pessoal de Autor do Ordenamento  
Jurídico Português” - Alberto Sá e Mello

## Colecção Témis em co-edição com as Publicações Dom Quixote

- 8 - “Comunicação Pública de Emissões de Rádio e  
Televisão” - Introd. Coord. De Luiz Francisco Rebello
- 10 - “Introdução ao Direito de Autor”  
- Luiz Francisco Rebello
- 11 - “Constitucionalidade da Protecção Penal  
dos Direitos de Autor e da Propriedade Industrial”
- 12 - “A Protecção Jurídica do Software e a Internet”  
- Rui Saavedra
- 13 - “Garrett, Herculano e a Propriedade Literária”  
- Luiz Francisco Rebello

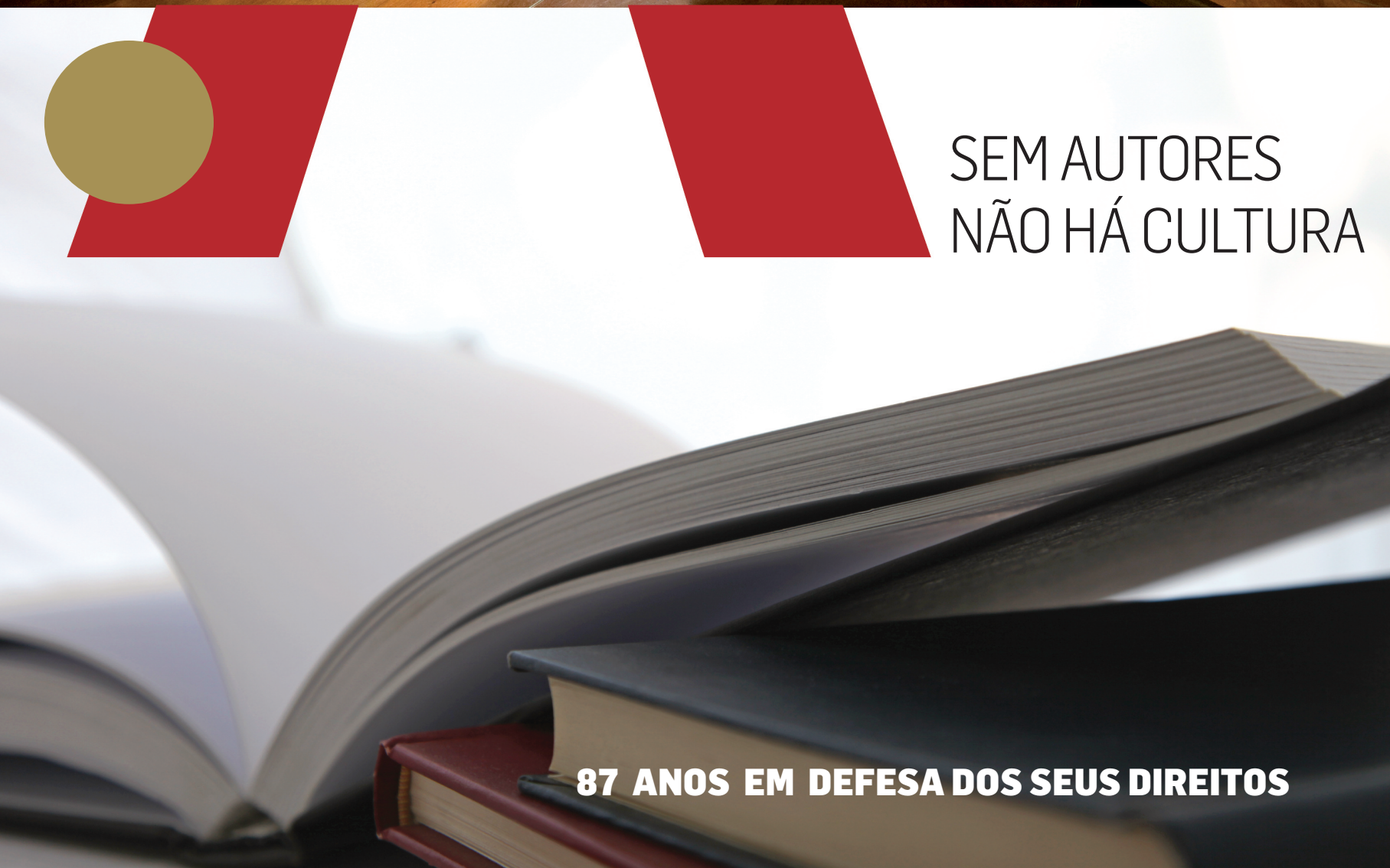
## COLEÇÃO “A OBRA E O AUTOR”

- 1 - “JOSÉ SARAMAGO, Aproximação a um Retrato”  
- Baptista-Bastos
- 2 - “MANOEL DE OLIVEIRA, e a Montra  
das Tentações” - José de Matos-Cruz
- 3 - “NÓBREGA E SOUSA, Uma vida Cheia de  
Música” - Jerónimo Bragança
- 4 - “ANTÓNIO DE MACEDO, Cinema a Viragem  
de uma Época” - José de Matos-Cruz
- 5 - “ARTUR RAMOS, O Olhar e a Representação”  
- José de Matos-Cruz





**SPAUTORES**



SEM AUTORES  
NÃO HÁ CULTURA

**87 ANOS EM DEFESA DOS SEUS DIREITOS**